

# REVISTA DA SEMANA



## A FOME VAI DEVORAR O BRASIL

DECLARA O PROFESSOR JOSUÉ DE CASTRO EM  
ANÁLISE A SITUAÇÃO PRECÁRIA DO NOSSO POVO

N. 9 3-3-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil



O BAILE DO  
"TRAVESTI"





EM



POSITIVAMENTE, não são oficiais prussianos ensaiando o «passo de ganço» (foto da esquerda). O bruto da direita, para melhor conquistar a garôta, passou-lhe uma corrente pelo pescoço. Francamente, assim até eu.

# QUITANDINHA



A MODA, esse ano, foram as meias de malha, tipo «Can-Can». Não houve melindrosa que não aparecesse com uma. Essas duas, por exemplo, não fugiram à regra. A da esquerda ainda levava, à cabeça, um chapéu coberto de plumas caríssimas, e sobre o corpo um leve véu transparente.





A MARCHA é o ponto de partida para o desfile. Os carros são puxados por homens e mulheres. A música é tocada por uma banda. O desfile acontece à noite, com muita luz e cor.



A MARCHA é o ponto de partida para o desfile. Os carros são puxados por homens e mulheres. A música é tocada por uma banda. O desfile acontece à noite, com muita luz e cor.

TODO FOLIAO realmente digno desse nome sabe da história: sábado é dia de festa no Copa; segunda a noite é do Municipal. Na terça, as opiniões variam. Mas no domingo à noite, só há um caminho: o baile de gala do Quitandinha. Por isso mesmo, quando chega o dia marcado, é um tal de automóveis e de ônibus e caminhonetes subindo a serra, que dá gosto de ver. No carnaval desse ano de 1956, foi o que aconteceu. E, a despeito do trabalho que às vezes dá arranjar a condução para Quitandinha, a verdade é que o sacrifício é plenamente compensado pela animação e esplendor do baile. Tanto, que o número de foliões que ficam do lado de fora, por falta absoluta de ingressos, é quase igual ao dos felizardos que, chegando a tempo, conseguem nele ingressar. Foi o que se viu esse ano. Muita gente, nos salões, e do lado de fora. Mas tudo dentro da ordem, sem que a polícia necessitasse de recorrer a medidas nem sempre muito delicadas, porém muito eficientes, para conter os ânimos dos mais exaltados. O lança-perfume, é claro, fez suas aparições esporádicas na mão de mais de um brincalhão; não deu, porém, para transbordar os ânimos. Quanto ao resto, as orquestras tocaram dentro do ritmo, houve fantasias, e muitas, caras e encantadoras, muitos brotos e marmalhões se «arrumaram» reciprocamente, em suma: as coisas andaram boas para os lados do Quitandinha. Agora, é esperar o ano que vem, e já sabem: domingo de carnaval, por volta das nove horas da noite, o jeito é irem subindo a serra, que a fuzarca é das melhores. — (Fotos de SÉRGIO ANDRADE).





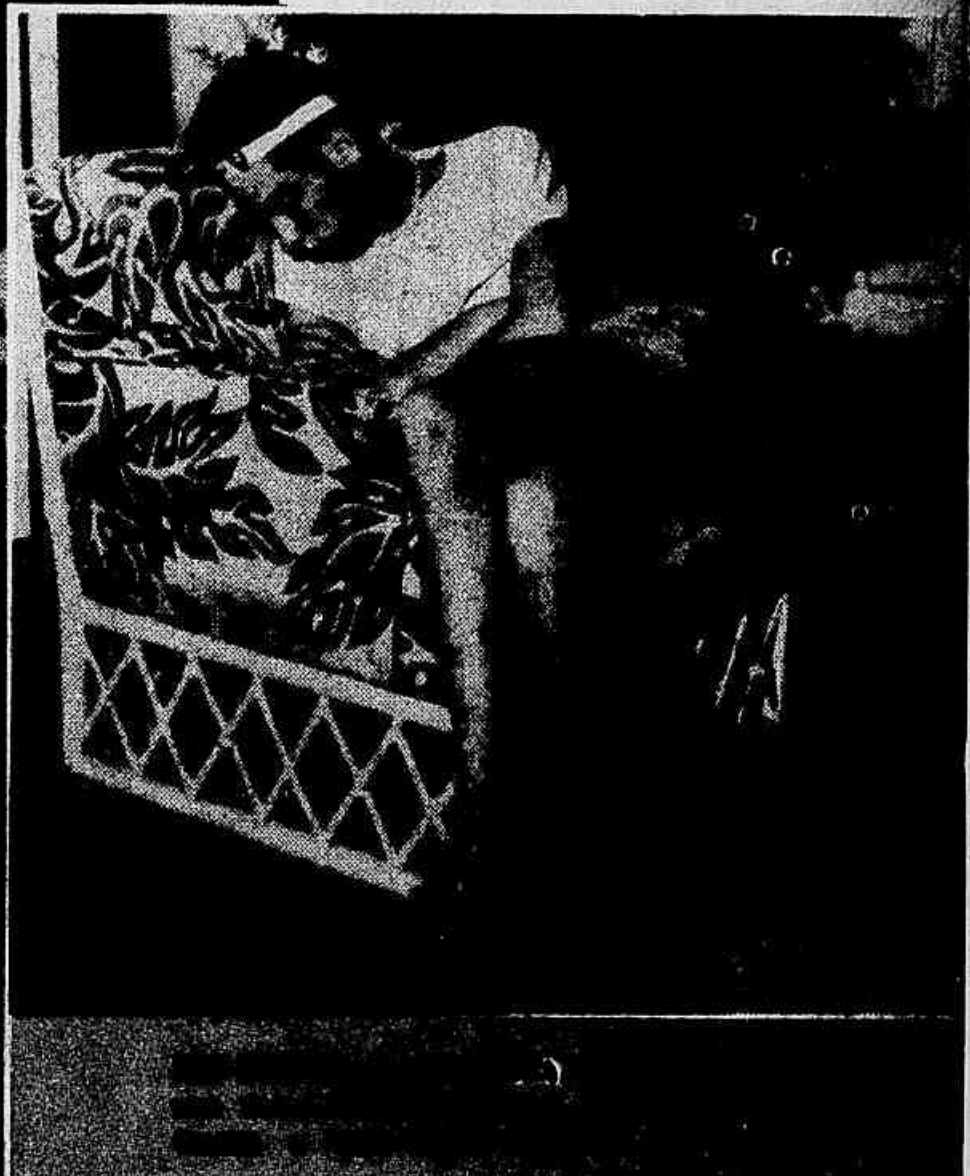
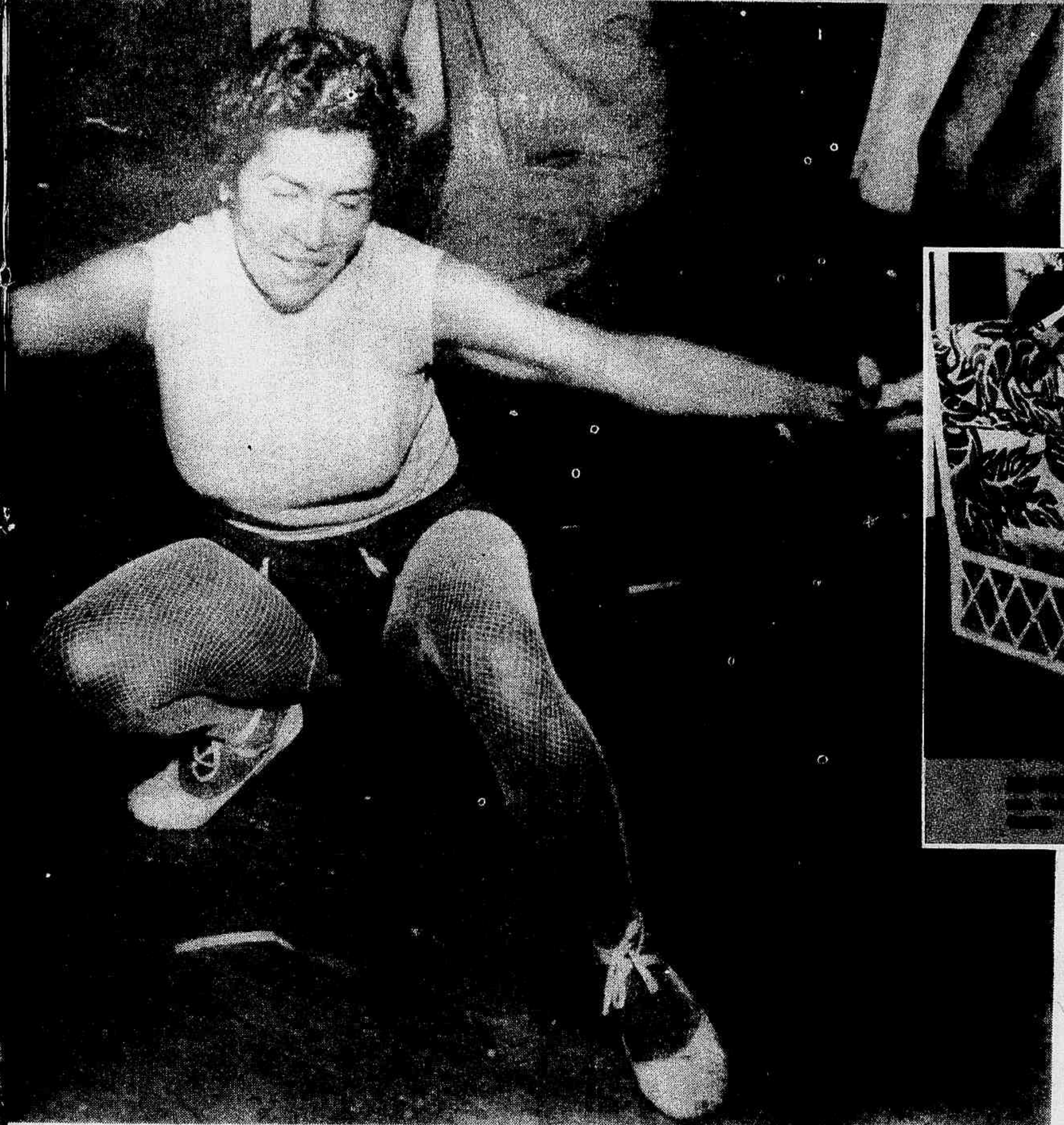


## QUITANDINHA

DOMINGO o baile é em Quitandinha. Não há carnavalesco que se preze que desconheça o fato. Os três que figuram nessa página, por exemplo, subiram a serra e não se arrependeram. Vejam a «sentenciada» como saracoteia. E a greguinha subiu à mesa, para que o fotógrafo melhor pudesse documentar, na chapa, sua plástica admirável.







O FREVO ANDOU FAZENDO SUA APARIÇÃO PELOS SALÕES DE QUITANDINHA. A MENINA É PERNAMBUCANA MESMO, OU ESTÁ FINGINDO?



**ESSE CASAL** dançou a noite inteira — ela, com uma fantasia tãda atravessada, ôle, de grego. E nada de «vai, que depois eu vou»: iam sempre juntos.



**NÃO ESTÁ** de língua de fora, não: aquilo é apito, no duro. E a menina se diverte à sua maneira, poupando a garganta para os futuros carnavais. Uma idéia genial.



**ESSA MENINA**, conhecida de Pernambuco, de chinchilas e tudo, se divertiu à vontade durante toda a noite no Baile. Mas não se misturou com a massa.



# A Mãe do Rio



Conto de ALBERTINA COSTA REGO DE ALBUQUERQUE

Desenho de JERONYMO RIBEIRO

**C**OMEÇARAM as jornadas para a extração do pau-rosa. Todos os anos é assim, quando as águas começam a crescer, embarcações superlotadas de homens partem seguindo os meandros do cipoal líquido para a caça da madeira perfumada.

Como o produto está em boa cotação, o entusiasmo é grande, partem a cantar e atirando foguetes. E assim, vão-se distanciando os motores, deixando uma esteira lisa na superfície levemente encrespada e o tec-tec-tec-tec peculiar ecoando cada vez mais fraco.

Aqui o rio é um ditador, é ele de fato quem faz a comunicação para as localidades mais distantes, quem determina a época do plantio, quem marca o tempo da exploração, pela facilidade que oferece ao transporte.

O barco vai levar muito longe os alegres grupos de extratores, deixando-os na beira do rio; é daí que eles se internam pela selva espessa, como gigantes saúvas a cortar vegetais. Todos a postos, em pequeno espaço de tempo abrem uma clareira na mata e constroem tósko barracão para o acampamento. Apenas coberto com folhas de palmeiras, sem nenhuma parede, é o «tapiri», a casa de hospedagem, o ponto de encontro depois do dia afanoso. Num girau de varas arrumam as provisões, e cada um escolhe seu lugar para armar a rede bem alto, onde dormem com a espingarda à mão.

Quando a aurora do novo dia começa a espargir os primeiros albos, tomam um cafézinho gostoso e partem em grupos de dois ou três. Espingarda ao ombro e terçado na dextra, vão cortando as árvores para abrir a «picada» por onde passar. Numa bolsa a tiracolo vai um pedaço de pirarucu assado, farinha e a garrafa com água. É a primeira exploração que às vezes dura dois ou três dias; a noite os surpreende muito distantes e por isso dormem mesmo na mata. Nessas explorações matam caças, o que passará a ser a alimentação, dorovante. Encontrado o pau-rosa voltam satisfeitos para o «tapiri» e no dia seguinte começa a derubada e o retalhar da madeira transformando-a em rolos.

Quase sempre as árvores de pau-rosa estão muito no centro e torna-se então necessária a construção de outro abrigo mais próximo. Depois que há grandes montes de toros, fazem uma vereda mais larga que permita o transporte dos mesmos e então os conduzem para a margem. Está perto o dia do regresso.

É muito raro chegarem às cabeceiras do rio onde há abundância do vegetal procurado, mas onde reinam também, febres terríveis, existem cachoeiras espumantes e faz muito frio. Nesse ponto a torrente assume estranho aspecto, passa a rolar violentamente, entre pedras altas em que se vê uma escultura natural em forma de velha mulher segurando o cachimbo em atitude expressiva.

Ingenuamente criou-se em torno dessa estátua feita pela natureza, a lenda que explica ser a mesma a mãe do Rio Prêto, e todos ao passar à sua frente oferecem-lhe presentes: tabaco, linha para costurar, agulhas, cortes, etc., sem que não serão bem sucedidos, não serão preservados de febres e nem encontrarão o produto que tencionavam trazer. Esses tolos e mansos caboclos acreditam piamente na tradição e chegam a contar que ali se verifica constantemente um milagre; tanto faz o rio estar cheio como no auge da seca, a água bate sempre pela cintura da anciã.

Não é muito divulgada mas é bem interessante a origem de tal crença. Contou-me uma cabocla, antiga moradora desses centros, que, há muitos anos quando os brancos começaram a invadir a cabana dos selvagens para roubar-lhes os filhos, uma pobre mãe aborígine fugiu com o seu rebento, abandonando a maloca, para livrar o querido guri, de ser-lhe usurpado impiedosamente. Caminharam a êsmo pela selva cheia de mistério que parecia gargalhar entre gorjeios vários e estranhos.

Seguindo adiante, sem nenhuma prudência, a criança depara com o abismo e tolhida de susto, não sabe recuar, para agarrar-se a qualquer ramo próximo. Num relance precipita-se no despenhadeiro escuro sem que a pobre mãe aterrada pudesse socorrê-la.

De joelhos, emudecida, estática, a infeliz índia tinha os olhos no céu implorando a compaixão de Tupã, enquanto lágrimas ardentes rolavam-lhe pela face lívida, e, dentro do precipício ecoavam gritos desesperados.

A dor, o espanto fulminaram-na, e nessa posição ficou imobilizada para sempre, petrificada.

O rosário de pranto que se foi depositando sobre o corpinho destroçado, cresceu, cresceu e formou o rio Maués que é o próprio indiozinho a contorcer-se entre sofrimentos atrozes, exalando seus gemidos, ora mais calmo, ora convulsamente em crises de estertores.

Secaram as lágrimas que desciam pela face da mãe extremosa, mas o seu corpo lá ficou transformado em pedra, para atravessar os séculos como o símbolo do amor insuperável.



Ano 56 — N° 9 — Rio de Janeiro — 3-3-1956

REDATOR-CHEFE.....Celestino Silveira

ASSISTENTE....José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO.....Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Fernando Lôbo, Hynenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Pedro Müller, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

### SUMÁRIO

#### REPORTAGENS

|                                         |       |
|-----------------------------------------|-------|
| Baile de Quitandinha .....              | 2/5   |
| A fome vai devorar o Brasil .....       | 8/10  |
| Baile do Flamengo .....                 | 14/15 |
| Baile do Botafogo .....                 | 16/17 |
| Baile do Ginástico .....                | 18/19 |
| Baile da Rainha das Atrizes .....       | 20/23 |
| Baile do Travesti .....                 | 30/31 |
| Baile da Hípica .....                   | 40/42 |
| Baile do Tijuca .....                   | 46/47 |
| Baile do Clube Municipal .....          | 48/49 |
| Baile dos Cronistas Carnavalescos ..... | 50/51 |
| Universidade de Lisboa .....            | 52/53 |
| Baile do Galo Vermelho .....            | 55/57 |

#### SEÇÕES

|                                      |       |
|--------------------------------------|-------|
| Champanhota .....                    | 11    |
| Puxe pelo cérebro .....              | 12    |
| Literatura .....                     | 13    |
| Por esse mundo de Deus .....         | 24/25 |
| Astrologia .....                     | 26    |
| Pelas esquinas da noite .....        | 27    |
| Palavras cruzadas .....              | 38    |
| Aconteceu em Portugal .....          | 39    |
| Flashes do Brasil .....              | 43    |
| TV na Revista .....                  | 44    |
| Revista há 50 anos .....             | 45    |
| Último flash .....                   | 58    |
| Figura em foco (Macedo Soares) ..... | 59    |

#### HUMORISMO

|               |       |
|---------------|-------|
| Fortuna ..... | 62/63 |
|---------------|-------|

#### LITERATURA

|                                       |       |
|---------------------------------------|-------|
| A Mãe do Rio (A. Albuquerque) .....   | 6     |
| A cidade de bikini (A. Nery) .....    | 7     |
| A ronda da morte (A. Streuvels) ..... | 60/61 |

#### VARIEDADES

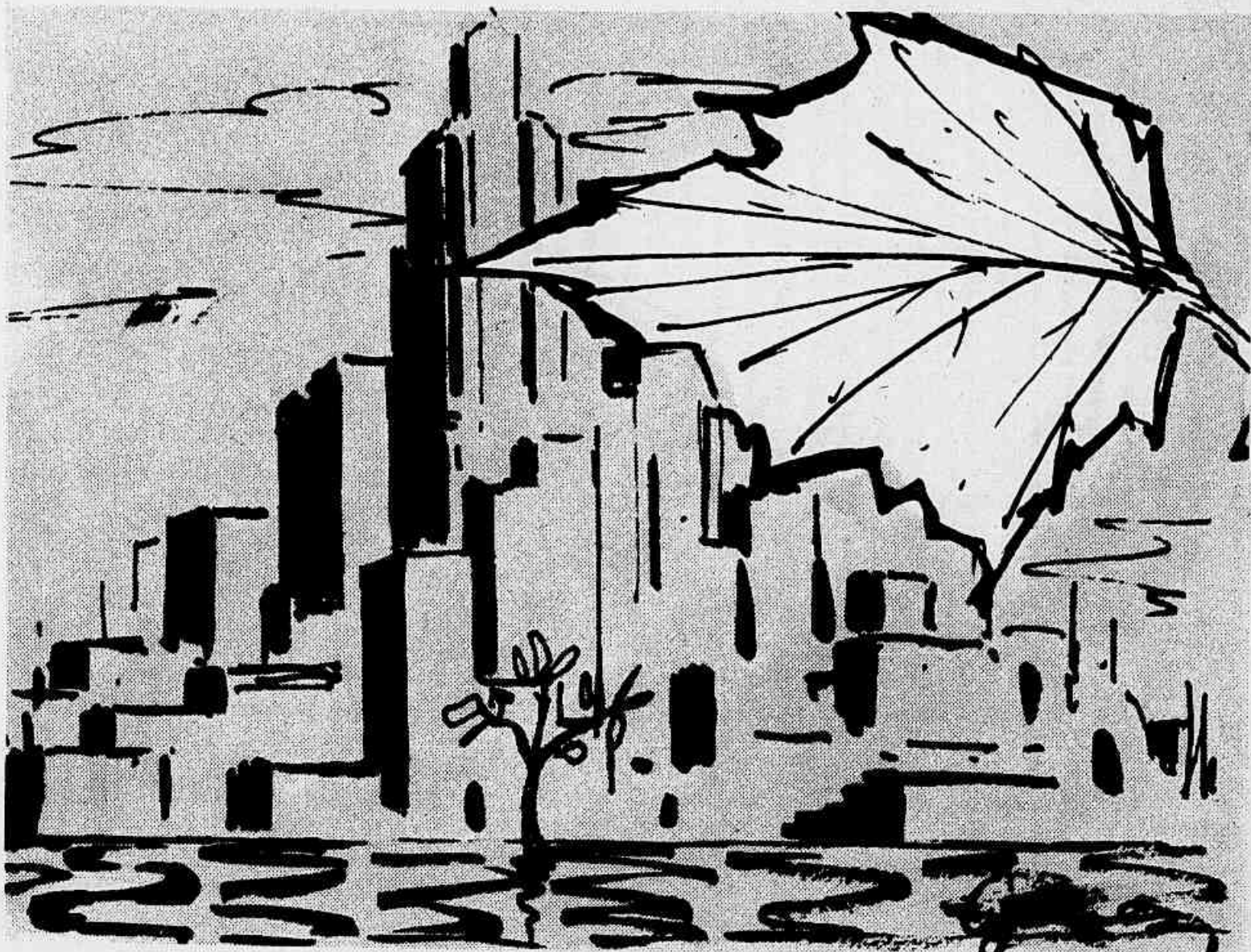
|                              |       |
|------------------------------|-------|
| A Fúria dos Justos .....     | 28/29 |
| A Imperatriz Revoltada ..... | 36/37 |

#### CAPA

Pavão Real

Prêmio de melhor fantasia no baile do Travesti (Foto ALBERTO FERREIRA)

Este número consta de 64 páginas.



Desenho de GOMEZ

## A CIDADE DE BIKINI

**N**UNCA é demais falar sobre os maltratos que sofre a minha cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Além dos antigos, outros motivos de queixa são acrescentados numa variedade espantosa e, não convém a uma boa carioca assim como eu, deixar que as piores sem uma reclamação, reclamação que afinal é cuidado e cuidado não deixa de ser amor. Uma das razões que me trás inconformada é com a falta de arborização do Rio atual.

Quando menina lembro-me das ruas com velhas e frondosas árvores que tornavam a paisagem mais acolhedora, repousante e o clima um pouco menos causticante para aqueles que na obrigação dos seus deveres necessitam levar o corpo pelas ruas nos dias mais tremendos de um fevereiro. Cidade nua e sem os mistérios das sombras amenas assemelha-se a uma mulher de biquini devassada e sem encantos.

A Cidade sem refúgios tanto para criaturas como para os pássaros. Abrigos de metal ou de cimento armado, em estilo moderno substituem em pontos movimentados as grandes e frondosas amendoieiras. Se bate o sol com a sua magnífica e trucidante violência de nada adianta o abrigo de linhas aerodinâmicas semelhante a um galanhoto alçando vôo. Se cai um temporal tão comum no verão ou mesmo uma chuva fina de inverno, o abrigo permanece frustrado na sua finalidade. Não quero convencer os técnicos sobre a conveniência e da maior eficiência da árvore em relação às coberturas de cimento armado ou de alumínio mas, entre o pouco rendimento de uma árvore como proteção, e o nenhum rendimento de um abrigo como objetividade, fico ao lado da árvore que me dá a sensação de acolhimento e de carinho com a sua sombra natural, fresca e cantante.

Cada dia a minha cidade fica mais árida, mais despida e mais sem encantos. Cada verão o meu Rio torna-se mais hostil, mais agressivo e mais impiedoso. Expulsaram das suas ruas a vegetação que protegia a nossa caminhada. Baniram do nosso olhar as copadas amendoieiras amigas. Extinguiram as ramas carinhosas onde os pássaros davam um toque de vida humana ao homem exausto. O Largo do Machado de ontem e o de hoje, dá ao carioca a noção perfeita da paisagem próxima, resultado de um progresso e um dinamismo péssimamente interpretado pelas constantes administrações de criaturas com horror ao mundo vegetal.

Paris, Roma, Madri, Ottawa, Washington, Mexico, DF, assim como tôdas as outras grandes capitais do mundo, os seus belos parques e bosques, as suas avenidas e ruas arborizadas fazem a admiração do estrangeiro e o orgulho dos seus povos. Aqui no Rio, com essa natureza exuberante, com uma variedade esplêndida do reino botânico à nossas mãos, terrubamos impiedosamente as árvores para

deixar crescer o capim. Realmente é um sistema original num país em que o grande verão e o verão pequeno cortam o ano de janeiro à dezembro!

Sou contra essa moda do biquini na minha cidade. Nesse ritmo, dentro em breve a coitada ficará apenas com uma fôlha de parreira e, fôlha seca pois água também não há para conservá-la viçosa!

ADALGISA NERY



# JUSCELINO E SEUS PROBLEMAS

O «ACHINEZAMENTO» DA NOSSA DIETA ALIMENTAR — AFIRMA O PROFESSOR JOSUÉ DE CASTRO — VEM AGRAVANDO O ESTADO DE NUTRIÇÃO DO BRASILEIRO ★ PROPORÇÃO ALARMANTE DOS EDEMAS DE FOME E DISTROFIAS ★ «ESTE CORTEJO DE MALES, QUE A CARESTIA DA VIDA ACARRETA, PODERÁ ARRUINAR A NACIONALIDADE SE MEDIDAS URGENTES NÃO FORAM TOMADAS» ★ JUSCELINO QUER RETIRAR A NAÇÃO DOS MAPAS DA GEOGRAFIA DA FOME ★ MAS COMO?

Reportagem de W. GUARNIERI

## QUEM É JOSUÉ DE CASTRO

Escritor, cientista e professor universitário, foi o dr. Josué de Castro o pioneiro no Brasil dos estudos científicos sobre os problemas de alimentação e nutrição, tendo realizado em 1952 o primeiro inquérito social levado a efeito no país para apurar as condições de vida do brasileiro. Uma série de originais pesquisas experimentais que, divulgadas em publicações científicas e em vários livros, lhe deram projeção mundial, culminou com a sua eleição em 1951 para o alto cargo de presidente da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (F.A.O.), reeleito em 1953 pela unanimidade dos 70 países membros que a compõe.

Já exerceu no Brasil os seguintes cargos: professor de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia, diretor do Instituto de Nutrição, presidente da Comissão Nacional de Alimentação, da Comissão de Bem-Estar Social; fundador e vice-diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, sua terra natal, professor de Antropologia da Universidade do Distrito Federal; fundador e primeiro diretor do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS); diretor do Serviço de Alimentação da Coordenação da Mobilização Econômica durante o período da guerra. Foi delegado do Brasil em várias conferências e congressos internacionais, sendo eleito vice-presidente da 1ª Conferência Latino-Americana de Nutrição e presidente da 2ª realizou, a convite oficial, cursos de conferências em universidades de vários países, como a Sorbone, em Paris, as universidades de Roma, Nápoles, México, Buenos Aires, Montevideu, Havana e várias outras norte-americanas.

É professor honorário de diversas universidades estrangeiras e membro honorário de inúmeras associações científicas em vários países, tendo sido eleito, recentemente, deputado federal por Pernambuco. É autor de 15 livros de ciências, sociologia e literatura dentre os quais se destacam, por sua repercussão universal, a «Geografia da Fome» e a «Geopolítica da Fome», traduzidas em 14 línguas e comentadas no mundo inteiro. Pode o professor Josué de Castro ser considerado, hoje, como o escritor brasileiro mais conhecido e mais lido no Ocidente e no Oriente.

DE um encontro casual, realizado muitos meses antes do início de sua campanha eleitoral, ouviu o presidente Juscelino impressionante relato sobre a calamitosa situação alimentar do brasileiro.

O seu interlocutor — prof. Josué de Castro, pioneiro no Brasil dos estudos científicos dos problemas de alimentação e nutrição — falando com a autoridade de Presidente do Conselho da Organização de Alimentação e Agricultura da O.N.U. (F.A.O.) mostrou-lhe, usando a linguagem fria das estatísticas, que o «achinezamento» da nossa dieta, (que vai tendendo a se aproximar da dieta clássica do chinês, exclusiva de arroz e sem nenhum produto de origem animal) vem agravando o estado de nutrição do brasileiro.

Como consequência, graves doenças (edemas de fome e distrofias, como típicas) vêm sendo constatadas em proporções alarmantes nesses últimos tempos.

A expressão máxima da crise liga-se, como não podia deixar de acontecer, ao problema da carestia de vida, ou seja, dos preços inacessíveis das utilidades para o poder aquisitivo da maioria das populações do país.

Eleito e empossado presidente, Juscelino vem de anunciar, neste esperançoso início de governo, planos de emergência para enfrentar o problema da Fome e ajustar as primeiras medidas para reprimir a carestia.

— Antes assim — replicou o prof. Josué de Castro — porque do contrário a fome vai devorar o Brasil...

Esse expressivo comentário ouvido pelo repórter num rápido encontro com o ilustre cate-drático nos corredores da Câmara dos Deputados, ensinou a solicitação de uma entrevista, adiada por várias vezes, em face da atarefada vida profissional do autor da «Geografia da Fome».

Relembrando os pontos principais daquela sua palestra com o candidato Juscelino, traçamos o ilustre professor um ligeiro esboço dos contornos da Nação Brasileira, melancolicamente configurada «no mapa negro e triste da «geografia da fome».

Vestido com apuro (o indefectível colete, apesar do calor e da hora tardia em que nos atende em seu apartamento de Copacabana) é rápido no falar e resume com muita clareza e objetividade seu ponto de vista:

### PROBLEMA URGENTE

— Nenhum problema se apresenta mais urgente e mais grave para o atual governo do que o de vencer a batalha da carestia, isto é, a luta contra a fome e a miséria que assolam em extensas regiões e atacam densos grupos de nossas populações. Para vencer a crise política e social que até hoje permanece como uma séria ameaça às nossas instituições democráticas urge que o governo tome medidas enérgicas e corajosas para enfrentar a crise econômica da carestia da vida.

Relembra, a seguir, que a crise atual traduz apenas um episódio agudo da crise crônica por que vem atravessando há longo tempo a economia nacional, pela falta de uma planificação que racionalize e oriente a sua expansão natural.

Fixa-nos o professor um olhar penetrante, procurando adivinhar se estamos acompanhando seu raciocínio, conduz-nos à sua biblioteca, que ocupa dois espaçosos cômodos do amplo apartamento, e senta-se à sua escrivaninha:

— A verdade — prossegue — é que a economia brasileira se tem processado quase que espontaneamente e em ciclos sucessivos que longe de propiciar o aproveitamento racional e a utilização econômica de nossos recursos se tem realizado dentro de um plano vampiresco de dilapidação e degradação dos nossos recursos naturais e de nossas possibilidades geográficas. Basta lembrar os sucessivos ciclos econômicos da mineração, do açúcar, da borracha, ciclos de economia mais destrutivos do que produtivos, para não haver motivo de espanto diante da atual conjuntura econômica nacional.

### DÉBITO DE IMPREVIDÊNCIA

Levanta-se. Dá volta à escrivaninha e caminha pelo recinto de mãos postas no bolso, olhos no chão. De repente, faz um largo gesto com as mãos, abrindo os braços:

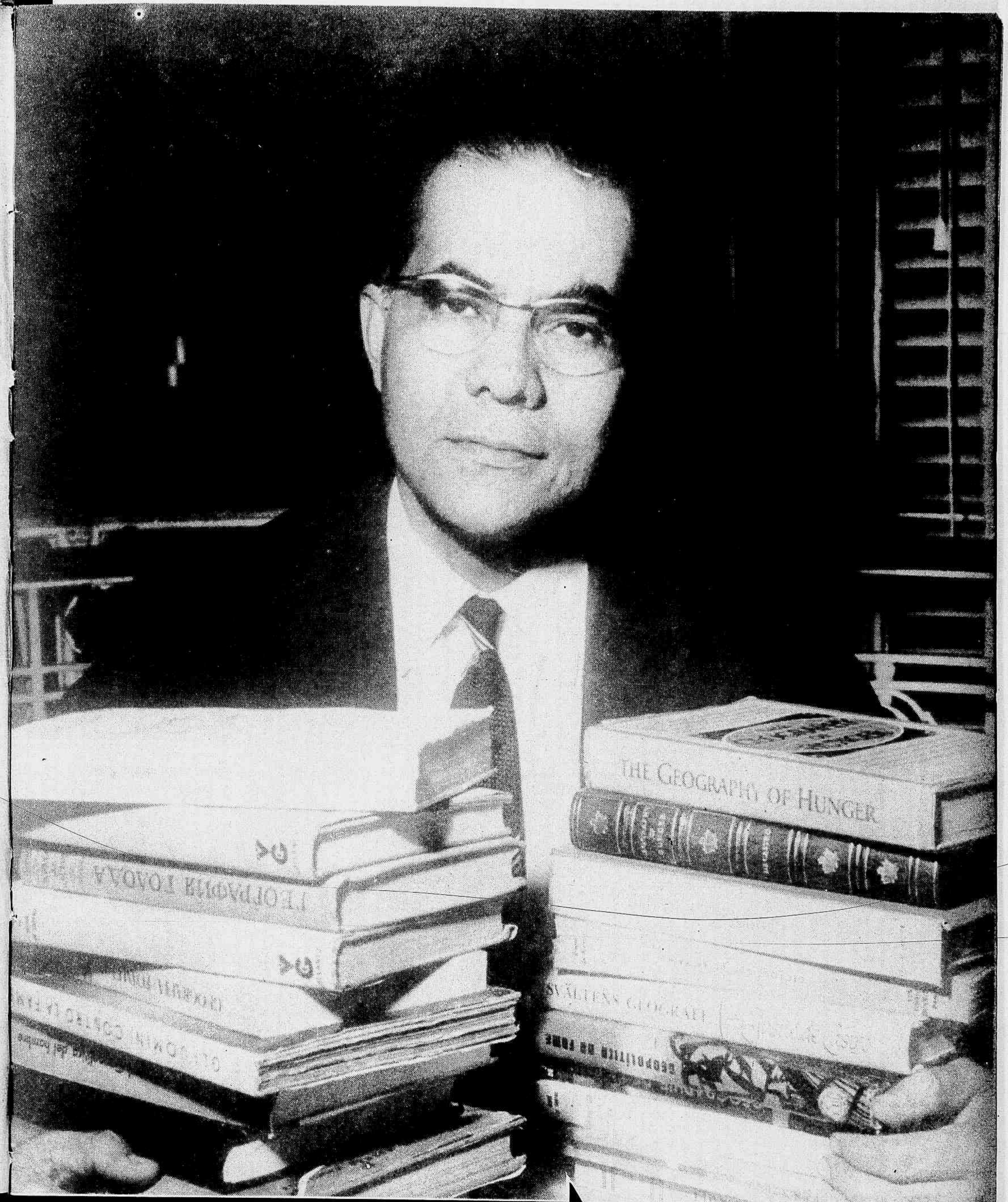
— Apenas estamos pagando hoje com altos juros o nosso débito de imprevidência, de improvisação e de desmandos administrativos. Com o crescimento natural das populações do país, tinha-se que chegar um dia à situação atual em que o problema mais grave da nacionalidade é exatamente o da carestia da vida.

### FATORES QUE DETERMINAM A CARESTIA

Senta-se por alguns momentos numa escadinha portátil e cruza os braços sobre o peito, para responder a uma pergunta:

# A FOME VAI DEVORAR





# O BRASIL

Escritor, cientista e professor universitário, José de Castro foi o pioneiro no Brasil dos estudos científicos sobre os problemas da alimentação. É o escritor brasileiro mais lido no Oriente e Ocidente.



# A FOME...



Suas publicações lhe deram projeção mundial, culminando com a sua eleição para o cargo de presidente da Organização de Alimentação da ONU (FAO). «Nenhum problema se apresenta mais urgente para o novo governo do que vencer a batalha da carestia e a luta contra a fome e a miséria».

— Além dos fatores tradicionais a que já fiz referência, podemos considerar como um elemento de agravamento da situação, sem nenhuma dúvida, a inflação monetária. O Brasil é hoje um dos países onde a moeda sofre maior desvalorização; basta lembrar que o valor do cruzeiro é hoje 32 vezes menor do que o era em 1914. E, pelos cálculos dos especialistas, a desvalorização prossegue num ritmo de cerca de 24% ao ano, o que constitui uma aterradora ameaça.

Refere-se às emissões desordenadas e à aplicações de grandes capitais em investimentos improdutivos, investimentos de luxo e não de interesse coletivo, tendência à especulações no setor da economia de subsistência, onde os intermediários espoliam tanto o produtor agrícola, como o consumidor, levando para o seu saco a parte do leão, e desestimulando, dessa forma, a produção nacional.

Tira um lenço do bolso e limpa cuidadosamente as lentes dos óculos:

— Este estado de coisas pesa dolorosamente sobre a situação geral do país, atingindo-o sob múltiplas formas, tanto no campo biológico como no econômico e social. A mais grave consequência biológica da carestia da vida é o agravamento da situação alimentar do brasileiro, já bastante precária. Verifica-se por dados estatísticos recentes que, apesar do crescimento da produção agrícola, o nosso padrão de alimentação se vem degradando pelo aumento do consumo dos alimentos amiláceos ou açucarados, de baixo valor nutritivo, tais como o arroz e os tubérculos, e pela diminuição do consumo per capita de alimentos protetores de alto valor nutritivo, tais como a carne e seus derivados.

## O «ACHINEZAMENTO» DA DIETA

Levanta-se e passeia pelo recinto:

— Processa-se no Brasil o que eu chamo de «achinezamento» de nossa dieta, quase que exclusiva de arroz e sem nenhum produto de origem animal. Estas e outras graves deficiências alimentares vêm agravando o estado de nutrição do brasileiro, o que se traduz pela maior incidência, principalmente nos núcleos urbanos, onde a concentração demográfica se torna exagerada, de graves doenças da nutrição das quais destaco como exemplo típico, a desnutrição maligna existente sob a forma de edemas de fome e das distrofias encontradas correntemente pelos nossos pediatras em cidades como o Rio e São Paulo, numa proporção que se vai tornando alarmante.

O prof. Josué caminha até onde nos encontramos sentados e relê as anotações que fazemos. Confirma, com um assentimento de cabeça e prossegue:

— No campo econômico pesa duramente essa subnutrição e essa fome pela diminuição que condiciona da capacidade de trabalho e da produtividade, mantendo as populações subnutridas num estágio econômico de populações marginais, quase que sem nenhuma capacidade aquisitiva. Socialmente constitui uma calamidade pública; fermento de agitações, de angústia e de inquietação social, facilmente explorável pelos menos escrupulosos e menos patriotas.

Retira um volume da estante, folheia ao acaso e torna a colocá-lo no lugar.

A uma pergunta, volta-se subitamente para nós:

— As medidas a serem preconizadas para esse objetivo podem ser enquadradas em dois grupos: medidas a longo prazo e medidas de emergência. As medidas a longo prazo repousam todas num plano bem concebido de desenvolvimento econômico harmônico e racional, tendo em vista a realidade econômico-social do país e o panorama da economia mundial.

## PAUPERISMO GENERALIZADO

«Enquanto o Brasil for um país subdesenvolvido, com todas as características de uma zona de relativa depressão econômica, não será possível exterminar o pauperismo generalizado que está na base de todo o desequilíbrio econômico nacional e se exterioriza sob a forma gritante da carestia de vida. Felizmente, o atual governo, logo ao tomar posse, apresentou um plano de desenvolvimento concebido realisticamente, o qual poderá a longo prazo tirar o país do marasmo e do marginalismo econômico em que vivemos, transformando-o numa região de pleno desenvolvimento, industrializado e enriquecido.

Faz um muchocho com os lábios, antes de prosseguir:

— Mas, se no que diz respeito aos planos de longo prazo o governo me parece bem avisado, nada vi ainda que me impressionasse favoravelmente no que diz respeito às soluções de emergência que se impõem num momento de crise como o atual para a sobrevivência do regime e salvação das instituições nacionais.

## A ENERGIA DE JUSCELINO

Assume uma atitude circunspecta, falando com veemência:

— É preciso e é urgente que o governo do sr. Juscelino Kubitschek aja com energia e decisão na defesa dos interesses do povo esmagado pelo peso da carestia da vida. O presidente eleito que tanta coragem e decisão demonstrou durante a sua campanha política precisa, agora, à frente do governo, pôr essas suas qualidades pessoais a serviço da ação ad-

ministrativa na defesa da coletividade brasileira.

A entrevista é interrompida pela chegada de um visitante. Dr. Josué desculpa-se e ausenta-se por alguns momentos.

Enquanto isso, aguardamos o reinício da palestra.

## DÓVIDAS

Retornando, tece o prof. Josué alguns comentários sobre a sua dúvida com relação às resoluções drásticas que precisam ser tomadas pelo novo governo e que, na sua opinião, não irão agradar a certos grupos, «sempre interessados na defesa dos seus privilégios contra os interesses do povo».

E enfático, acrescenta:

— Principalmente, as medidas de combate às especulações ignominiosas daqueles que vivem e prosperam à custa da fome e da miséria populares. E esses em geral são suficientemente fortes para se contraporem a uma ação governamental que os desaloje dos seus tristes privilégios.

Retira novamente os óculos e procura ver o efeito de suas palavras, observando-nos com o seu característico franzir de sobrancelhas.

## O QUE É PRECISO FAZER

A uma pergunta, explica, com energia na voz:

— No plano das medidas de emergência deverão certamente ser considerados os meios de congelamento dos preços dos produtos de interesse vital; de amparo financeiro direto aos produtores agrícolas; de prioridade e reforço imediato dos meios de transporte para os produtos de subsistência; de eliminação dos monopólios e dos intermediários — parasitas que se enfileiram inexpugnáveis em seu apetite insaciável entre o produtor empobrecido e o consumidor esfomeado.

Estende a mão, num gesto conclusivo:

— Se o novo governo tomar a deliberação de enfrentar a crise alimentar do Brasil como deve ser enfrentada, estou certo que irá encontrar a ressonância de que necessita entre o povo e contará, também, com o apoio maciço do parlamento para sanear economicamente o setor de subsistência e levantar os níveis de alimentação tão baixos do país, de modo a retirar a nação dos tristes e negros mapas da geografia da fome.

E finalizando:

— Estou certo de que essa batalha será vencida, desde que todos os homens de boa vontade se unam para o mesmo fim, conscientes de que não há outra coisa a fazer, sob pena de naufragarmos pela falta de direção das elites brasileiras que se vêm mostrando cada vez mais divorciadas e distanciadas dos verdadeiros interesses da nacionalidade.



## O GALO VERMELHO TOMOU A CIDADE OS GREGOS INVADIRAM A BAHIA

(Do sétimo andar do Hotel da Bahia) —

**A**CONTECE que, neste momento, são oito horas da madrugada de uma quarta-feira de cinzas. Da minha janela, apenas de vez em quando, vejo alguém passar nas ruas. De longe em longe, alguém de fantasia dirige-se para casa e um serão certo (Vieira fez escola). Provavelmente, já vai articulando mentalmente uma resposta, uma desculpa decisiva. Concluindo: neste momento, sou a única pessoa que está trabalhando em Salvador, no Brasil talvez, ou, pelo menos, assim me sinto.

Diante desta máquina e deste papel me chega uma vontade (muito natural por sinal, tratando-se de um cronista social) de contar como foram os bailes do «Galo Vermelho», do Baiano (o mais tradicional de todos os clubes), do Iate, «dos gregos», e, finalmente, o de ontem, nos salões do Hotel da Bahia. Diria a vocês que foi uma formidável mistura de alegria sem exageros tão comuns em nossas reuniões carnavalescas, de cores, de fantasias muito cheias de imaginação, de bom «whisky» e representantes das sociedades carioca, paulista e baiana. Mas resistirei à tentação e levarei (vou tentar) vocês num passeio relâmpago pela Bahia, nos lugares mais interessantes por onde passei. Há locais importantes que não citarei o que quer dizer que ainda não estive lá. Não importa, pois nos próximos três dias que me restam verei o que falta.

Com respeito à acomodação, acredito que o Hotel da Bahia satisfaça o gosto mais exigente. Diz uma placa lá no «hall» que deve-se sua construção ao sr. Otávio Mangabeira (neste momento, hospedado aqui) que, durante seu governo, financiou a construção. Então, a Bahia deve-lhe muito. No sentido de se fazer Turismo, foi dado o passo mais importante. Abro um parágrafo para citar conversa que tive, há anos atrás, com importante pessoa da embaixada da França, em nome do falecido senador Melo Viana, sobre turismo. Disse-me o diplomata que o principal problema do turismo no Brasil consistia na falta de estradas e de hotéis. A Bahia não tem mais (em Salvador que é o ponto básico) este problema.

Mas, o sr. e sra. Alberto Bianchi fizeram um verdadeiro milagre. Conseguiram transformar um simples hotel, mera construção de concreto armado (se bem que uma bela obra arquitetônica) numa verdadeira instituição. É como se fôsse um império, uma cidade dentro de outra cidade, onde, quando não existe alguma coisa solicitada, a boa vontade improvisa e faz existir. Bom gosto e boa vontade estão irmanadas. Todos são alvos da gentileza enorme deste casal que é um misto de eficiência, elegância e simpatia.

A primeira igreja que visitei foi a Catedral. Insisto, como fazem os roteiros, na necessidade de se visitar com calma e vagar esta grande obra. É um verdadeiro museu de riqueza e valor artístico. São Francisco, é riqueza; Graça, antiguidade; Bonfim, é história. Mas, a Catedral tem tudo isto e mais um incalculável mérito do ponto de vista da Arte. Lá passei horas, percorrendo detalhadamente os dez altares laterais, observando coisa por coisa. A sacristia que chama a atenção pelo seu tamanho e pelos seus famosos arcazes, é uma das mais extraordinárias do mundo. Depois, subimos ao primeiro andar, onde funciona um museu de objetos retirados da Igreja da Sé que foi demolida. A razão desta demolição é bem um sintoma do que está acontecendo com a Bahia. Uma verdadeira calamidade! Sob o manto de um falso progresso, estão destruindo o que existe de mais tradicional. A igreja da Sé foi demolida em 1935 por concessão das autoridades eclesiásticas à Companhia de Bondes para que, aumentando seu largo, seus bondes pudessem fazer a volta sem precisar virar os bancos. Não é um formidável «progresso»?!! Perdeu, desta forma, o patrimônio histórico da Bahia uma das suas mais tradicionais e ricas igrejas. Foi nela que Vieira fez seus célebres sermões. Este mesmo reclamo eu iria ouvir de diversas pessoas que sem rejeitar o futuro souberam amar a Bahia pelo que ela transpira de Arte e de fatos do passado. É preciso não esquecer que foi aqui que nasceu o Brasil, tanto do ponto de vista histórico como social.

### DIVERSOS ASPECTOS DA BAHIA

Os leitores devem já ter reparado que nunca uso o nome Salvador. Neste particular, sigo os da terra. Bahia, para eles, é a capital, o interior, enfim, todo o Estado. Para encurtar conversa, onde se lê «Bahia», leia-se «Salvador».

### AS GRANDES FESTAS

Pode-se dizer que o carnaval baiano começou na quinta-feira, com o fabuloso «Galo Vermelho» que foi precedido por um corso com Rei Momo e tudo. Na noite de sábado, a Associação Atlética da Bahia deu um grande baile a fantasia ou rigor. Na noite seguinte, houve o baile do Iate que não chegou bem a terminar pois, pela manhã, teve início uma batalha de confete. Na segunda-feira, o baile principal foi no tradicional Clube Baiano de Tênis, onde uma verdadeira multidão se divertia num palco gigantesco e ao ar livre. O Hotel da Bahia que tinha sido o palco da abertura de Carnaval, foi também o de encerramento. Uma belíssima festa, em seus salões decorados por Genaro de Carvalho, Mario Cravo e Caribé, foi até o sol raiar. Em todas estas reuniões, os grandes nomes baianos, estiveram presentes, nas pessoas



O casal Frederico Luz, da sociedade da Bahia, atualmente residente em Recife, veio especialmente para a festa «Os gregos eram assim...», na residência do senhor Armando de Carvalho.

dos sr. e sra. Dalmo da Silva Costa (ela é uma das 10 mais elegantes de 1955), Eduardo Gordilho, Oscar Pontes, Manuel Cintra Martins, Carlos Corrêa, Francisco Sá, Fernando Góes, Jorge Correia Ribeiro, Alberto Gordilho, Otaviano M. Barreto, Newton Azevedo, Luís Américo Lisboa, Edgar Correa Ribeiro, Jorge Calmon, João Augusto Calmon, srtas. Maria Amélia Carvalho, Margarida Sá, Marina Pedreira Freitas, Maria Luisa Barreto, Sílvia Menezes, Teresa Sá, Carmem Bittencourt, Eliza Bittencourt, Maria Angela Carvalho, Lúcia Carvalho e os srs. Aloísio Ribeiro, Pamfílio de Carvalho e Carlos Alberto Ribeiro.

É preciso não esquecer de nomear, entre as grandes festas carnavalescas baianas a organizada na residência do sr. Armando de Carvalho, intitulada «Os gregos eram assim...». Nesta ocasião, todos compareceram vestindo trajes gregos. Destacamos a belíssima grega usada pela sra. Olga Bianchi que fez um grande sucesso.

### PASSEIO A ITAPOAN E ABAETÉ

Fizemos um passeio que constou de banho de mar em Amaralina, à sombra de coqueiros e perto de gigantescas dunas de areia branquíssima. Bem, não falemos do sol, da cor do mar, da cor do sol e da luminosidade baiana, pois, tudo isto, todas estas belezas já se tornaram lugares comuns.

Quando todo mundo andava roxo de fome, tocamos para a lagoa de Abaeté, famosa pela sua beleza, encravada entre gigantescas dunas de areia, e enfrentamos um suculento almôço. Numa das mesas, os casais Hélio Souto, Luis Delfino e Jamil Manzur atacavam o vatapá, caruru, arroz de auçá, elô, muqueca de peixe, bobó, tudo com muito dendê e pimenta, pimenta, pimenta e mais pimenta. Depois disto tudo, veio uma cocada que fatalmente entrará para a história. Comemos muitíssimo mesmo, enquanto os srs. João Doria e Humberto Bastos discutiam detalhes da preparação de bebidas típicas. Café e música, cantada e ritmada por gordas e pretíssimas baianas, em suas roupas típicas. A sra. Alik (São Paulo Magazine) foi a primeira a dançar. Foi feito um rodízio e todos mostraram os seus pendões para a dança.



Durante a festa «Os gregos eram assim...» vemos o grupo formado pelas sras. Maria Alice da Silva Costa (Bahia), Olga Bianchi (Rio), srtas. Maria Angélica Noronha (Rio), Cecília Limpo Abreu (S. Paulo), sras. Eduardo Gordilho (Bahia), Alberto Bianchi (Rio) e Roberto Alves Almeida (S. Paulo)





**200**

das 4,30  
às 24,00 hrs.  
cada 8 minutos

**VIAGENS POR DIA**

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

--- AGÊNCIAS ---

**SÃO PAULO**

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393

Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402

Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

**SANTOS**

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)

Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)

Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)

Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)

Av. Conselheiro Nobias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



**VÁ PELO MELHOR!**



**EXPRESSO  
BRASILEIRO**

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-2

## Puxe pelo cérebro

### NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1) Que têm em comum esses homens: Aníbal, Nero e Sêneca?  
— Eram romanos?  
— Eram guerreiros?  
— Suicidaram-se?
- 2) Oboé designa um instrumento musical. A palavra é de origem:  
— Francesa?  
— Alemã?  
— Grega?
- 3) O personagem «DESOSSE» recorda que pintor?  
— Lautrec?  
— Degas?  
— Monet?
- 4) Tomou parte, recentemente, na biografia filmada da cantora Cavalieri:  
— Lolobrigida?  
— Valli?  
— Mangano?
- 5) Em que ilha foi escrito o Apocalipse?  
— Rodas?  
— Creta?  
— Patmos?
- 6) «Queda que as Mulheres Possuem pelos Tolos» é um livrinho de:  
— Manuel Antônio de Almeida?  
— Dutra e Mello?  
— Machado de Assis?
- 7) «Escopelismo» significa:  
— Um delito, no velho direito romano?  
— Uma doença dos centros nervosos?  
— o mesmo que «lambdacismo»?
- 8) «'T is vain to struggle — let me perish young» — verso de:  
— Ossian?  
— Byron?  
— Keats?
- 9) Como é a denominação correta do cão «Dachhund», em português?  
— Basset?  
— Teixugueiro?  
— Lebreiro?
- 10) A que vício está relacionado o nome do Barão de Munchhausen?  
— Luxúria?  
— Preguiça?  
— Mentira?
- 11) «Zauberfloette» é uma ópera de:  
— Meybeer?  
— Spohr?  
— Mozart?
- 12) Que grande romancista alemão tinha a mãe brasileira?  
— Goethe?  
— Mann?  
— Sussermann?
- 13) Em que ano morreu Noel Rosa?  
— 1934?  
— 1935?  
— 1937?
- 14) Quem descobriu a Conjuração de Catilina?  
— Cícero?  
— Sila?  
— Quintiliano?
- 15) O que eram os arúspices?  
— Encarregados de declarar a guerra, entre os romanos?  
— Incumbidos de verificar as probabilidades de êxito de uma empresa?  
— Escravos por falta de pagamento de dívidas?

**CLASSIFICAÇÃO:** — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

**RESPOSTAS:** 1) Suicidaram-se. 2) Francesa. 3) Lautrec. 4) Lollobrigida. 5) Patmos. 6) Machado de Assis. 7) Um delito, no velho direito romano. 8) Byron. 9) Teixugueiro. 10) Mentira. 11) Mozart. 12) Mann. 13) 1937. 14) Cícero. 15) Incumbidos de verificar as probabilidades de êxito de uma empresa.



## UM LIVRO

## "AÇOITE" DE ARMINDO PEREIRA

● Armindo Pereira estreou há pouco mais de um ano, com «Flagelo» — em que a crítica, imediatamente, descobriu uma autêntica vocação de homem de letras. Agora, novo livro do moço romancista vem de ser publicado: «Açoite». Nêle, as qualidades de narrador demonstradas no primeiro livro são fartamente reafirmadas, a ponto de já não persistirem dúvidas quanto à autenticidade da vocação literária de Armindo Pereira. Tanto o livro de estréia como o recentemente publicado (1), têm como cenário o nordeste. Não há, porém, como filiá-los à chamada escola do romance nordestino, que tem em José Lins do Rêgo seu representante mais típico.

Com efeito, o que em José Lins do Rêgo é pura descrição, é em Armindo Pereira paisagem interior, e vida subjetiva: Nêle, interessa bem mais o que na alma humana se desenrola, que o sítio mesmo em que o homem exerce sua atividade.

Outra flagrante diferença entre a arte de Armindo Pereira e a daqueles romancistas, é o respeito à gramática que o moço escritor denuncia — respeito que, sem ser excessivo, é quase um culto.

Afinal, sobre o que versa «Açoite»? — Sobre o ultra-conhecido mito nordestino da «Nêga Fulô» — mito sobre o qual Jorge de Lima compôs seu poema mais conhecido, se bem que não o melhor, a nosso ver. Pois bem: a despeito de tratar-se de uma história difundida, e de cujo enredo Armindo Pereira não poderia afastar-se, consegue o escritor, através das

160 páginas de que se compõe a narrativa, prender a atenção do leitor.

Há, em Armindo Pereira, certa força lírica, que o romancista explora de maneira convincente, sem os excessos, por exemplo, de um Jorge Amado. O que não podemos admitir, porém, é a efusão em que se desenrola o último capítulo do livro, quando um capineiro, pondo-se a cavar próximo à sepultura da infeliz menina, começa a escutar:

Capineiro de meu pai  
Não me cortes meus cabelos...

Falsa, falsíssima, a passagem. Claro que, na narrativa popular, é admissível, e até elogiável. Num romance, porém, perde toda a oportunidade, descambando para a caricatura.

Contudo, a despeito desse senão, «Açoite» é um livro que se lê com interesse, com agrado. Há, nêle, certa angústia, que se lê nas entrelinhas, que é bem a matéria prima com que um escritor executa uma obra de arte. Por isso temos fé em Armindo Pereira e, passaremos a dêle esperar um romance que não-lo mostre já amadurecido, livre das peias e naturais titubeios que hoje ainda empanam seus escritos.

(1) — «Açoite» — de Armindo Pereira. Edições O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1956. 160 páginas. Cr\$ 40,00.



**PREMIO TASSO FRAGOSO** — A Biblioteca do Exército vem de completar 74 anos de existência. Para comemorar a efeméride, em seu salão nobre, perante inúmeras personalidades, entre as quais o Ministro das Relações Exteriores, dr. José Carlos de Macedo Soares, foi feita a entrega, ao Conselheiro Renato Mendonça, do Prêmio Tasso Fragoso, no valor de 50 mil cruzeiros. Tal prêmio foi atribuído ao livro «Fronteira em Marcha», do citado escritor. Obtiveram menções honrosas os trabalhos do coronel Aguinaldo Uruguai e do senhor Brígido Tinoco, respectivamente «A Demografia na Evolução do Brasil» e «Duas paixões de Caxias». Na ocasião, discursaram o tenente-coronel Umberto Peregrino, diretor da Biblioteca do Exército, e o próprio galardoado, Conselheiro Renato Mendonça. A fotografia mostra o instante em que o tenente-coronel Umberto Peregrino discursava.

## NOTAS

Nada menos de cinco intelectuais — Alvaro Lins, Josué Montelo, Francisco de Assis Barbosa, Alphonsus de Guimarães Filho e Murilo Rubião — tomam parte, como destacadas personalidades, no governo recentemente empossado do senhor Juscelino Kubitschek.

x x x

Continuando a publicação de seus ensaios, a São José vem de editar «Artur de Azevedo e a Arte do Conto», de Josué Montelo. Na mesma série já haviam aparecido trabalhos de Augusto Meyer, Ledo Ivo e Othon Moacir Costa.

## POESIA

## O HOMEM E SUA FACHADA

*Tôda a minha vida venho reclamando a prorrogação do prazo para terminar a minha fachada. Não querem atender-me. Nem sei mais o que alegar.*

*Terminar da noite para o dia, não posso. Mas também é aborrecido ficar sempre atrás de andaimes e caminhar para a morte antes de concluir-se a construção.*

*Ninguém se espantará se eu confessar que talvez não termine nunca a minha fachada. Tenho adotado diferentes modelos. Mas logo me aborreço e passo para outro.*

*O que me atrapalha bastante são as discussões a meu respeito. Perde-se muito tempo nisso. As vèzes quero intervir, mas não vale a pena, pois quando discutem minha fachada, já utilizo outra muito diferente, oposta mesmo às anteriores. Tudo resultado de eu não ter ainda fachada própria.*

*Afinal, eu me pergunto: quando terminarei a minha? Ou melhor, quando cairá a que recomeci? Pois as minhas fachadas caem tôdas... Talvez porque costumo aproveitar em cada uma o material das outras, talvez porque não se possam manter no espaço em que as levanto.*

*Até que tudo se resolva, vou tendo a fachada que me atribuem.*

*São assim várias e numerosas as minhas fachadas.*

*Muitas vèzes se voltam contra mim, tapam-me, não me deixam quase respirar. Outras vèzes — isso é frequente — se despregam de mim e vão erguer-se longe, enquanto eu fico atrás me rindo. Ai então, aproveito os momentos disponíveis para distrair-me. Sinto-me livre e cresço mais. E deixo os outros a falar mal da fachada anterior.*

*Tenho uma fachada na universidade, outra nas rodas mundanas, outra no quarto de meu bem.*

*Trabalho agora num tipo ideal de fachada. Permeável, sonora e elástica. Mutável, segundo o olhar de quem a contempla e a luz da paisagem para a qual se abre. Especialmente projetada para servir de aparência a algum edifício invisível. Insusceptível de ser reproduzida.*

*Mas não me peçam que a termine tão cedo. O material é fluido. Vou trabalhando*



*nela como posso, dia e noite. Com certa demora, pois há sempre pequenos incidentes. Por exemplo: meto um prego, êle perfura o Azul.*

*Tento fixar um tijolo, êle cai no vazio. Mas não desanimo. Minha paciência é grande. Vão ver depois que esplêndida fachada vai ser a minha.*

ANIBAL M. MACHADO



# FLAMENGO

● NUM INSTANTE de grande camaradagem e alegria, realizaram-se, êsse ano, os bailes carnavalescos do Clube de Regatas do Flamengo. Os rubronegros marcham à frente do campeonato de futebol, o clube não possui problemas para o 3º turno, no basquete é aquilo que se vê, em suma: tudo, no «Mengo», é motivo de alegrias. Talvez tenha sido por isso que as festas, na sede da avenida Rui Barbosa tenham sido tão animadas. Porque a turma rubronegra, diga-se a verdade, dançou, pulou, berrou, para valer. Nair Gonçalves, Rainha do Carnaval, rubronegra doente, segundo tudo indica, compareceu ao Flamengo, envergando a faixa de Rainha, o diadema real, e tôdas as insígnias de seu alto cargo. Os salões da avenida Rui Barbosa, a dizer a verdade, viveram algumas de suas noites mais encantadoras, e diversas centenas de fiéis e entusiásticos súditos de Momo nêles se divertiram durante os quatro dias de Carnaval. Quando o último acorde da orquestra se calou, na madrugada de quarta-feira de cinzas, anunciando o término do Carnaval, os rubronegros voltaram para casa, já pensando no outro carnaval. Explica-se: não no Carnaval de 1957 — que ainda é cedo para nêles pensar; mas no outro Carnaval, no carnaval que o time do Flamengo costuma realizar em campo, contra seus indefesos adversários... (Fotos de N. VIANA).

**NAIR GONÇALVES**, a Rainha do Carnaval, além de ser Rainha parece que é rubronegra doente. Pelo menos, estêve presente em dois dos quatro bailes do Flamengo. E como brincou a menina!







COM O FLAMENGO NÃO TEM BRINQUEDO: O CARNAVAL É LEVADO A EFEITO NO CAMPO, OU FORA DELE.



DIZEM QUE MUITO FOLIAO RUBRONEGRO BRINCOU JÁ ANTEGOZANDO AS DELÍCIAS DO TRI-CAMPEONATO.





# BOTAFOGO



● SE, NO FLAMENGO, as coisas andavam bem, devido ao êxito da equipe futebolística da casa, como explicar o sucesso que foi o Carnaval dos botafoguenses? Alegria pelos triunfos da camisa alvi-negra certamente não foi... Enfim, o ano está começando, e quem sabe Garrincha não pare de driblar a Deus e o mundo, João Carlos reencontre seu padrão de jogo americano, Gilson não deixe de engolir suas penas de quando em quando?... O caso é que o Carnaval, no Botafogo de Futebol e Regatas, foi qualquer coisa de muito bom. A meninada, esquecendo-se das mágoas, ou por causa delas mesmas, brincou a mais não poder, como se o Botafogo tivesse conquistado — digamos: um tri-campeonato... E se a moçada alvi-negra gastasse em campo metade das energias que foram dispendidas durante o transcorrer dos bailes carnavalescos de General Severiano, palavra que o time não ficaria do lado de fora desse turno final, e as excursões ao México e a outros países daqui e daí mar teriam de ser proteladas por mais alguns meses... (Fotos de NEWTON VIANA).

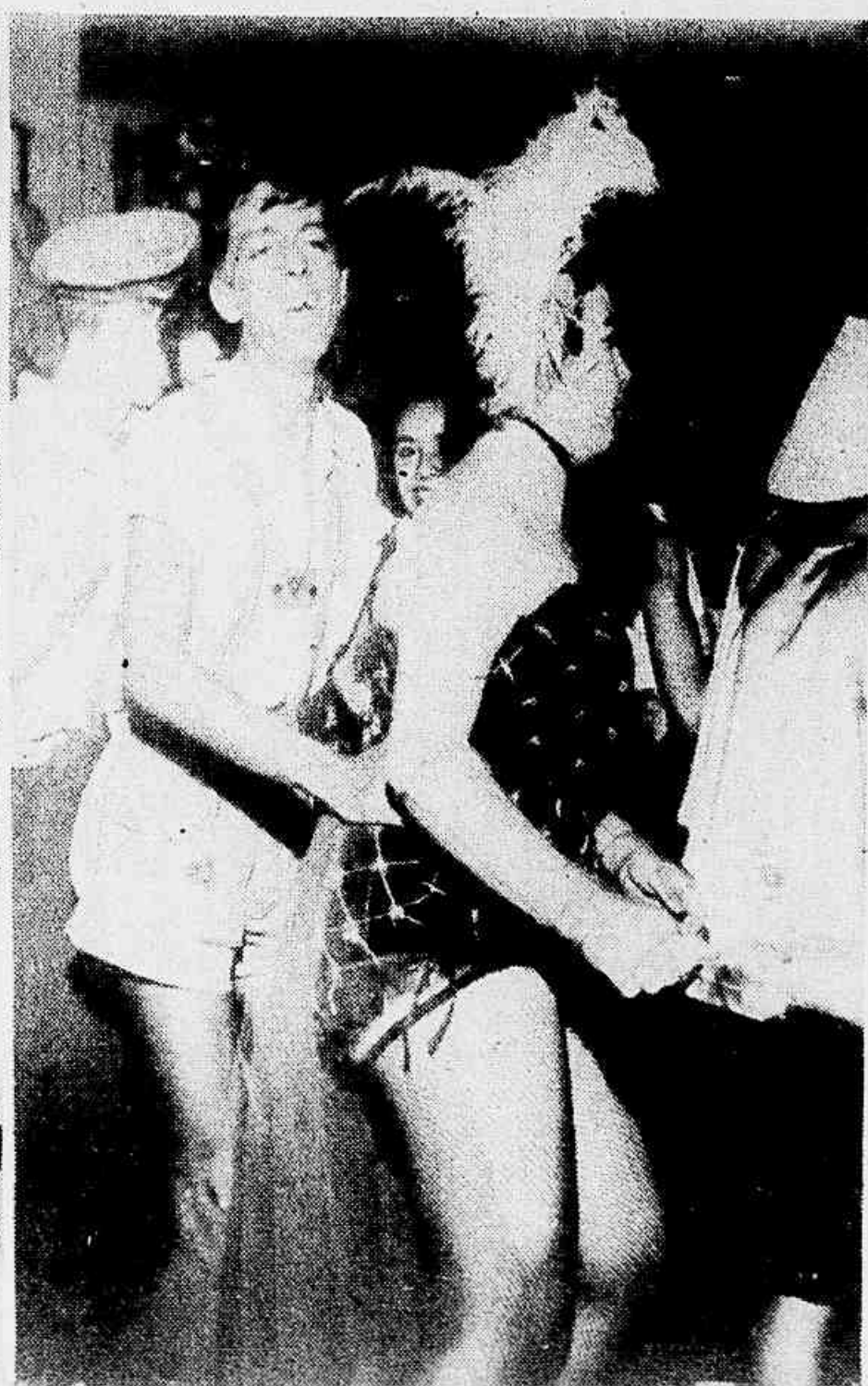
SE O BOTAFOGO PUDESSE CONTAR COM UMA LINHA ASSIM, AI DAS DEFESAS ADVERSÁRIAS... ÁGUAS PASSADAS... E OS ALVI-NEGROS.







ESQUECENDO AS MÁGOAS, CAÍRAM NA FARRA. O CARNAVAL, NO BOTAFOGO, FOI ANIMADO COMO SE ELE SE TIVESSE SAGRADO CAMPEÃO.





# GINÁSTICO

● NO GINÁSTICO, as festas carnavalescas transcorreram com o brilho e a animação de todos os anos. O tradicional e luxuoso clube português ofereceu a seus associados um carnaval de primeira, totalmente isento de incidentes, sem excessos, mas com muita alegria, fantasias riquíssimas e grande afluência de brotos espetaculares. Num ambiente sadio, pularam e dançaram os Ginastas durante todo o transcorrer do Carnaval, provando assim, de maneira mais que suficiente, que o Carnaval, no Ginástico Português, é qualquer coisa de deslumbrante, que vale a pena ser visto e vivido bem de perto. As duas páginas que se seguem são bem uma testemunha do que afirmamos. Vejam pelos rostos dos foliões a animação que reinou durante todos os quatro Bailes do Ginástico, e já sabem: no próximo ano, é tomarem o caminho da avenida Graça Aranha, e aproveitarem a deixa da melhor maneira possível. (Fotos de ARNALDO VIEIRA).



BOA MÚSICA, MUITA ANIMAÇÃO, ROSTOS



AS FANTASIAS estão desaparecendo do carnaval carioca. Mas não no Ginástico. Olhem só esse grupo realmente espetacular de espetaculares palhaços.



OS BROTOS estiveram presentes, em grande número, nas festas do Ginástico. São eles a matéria prima favorita com que se faz um bom baile de carnaval.



JOVENS E BONTOS, UMA DECORAÇÃO DE BOM GÓSTO — EIS O QUE FOI O CARNAVAL DE 1956 NO GINÁSTICO CLUBE PORTUGUÊS.





Angelita Martinez foi coroada por Cacilda Becker e a presença da ilustre atriz no baile do João Caelano constituiu uma das sensações da noite.

Cacilda Becker na coroação de Angelita Martinez

# BAILE DAS ATRIZES





**O**S primeiros bailes da semana pré-carnavalesca foram transcorrendo em ambiente de relativo entusiasmo. Tudo fazia crer que os foliões andassem preocupados e sem interesse. Mesmo assim, o baile da Rainha das Atrizes foi uma exceção e a coroação de Angelita Martinez fêz-se sob aplausos, aclamações delirantes, confete e muita serpentina. A nota de sensação foi dada com a presença de Cacilda Becker, que, muito democraticamente, acedeu em coroar a sua jovem colega, dando assim maior prestígio à tradicional noitada. Dias antes, ocorrera um pequeno «caso»: Angelita teria rejeitado o prêmio do concurso — um automóvel — preferindo receber o equivalente em dinheiro. Houve explicações de parte a parte e um princípio de polêmica; mas tudo acabou em perfeita harmonia e o baile, realizado como sempre no João Caetano, quartel-general das festas populares desse gênero, serviu para mostrar que a classe teatral sabe manter a linha. Aqui estão alguns flagrantes obtidos nessa noite. Se não foi registrada a presença de maior número de «astros» realmente populares, sobrou gente de fora. E o elemento masculino prevaleceu... — (Fotos de ALBERTO FERREIRA)



No início da festa, a Rainha sorri, emocionada e feliz; mais tarde, o cansaço fêz ato de presença...





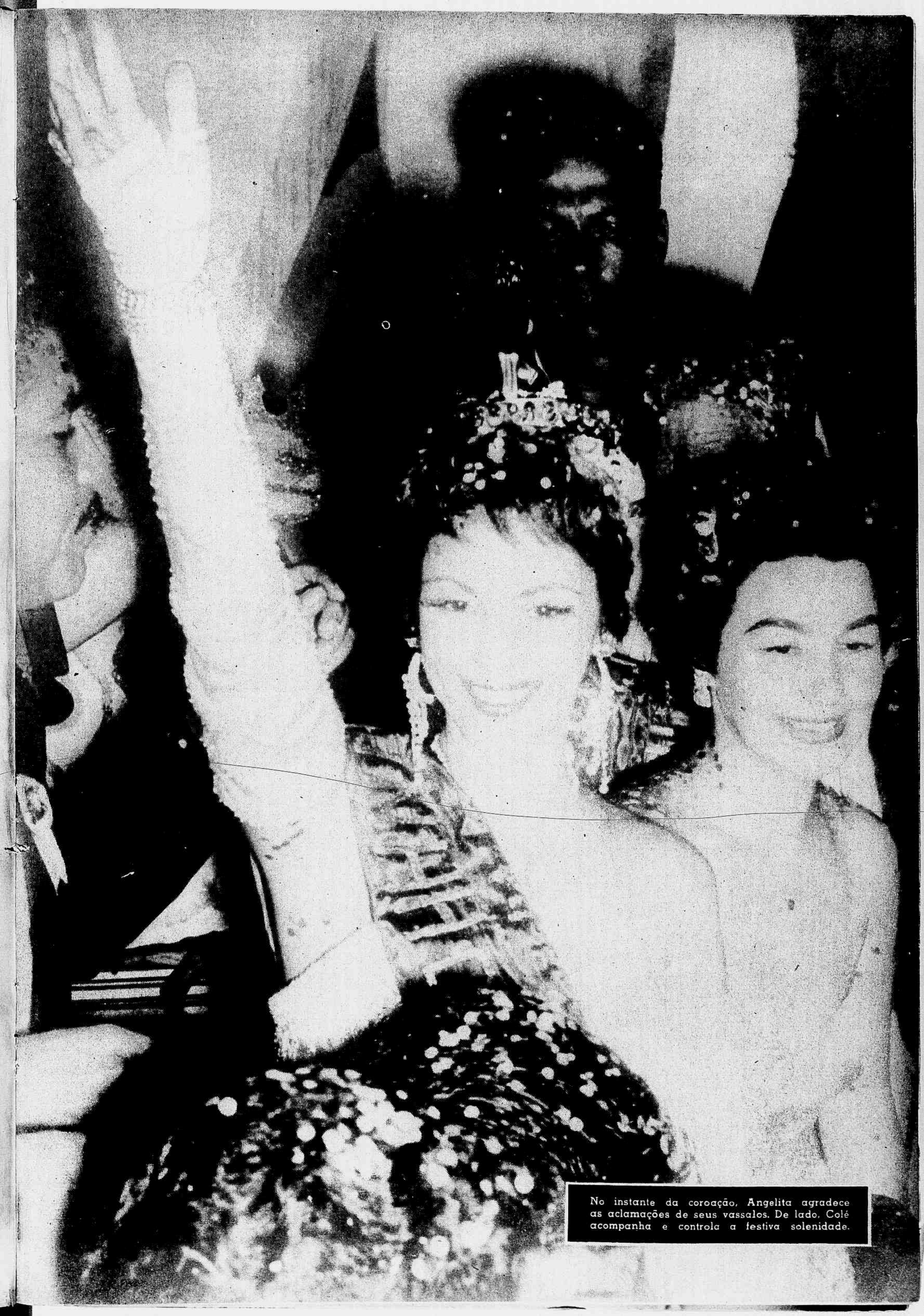
# BAILE DAS ATRIZES



Essa foliona, ao alto, acabou desse jeito, sentada no estrado, abandonada e cantando sozinha. — Outras agüentaram mais. Como sempre houve beijos, abraços e damas carregadas aos ombros...







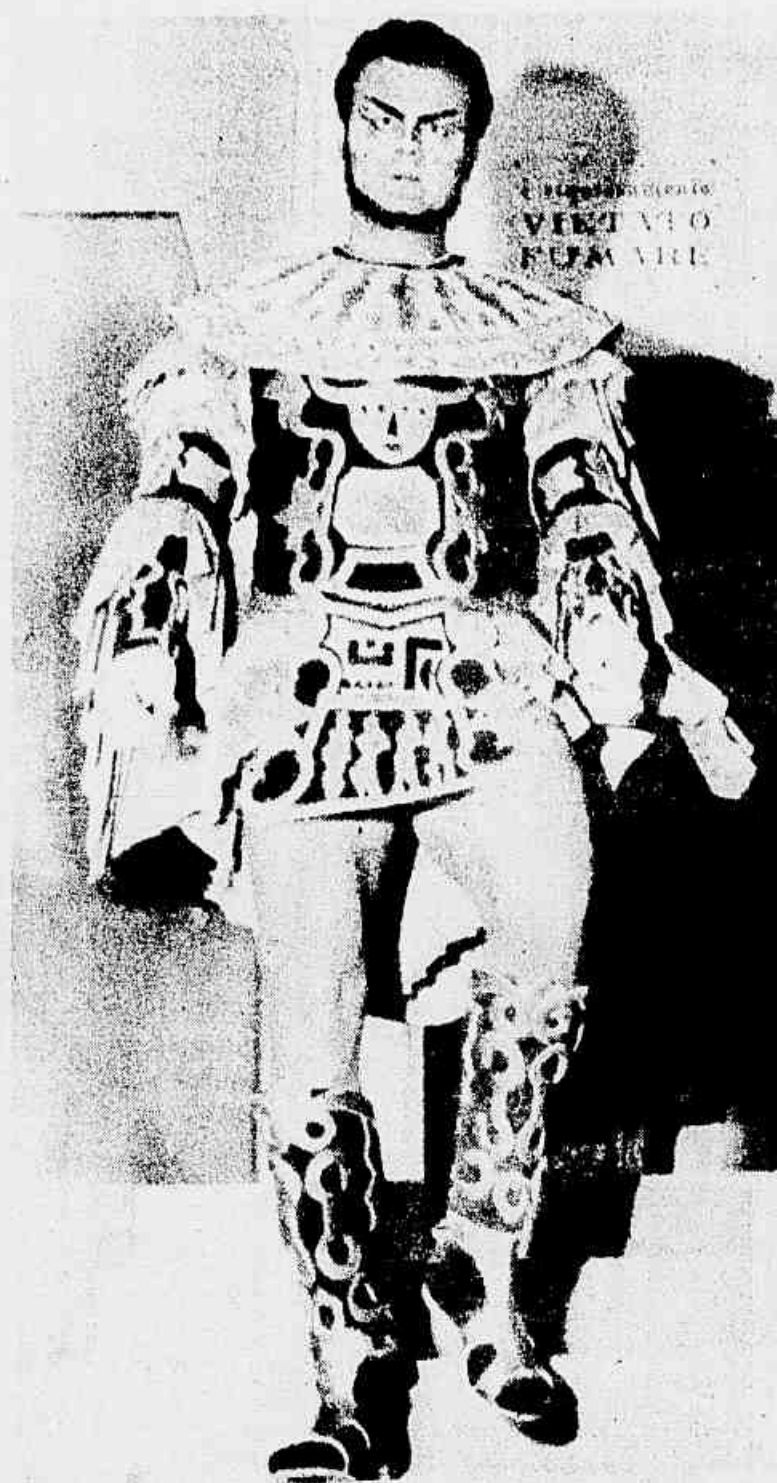
No instante da coroação, Angelita agradece as aclamações de seus vassallos. De lado, Colé acompanha e controla a festiva solenidade.



## POR ESSE MUNDO DE DEUS



A MENINA DE PÉ, que dança com tanta graça, é Josephine Chaplin, filha de Charlie Chaplin e de Oona O' Neill, que se entretém em uma festa natalina, levada a efeito em casa de seus pais.



A TEMPORADA lírica em Roma foi inaugurada com a ópera «Julio Cesar», de Händel. Eis o baixo Mário Petri (que fez o papel de Ptolomeu) o qual, apesar de «baixo» tem nada menos de 1,94cm.!

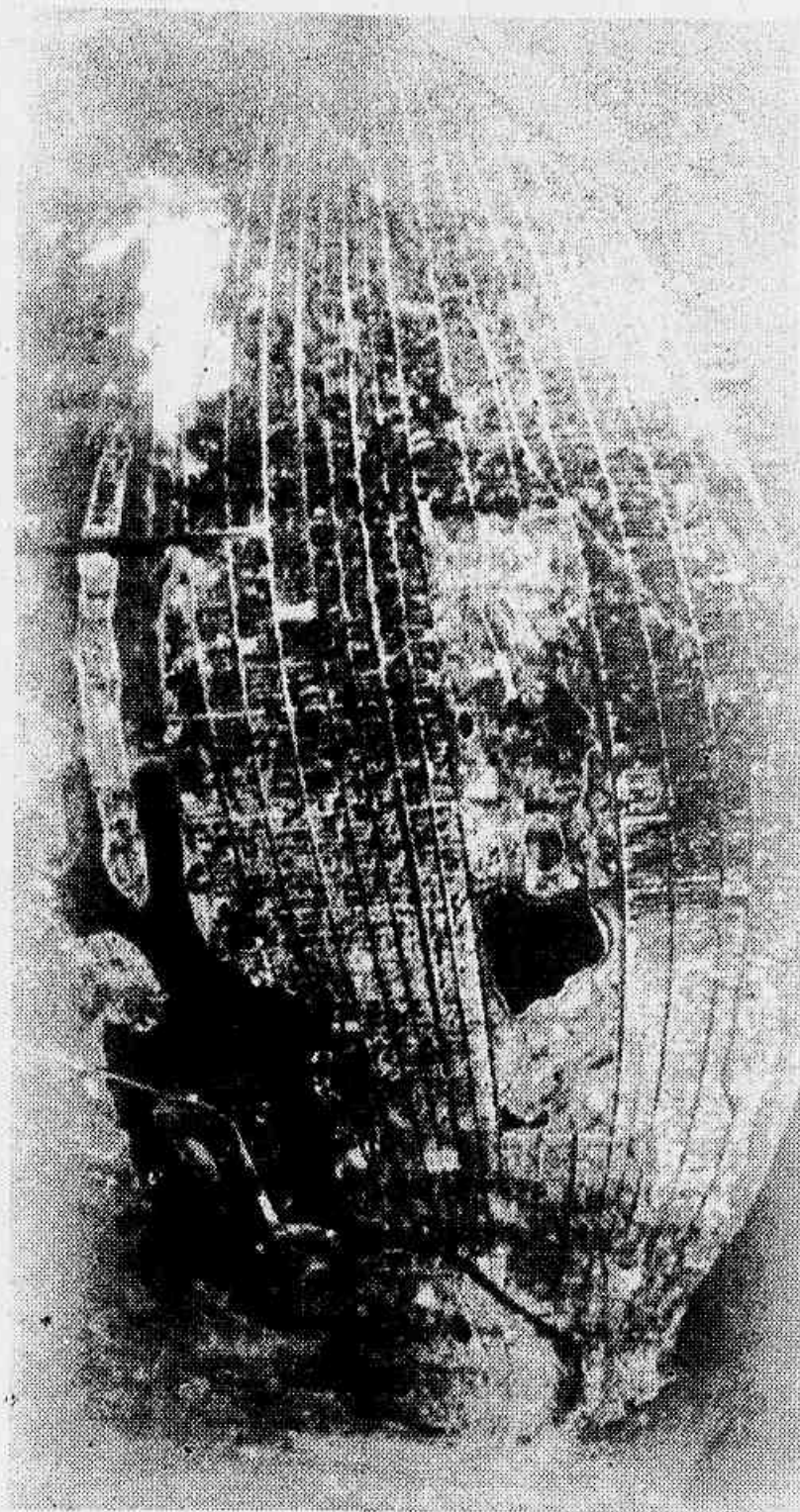


ERA UMA VEZ uma barba célebre, a de Kirk Douglas, cultivada durante meses com carinho, para que o ator adquirisse a semelhança com o pintor Von Gogh, cuja biografia foi filmada.



UMA LOUCA PAIXÃO de um rapazinho de 17 anos, John Fallon (acima, à direita) por uma garôta de 15 (Gladys Mail, à esquerda) determinou uma grande tragédia, em Vandergrift, na Pennsylvania. John, penetrando, como um louco, na residência da família Mail, que se opunha ao namoro de sua filha com ele, matou os pais da adolescente, um tio da mesma, e ainda a feriu. A polícia o atingiu mortalmente, quando fugia. 4 mortos e 5 órfãos, trágico balanço de uma paixão.

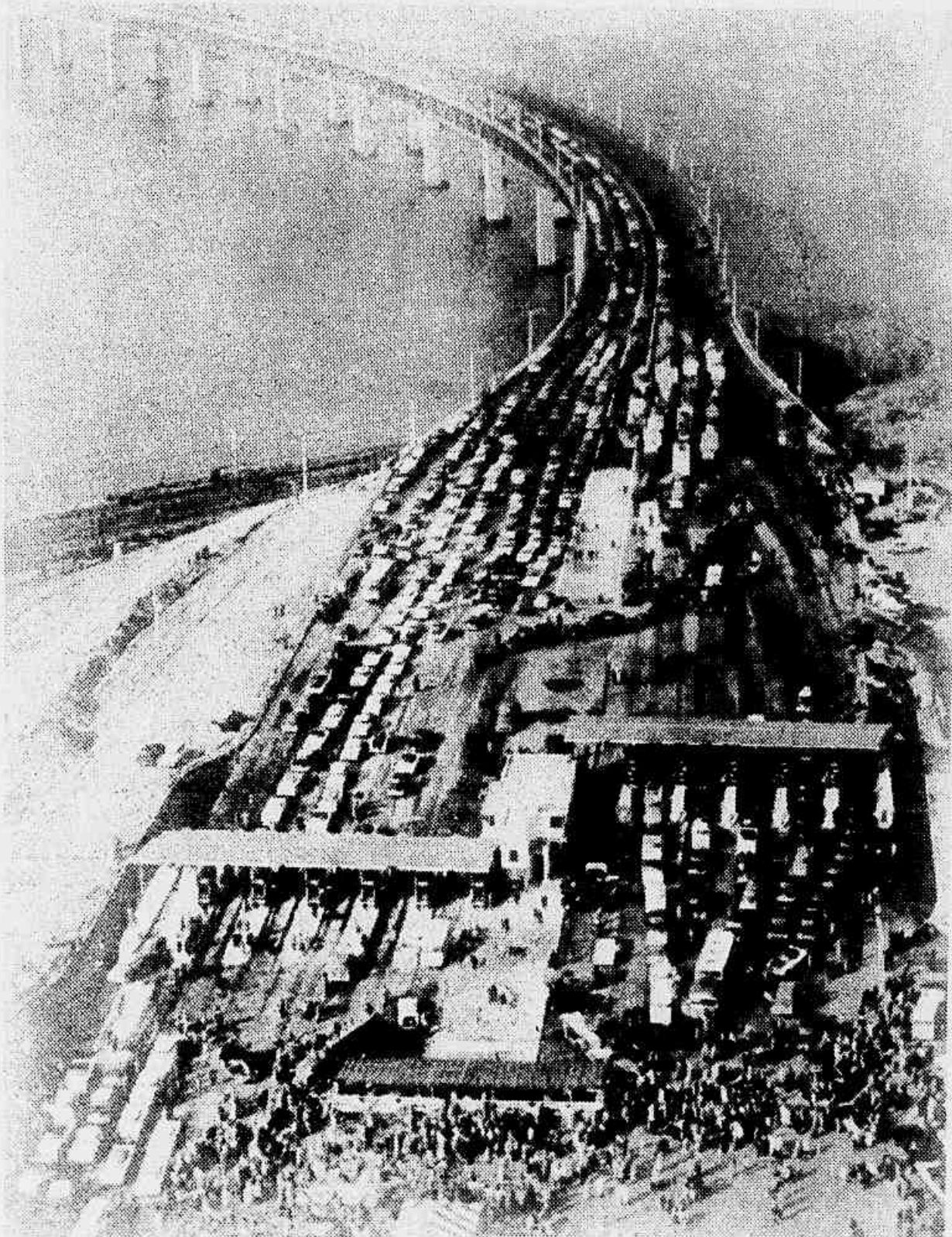




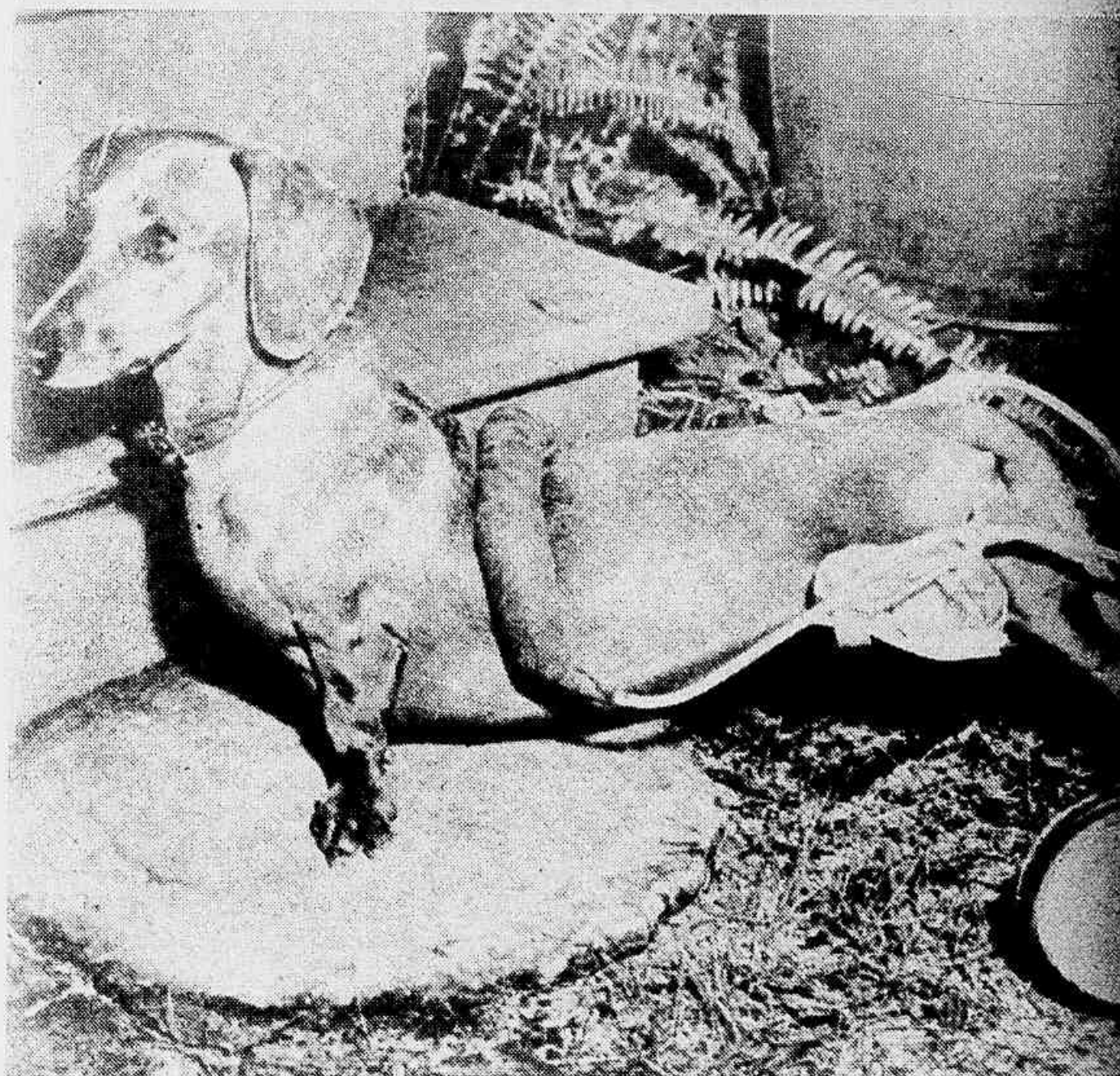
PARECE um farolete partido de automóvel, ou uma bola de rugby; é, porém, uma fotografia aérea da ilha de Manhattan, fotografada de horizonte a horizonte, por uma câmara panorâmica.



NO FESTIVAL DO CIRCO, há pouco realizado em Paris, foi celebrada uma Missa de Meia-Noite em intenção aos artistas circenses. Foi celebrante o Arcebispo Touzé. Eis um aspecto da solenidade.



NOVA PONTE une agora Nova York a Buffalo, por sôbre o rio Hudson. A ponte de Tappan Zee, que executa uma graciosa curva, é das mais arrojadas do mundo. 8 automóveis atravessam-na lado a lado, sem dificuldade.



GRETA é uma «basset» que, tendo ficado parálitica das pernas anteriores, foi presenteada pelo seu dono com um caxincho muito cômodo com o qual locomove-se sem dificuldade. Isso foi na Flórida, e Greta vai rodando bem.



|              |     |     |     |                    |
|--------------|-----|-----|-----|--------------------|
| Fevereiro 25 | 5°  | 32' | 10" | (Signe des Peixes) |
| " 26         | 6°  | 32' | 28" | ( " " " )          |
| " 27         | 7°  | 32' | 45" | ( " " " )          |
| " 28         | 8°  | 33' | 00" | ( " " " )          |
| " 29         | 9°  | 33' | 13" | ( " " " )          |
| Março, 1     | 10° | 33' | 25" | ( " " " )          |
| " 2          | 11° | 33' | 35" | ( " " " )          |



● E pensar que estamos numa noite de 1956! E pensar também que é verão, que é noite quente, que há liberdade nos homens maridos! E pensar que a noite está lá fora, que o pagamento saiu agora, que há uma sobra de dinheiro em cada bolso para seguir a noite, ganhar a noite, viver a noite! E pensar sem acreditar que exista apenas em cena o «Banzo Aiê» e o «De Pedro a Pedro!» Está totalmente morto esse Rio de Janeiro e de presente nos entregou o verão mais melancólico de seu calendário. O «Plaza» estrebuchou como quem quer tomar fôlego, mas era apenas suspiro de morte. Casa sem rumo, sem pé nem cabeça, que fez de sua «boite» salão para bailes pré-carnavalescos, bailes terríveis. E o que mais? Nada mais! Tivemos um tempo distante em que o homem da noite escolhia o «Atlântico», a «Urca», o «Copacabana» ou o «Icarai», se decidindo pelo primeiro ou pelo segundo de seus «shows». Agora está aí a noite: «Banzo Aiê», «De Pedro a Pedro» e nada mais. O Copacabana Palace deixa enferrujar as gavetas do seu «golden-room» e repete a história do papagaio do «folklore».

«meu papagaio eu não troco,  
não vendo, nem dou...

● Há um véu pesado de mistério naqueles palcos, naquelas cortinas, naquela episa velada de seus bastidores e a verdade é que quando se pergunta ao seu diretor artístico o que se passa naquela casa, ele faz um olhar de mistério como se debaixo de cada gaveta existisse um poço de petróleo. Quando se quer saber sobre o «show», se há «show» ou por que não há «show», timidamente sai a resposta: «Dr. Otávio não quer». Muito bem. E pensar que o Copacabana já foi o Copa no mundo! E pensar que estas noites foram noites! E pensar que hoje em dia a gente tem que aceitar apenas dois ou três bares, sem perigo de vida, já que não há mais nada para ver, já que não há mais passagem nem sequer para as francesas que vinham tanto para o Copacabana, já que não há mais cabeça para um «show» nos seus palcos movediços, já que somente Machado é que tem peito e por isso é o único que está faturando as noites.

#### LILIAN FERNANDES

Esta pode ser eleita a «vedete» do ano. Surgiu no «Banzo Aiê» pelas mãos de Carlos Machado e marcou um ponto alto, destacando-se do elenco como figura de primeira. Depois veio o amor com cupidinho, setinha e tudo



LILIAN FERNANDES... foi mas vai voltar...

pelo amor seguiu para «Very Good Carnaval». Colé, com o bom gosto que lhe é peculiar, noivou Lilian e ficou não somente dono de seus encantos como também de sua presença artística. Da última vez que estivemos com Machado, ele nos garantiu que Lilian Fernandes voltará ao seu elenco. E a essa altura já deve ter voltado.



MARIA Antonieta Pons, e pernas que valem milhões mexicanos.



NORMA SUELY... uma voz mais alta dentro das noites do «La Ronde».



EDU... com 80 mil cruzeiros de Vitor Costa. A noite precisa ver Edu.

● ROTEIRINHO — Quando vier ao Rio cuidado para não entrar na «boite» Plaza — O último «show» ali fez grande final com a Rádio Patrulha — Ainda no «Beguim» «De Pedro a Pedro» — Um sucesso o baile do «Galo Vermelho» na Bahia. De parabéns João Dória e Flávio Pôrto — Noite quente, coração quente, boca sedenta e uma boa companhia: é subir para os «Esquilos» — Depois das quatro da manhã ninguém come mais nesta cidade. Horríveis os bifes das casas que insistem ficar abertas — Ainda é muito bom o que serve o «Studio» e melhor ainda a música de Zacarias — Djalma Ferreira querendo abrir uma «boite» em cima do «Pax».

#### PLAZA

Não acertou o pé a «boite» do Plaza mais uma vez, na tentativa de montar um «show». Os donos ou donas daquela casa completamente desorganizada, como «boite» e como hotel, ouviram cantar o galinho mas não sabem onde. E podem escrever que a bomba que vai estourar ali vai ser das grandes!

#### OSCAR

Oscar Ornesteln, agora à frente da direção geral do Copacabana Palace, lançou com sucesso os jantares dançantes na pérgola da piscina. Mas o verão vai acabar e o «Meia Noite» vai ter que abrir quando tudo começar a esfriar. Daí Oscar está de malas prontas para buscar talentos nos Estados Unidos e na Europa.

#### EMILIA, A PORTUGUESA

A dos dentes mais lindos e a dona mais alegre de uma casa noturna, aquela que é Emilia e que tem «La Ronde» com seu. Casa difícil a princípio, mal orientada quando sua dona foi à Europa, aos poucos vai ganhando pé outra vez. Deixou que Virginia Beck fosse para o «Sacha's» e tem agora César Siqueira no teclado do piano que ficou.

#### O CADILLAC

Meu amigo Silveira — ressabiado comigo por causa do «Pedro a Pedro» — está fazendo sucesso com o seu grande «show» agora no teatro. E tem muita coisa preparada para este ano que está novinho, muita coisa nova de sua cabeça sempre cheia de bossa nova.

#### ARI

Tinha o moço da Aquarela os seguintes contratos: Cuba, Venezuela, Trujillo, Uruguai, Argentina e Chile. Depois de muita conversa e várias contra-propostas Ari resolveu ficar mesmo por aqui, ou melhor por ali pelo Leme provando da «gin-tônica» que Máriozinho lhe dá de graça e não dá dor de cabeça.



## CINE-ROMANCE



### RESUMO DO 1º CAPÍTULO

● Angel Chavez, jovem mexicano residente em San Juno, foi acusado da morte de Maria Wiltse, admitindo-se que a tivesse violentado. O juiz Armstrong pede um castigo exemplar para o rapaz, enquanto os habitantes da povoação agitam-se tocados por alguns demagogos. Barney Castle, astuto advogado local, assume a defesa de Chavez, quando todos estão convencidos de que não há defesa possível. Barney chama David Blake para ajudante, depois que este foi suspenso da universidade onde ensinava criminologia, por carecer de experiência. Angel insiste em negar o crime, afirmando que a jovem morreu quando a beijava na praia. A bonita secretária de Barney, Abbe, lembra que Maria Wiltse consultava o médico com frequência, por sofrer do coração. Barney sugere que enquanto vai a Nova Iorque reunir fundos para os gastos da defesa, David se encarregue da parte legal, ao mesmo tempo que deverá esforçar-se para que o enterro da moça seja feito o mais discretamente possível para evitar maiores escândalos. Contudo, os principais agitadores interrompem-se do dia e da hora das funerais e apresentam-se para tomar parte na cerimônia, produzindo candentes discursos. Castillo, o líder do movimento, consegue inflamar os sentimentos da multidão e Barney decide recorrer ao governador para que mande tropas à povoação, com o propósito de manter a ordem e proteger o acusado. E agora, a história continua assim:

Angel continuava a negar a autoria do crime... Ela teria sucumbido quando a beijava, mas não lhe havia tirado a vida...

**B**ARNEY considerava de grande importância que o enterro de Maria Wiltse fosse feito sob a maior reserva, devido a querer evitar qualquer exibição pública contra o acusado. Os pais da extinta concordaram em celebrar as cerimônias fúnebres a uma hora bem cedo; mas apesar de todas as precauções, os grupos que mantinham e defendiam a superioridade da gente loura, arranjou modos de comparecer ao enterro em grande número.

— Faremos todo o possível para que a gente da nossa raça possa viver tranquilamente com a gente da mesma categoria, declarou Rafael Castillo, um rico negociante com bens de raiz. Vamos fazer que a morte desta heróica moça não tenha sido em vão...

E dirigindo-se num gesto teatral para a sepultura da vítima:

— Maria Wiltse, todos nós juramos fazer todo o possível para que jamais outra família neste lugar venha a sofrer o que a tua sofre neste momento!

Os assistentes responderam à perigosa arenga com calorosas exclamações e aplausos.

Barney fixou um por um com certo desdém no olhar. — «A turma entrou em atividade», disse ao ouvido de David. Na certa que uma quinta

parte da cidade o acompanhará neste movimento. Os outros permanecerão em suas casas, com as portas trancadas, receando sofrer danos provocados por esses maus elementos. Melhor será comunicar-nos com o governador para que mande tropas...

x x x

Apesar de estar o dia extremamente acalorado, a multidão começou a agrupar-se frente ao cárcere com o propósito, segundo se murmurava, de fazer justiça pelas próprias mãos. Instigados por Castillo, alguns levaram um poste de telégrafo usando-o à guisa de ariete para derrubar a porta da prisão.

No interior, Barney falava com o carcereiro:

— Se essa malta conseguir linchar esse rapaz, o ato será uma mancha negra na história de San Juno e ninguém gosta de viver ou fazer negócios com um povo que costuma linchar os acusados à menor provocação. E quando não há negócios, o povo não pode prosperar, e si San Juno não prosperar, então você jamais receberá aumento de salário, homem!

Depois, apontando a porta principal do cárcere que parecia ceder aos golpes do poste telegráfico:



# A FÚRIA DOS JUSTOS

— Se esse rapaz já não estiver vivo quando as tropas do governo aqui chegarem, você sofrerá consequências muito graves!

Sanders não era tão palerma que não compreendesse o raciocínio de Barney e mesmo dizendo claramente que o que sucedesse com o rapaz não era problema seu, ajuntou que se um linchamento significava perda de prestígio para a povoação e para ele... então era preciso fazer alguma coisa. Barney não pôde penetrar os pensamentos que cruzavam o cérebro do carcereiro:

— Estou certo de que esses homens ouvirão a você — disse a Sanders. Vá falar-lhes e diga-lhes que lhes promete que o rapaz será julgado oportunamente. Asseguro-lhe que todos o escutarão e que seu nome há de figurar amanhã como o de um herói, nas primeiras páginas dos jornais.

— Sim, o senhor tem razão... acredito que se lhes falar, hão de ouvir-me... por que não? disse Sanders à meia voz, sentindo-se já o herói da jornada que logra acalmar aos enfurecidos homens. Mas veja que se eu lhes der a minha palavra de honra de que o rapaz será julgado... e se a lei depois não o julgar convenientemente... então eu me verei em apuros...

— Nada lhe posso assegurar a esse respeito, respondeu o advogado.

— Mas posso eu! disse uma potente voz às suas costas. Era a voz de Armstrong, o juiz do distrito, que acabava de chegar, entrando cautelosamente por uma pequena porta traseira. Pode prometer a essa gente que julgaremos a esse rapaz o mais breve possível... mas dentro da lei!

Sanders dirigiu-se à janela que dava para a praça onde se juntara a multidão. Pessoalmente sentia-se vinculado aos que gritavam pedindo a morte de Angel Chavez. Até os mais rebeldes respeitavam sua barriga corpulenta e todo seu corpo de gigante. Assim, quando o carcereiro lhes assegurou que o assassino de Maria Wiltse seria irrevogavelmente julgado, todos acreditaram, especialmente quando fez menção, seguindo as sugestões de Barney, que uma cidade em a qual se linchava os acusados antes de serem julgados pela lei, perdia todo o seu prestígio no mundo civilizado.

Pouco a pouco a multidão se dispersou, ficando a praça inteiramente vazia.

Logo que o povo sumiu, Sanders voltou o rosto para o prisioneiro, acorçado a um canto da cela, temendo ser morto de um momento para outro pelo populacho:

— Não te preocupes, Chavez! A lei te garante um julgamento legal e uma sentença com todos os preceitos da ordem!

x x x

Barney embarcou no dia seguinte para Nova York, acompanhado por Consuelo Chavez, mãe do prisioneiro, com o fim de sensibilizar as massas e reunir fundos para a defesa do rapaz. Na sua ausência, permitiu que David ficasse na casa de campo próximo à praia, e foi ali que David preparou a sua defesa. O trabalho era laborioso e requereu inúmeras investigações, recolhimento de datas e provas, e o auxílio de taquígrafos parlamentares. Tudo aquilo requeria dinheiro e David compreendeu o gesto generoso de Barney. De outra maneira, o caso estaria completamente perdido. A secretária de Barney, Abbe, estava a seu lado, para ajudá-lo e animá-lo em seus esforços levando a cabo uma brilhante defesa. Durante as horas que David destinou a ouvir o acusado, este demonstrou viva curiosidade por todos os procedimentos legais e pediu ao advogado que o pusesse a par das razões e princípios em que se fundavam certos requisitos legais. David foi sentindo aumentar a simpatia pelo rapaz, a quem de boa fé julgava inocente.

A primeira experiência que David fez no tribunal foi a seleção do jurado. Cada lado tinha direito a rejeitar os membros do jurado, se os considerasse ineptos para julgar o caso com imparcialidade. Adotando uma sugestão de Barney, David havia entrado em contacto com um detective particular que investigou os antecedentes de uns cem indivíduos do lugar, candidatos para formar um corpo de jurados definitivo; e agindo de acordo com os informes desse detective, exigiu que se rejeitasse a todos os que até esse momento haviam sido nomeados, sob o pretexto de estarem sob a influência do Estado.

Muito surpreendido, o magistrado Motley mandou chamar Armstrong e David a seu escritório particular, pedindo-lhes minuciosas explicações:

— Os membros do júri foram visitados em sua casa por alguns detectives, explicou David, os quais lhes fizeram algumas perguntas...

— Isso foi feito com a sua anuência, sr. Armstrong? inquiriu o magistrado.

— Não senhor. Eu nada sabia sobre o assunto, respondeu o interpeado. Mas é costume investigar sobre os membros de um corpo de jurados ante o processo, sobretudo quando se trata de um assassinato. A defesa faz outro tanto.

— Sim, a investigação é uma coisa, objetou David, mas enviar polícia secreta a casa dos membros de júri para intimidá-los não me parece correto!

— Minha intenção não foi a de intimidar ninguém, disse Armstrong.

— Aqui estão as provas, replicou David, entregando a Motley umas informações testemunhais devidamente legalizadas. Como pode ver, esses documentos demonstram que muitas dessas pessoas foram intimidadas.

— Sim. Foi Sanders que sugeriu que se lhes explicasse seus deveres. De qualquer modo, sou eu o responsável e peço desculpas.

— Suponha o senhor que a defesa não tivesse dinheiro para contratar detectives particulares que fizeram essas investigações... — disse o magistrado Motley a Armstrong. Teríamos prosseguido no processo com um jurado que prejudicaria o Estado. Graças à defesa, estamos salvos de um erro judiciário!

E pondo-se de pé, disposto a retirar-se, ajuntou:

— Até segunda-feira próxima nomearemos novo corpo de jurados. Até lá, vou suspender o processo.

Quando o juiz saiu, o magistrado Motley perguntou a David:

— Que se passa, jovem? Parece-me notar em você um certo recentimento especial... por quê?

— É que não estou satisfeito com os procedimentos legais nesta causa, senhor. Receio que Angel Chavez não seja afinal julgado de acordo com os princípios da lei...

Vacilou um momento, mas a instância de Motley, continuou:

— Também não concordo em terem nomeado o senhor para juiz desta causa. Receio que todos os demagogos venham a dizer mais tarde: «Angel Chavez não teve um julgamento equitativo. O próprio juiz era um homem de côr... só para escudar-se por detrás do senhor e mandar o rapaz para a fôrça...

De fato, Motley tinha origem da raça negra.

— Essa é uma acusação terrível que o senhor joga contra toda essa gente, senhor. Eu lhe rogaria que moderasse o seu ímpeto... porque não tem prova alguma para sustentar essas afirmativas...

Ambos se olharam por um instante. David murmurou algo entre dentes que o magistrado não logrou entender. Depois despediram-se.

(Continua na página 54)

## ( T R I A L )

Novela baseada na película do mesmo título da M.G.M.

### PERSONAGENS :

|                         |                  |
|-------------------------|------------------|
| David .....             | GLENN FORD       |
| Abbe .....              | DOROTHY McGUIRE  |
| Barney .....            | ARTHUR KENNEDY   |
| Juiz Armstrong .....    | JOHN HODIAK      |
| Sra. Chavez .....       | KATY JURADO      |
| Angel Chavez .....      | RAFAEL CAMPOS    |
| Magistrado Motley ..... | JUANO HERNANDEZ  |
| A. A. Sanders .....     | ROBERT MIDDLETON |

— Não vá a Nova York, David... Peço-lhe...  
— Dê-me uma razão lógica e não irei!





# O BAILE DO "TRAVESTI"



Muitos turistas que compareceram ao João Caetano, apreciaram a «Dama Veneziana», vestida a caráter, de meia-máscara, sapatinhos de setim e fantasia em gazes brancas, esvoaçantes, muito bem penteada, que a gravura apresenta. E estranharam não ter sido esta fantasia a premiada.

**UM PARENTESIS NO BAILE DE GALA DO MUNICIPAL PARA VER O EXOTISMO DESSE OUTRO BAILE, NO JOÃO CAETANO ★ CENSURÁVEL, EMBORA, ESSE É UM DOS MAIORES ATRATIVOS DO CARNAVAL, TAL COMO EXISTE EM NOSSOS DIAS ★ E JOÃOZINHO DA GOMEIA DESAGRADOU AOS SEUS IRMAOS DE MACUMBA E CANDOMBLÉ...**

**Texto de JOÃO ALVARENGA • Fotos (exclusivos) de ALBERTO FERREIRA**

**P**ARADOXALMENTE que seja, o baile de Carnaval mais comentado — depois do baile de gala do Municipal, — continua sendo o de segunda-feira gorda, no Teatro João Caetano. Assumiu este ano tais proporções o interesse por essa festa exótica, que dezenas ou centenas de casais, em trajes de rigor, deixaram os salões majestosos do primeiro teatro da cidade, com o surrealismo das decorações que lhe deu este ano Burle Max, para ir ver de perto o baile do «travesti», na velha e tradicional casa de espetáculos da Praça Tiradentes.





«Pássaro Sagrado», primeiro lugar da noite ruidosa, posa, feliz e com orgulho triunfador, entre quatro egipcianos que lhe fazem a guarda de honra. A observar a preocupação dos vedetas em se exibirem ante o numeroso público com aparatosos troféus, à cabeça, quais «estrélas» de revista.



# O BAILE DO "TRAVESTI"

Não se pode deixar de reconhecer que essa noitada passou a ser incluída entre as curiosidades de mais vivo interesse para os que fazem do Carnaval, mais que um divertimento pessoal, um pretexto raro e um campo magnífico para suas observações. Pois o baile do João Caetano não é de hoje; há mais de um quarto de século ali vem se repetindo, e houve tempo

em que eram em número de quatro as festas dêsse estilo, repetindo-se pelos demais teatros do mesmo reduto: os teatros Carlos Gomes, Recreio e até mesmo o República, um pouco distante, já na Avenida Gomes Freire. Depois, o «pivot» dos travesti» passou a marcar reunião obrigatória no João Caetano e aquilo que era então uma reunião avulsa de criaturas exquisi-



Uns cobrem o corpo com cintilantes roupagens, marcos daciosamente e até o «bikini» legítimo fêz ato de pres das vedetes do Folies Bergères. Leques e ventarolas

tas, passou a figurar no «carnet» de muito turista internacional. Em alguns casos, até as agências européias e norte-americanas incluem entre as curiosidades maiores do Carnaval Carioca, de par com o Municipal, o Copa, o Quitandinha, o Dia dos Ranchos, dos Blocos e dos Grandes Préstitos, também o baile do João Caetano.

De caso pensado ou por mera coincidência, essa festa dá-se na mesma noite do baile do Municipal e daí os apuros em que se vêem os «gente bem», obrigados a abrir um parêntesis na folia ultra-elegante, para conhecer êsse outro aspecto bizarro do tríduo carioca de folia. E a exemplo do que se faz sentir em Paris,

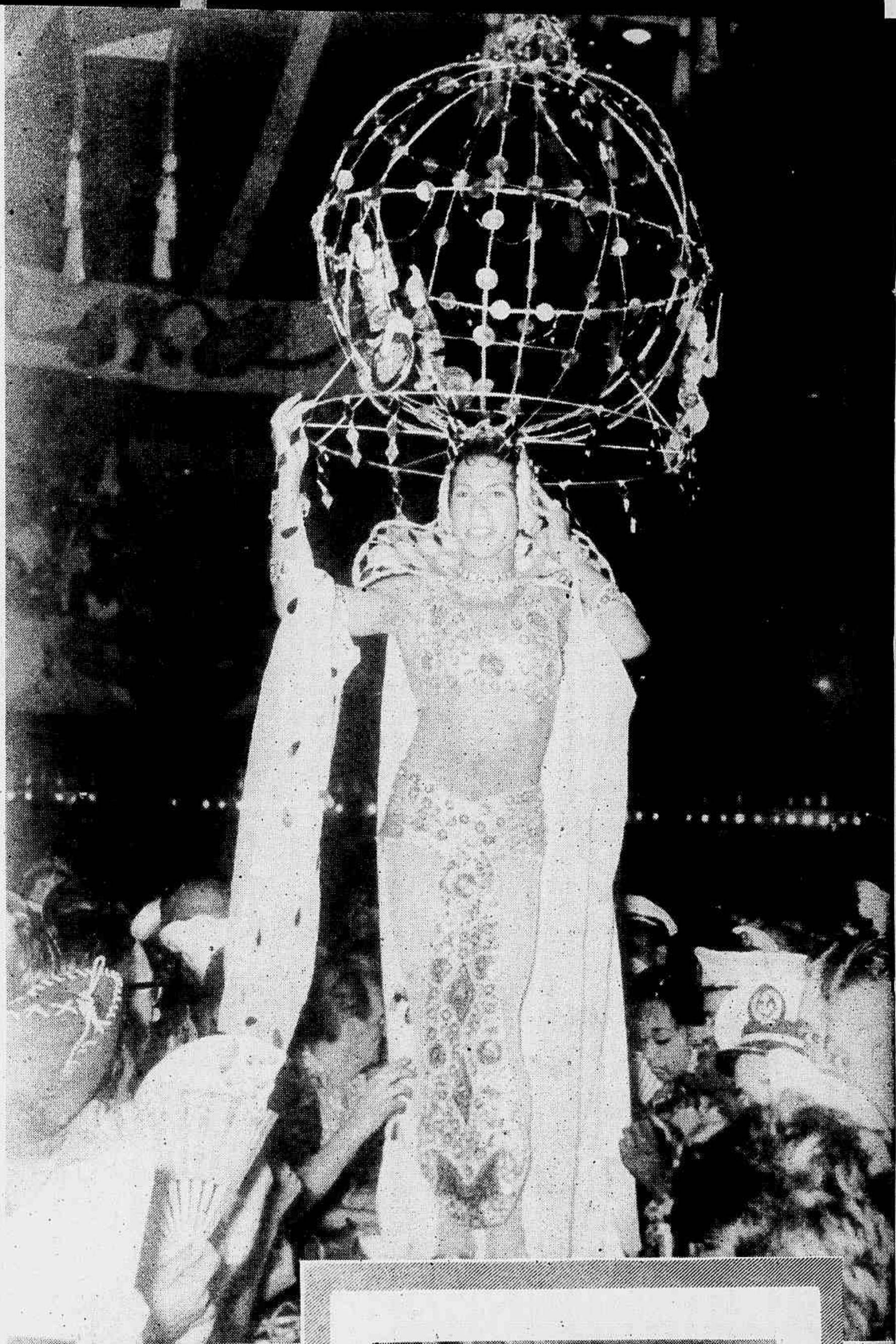




marcos e lantejoulas, enquanto outros preferem despir-se a-  
de presença. Ao centro, Joãozinho da Goméia, à maneira  
arabes ocultam o rosto de algumas discretas espectadoras.

Nova Iorque, Berlim e em outros centros de  
excepcional relêvo, também o Rio proporciona,  
agora, essa atração com foros de característi-  
cas inconfundíveis.

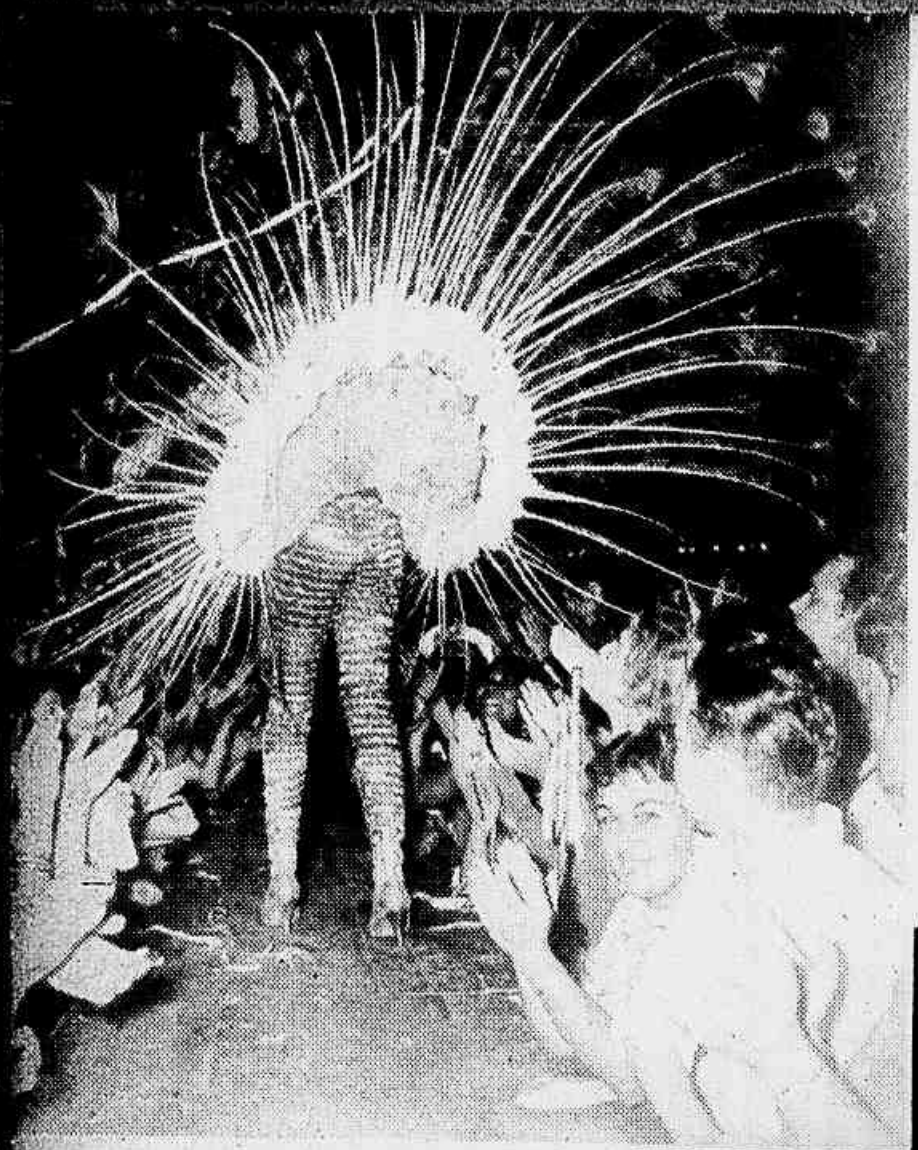
Este ano, o baile do «travesti» culminou de  
interêsse e pela primeira vez fotógrafos e cine-  
grafistas internacionais exerceram suas funções,  
recolhendo «flashes» dêsse baile. Enquanto os  
populares mais afoitos procuram acercar-se da  
«passarelle» por onde desfilam as fantasias,  
talvez para ver mais de perto e melhor, outros  
espectadores, discretos, de classe social mais  
alta, resguardam-se das objetivas e ficam de



Este flagrante à direita,  
exige uma explicação: A  
«dama egípcia» e a «fo-  
liona» de braços erguidos,  
são «travesti». Mas a fan-  
tasia branca é de Ruth  
Amaral, que no sábado,  
com a mesma roupa, estê-  
ve no Copacabana Palace







Duas poses de «Pavão Dourado», fantasia contemplada com o 2º lugar e uma das mais vistosas que desfilaram no tablado do velho teatro da Praça Tiradentes, sob os aplausos (e vaia) estrondosos do auditório.

longe, ou do alto, apreciando das frisas e camarotes a grande farândula.

A presença do famoso Joãozinho da Goméia no desfile de 56 provocou quarenta e oito horas depois, severos protestos das rodas de macumba e candomblé, em as quais o folião «travesti» é figura obrigatória e de projeção. Parece que os praticantes de tais seitas, escandalizados ou seguindo instruções do Além, mostram-se, ao serem redigidas estas linhas, dispostos a expulsar do Ritual o herói que muito garrido e

predisposto, metido em uma tantsia sumária, estilizada, tipo vedete Folies Bergères, arrancou tantos e tão quentes aplausos da assistência do João Caetano.

Em suma, não há mais por que privar os leitores, dêsses aspectos fotográficos, pôsto que amanhã ou depois eles serão reproduzidos nas maiores publicações ilustradas do mundo. Convenhamos que se trata de um festim pouco simpático; nesse caso, cabe às autoridades a tarefa de impedir que seja reproduzido nos anos



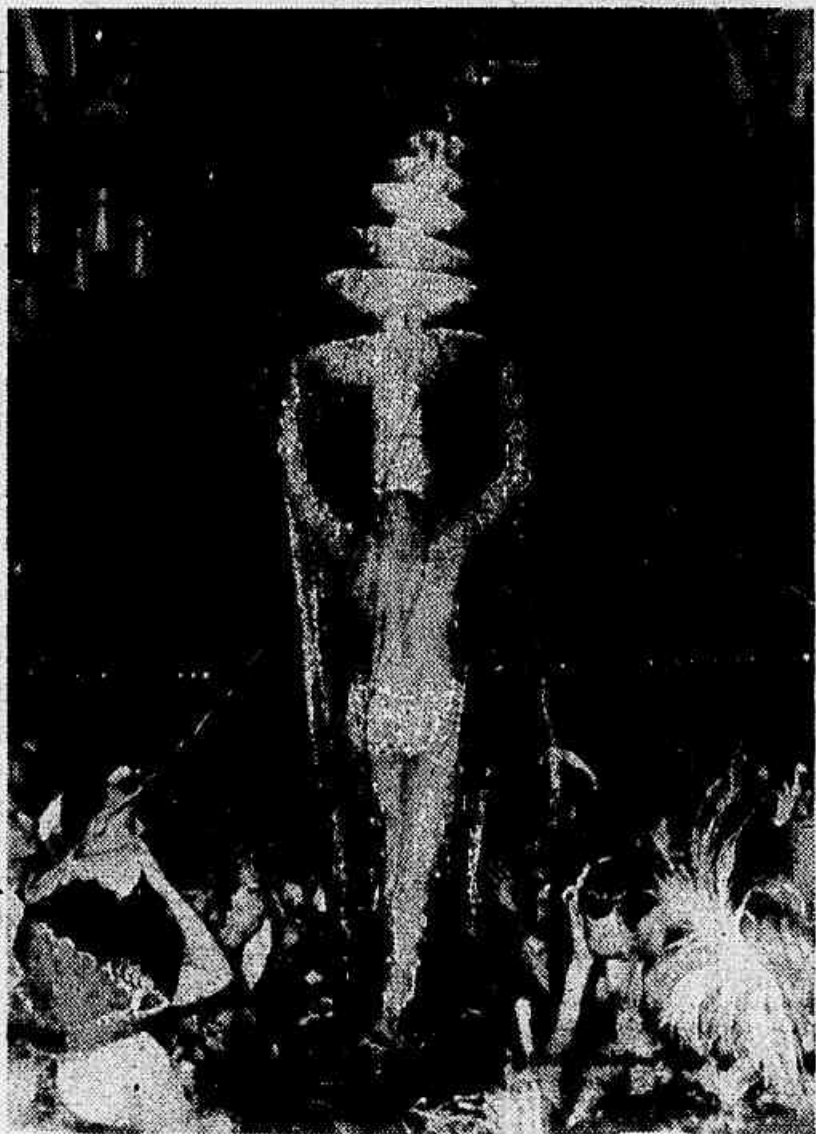
## O BAILE DO "TRAVESTI"





O luxo impera nessas roupas e daí a curiosidade até de frequentadores do Municipal, que deixam o baile de gala pela metade para dar uma espiada no teatro João Caetano. Em baixo, a mesma fantasia, de costas.

Nem todos os vedetes são jovens, alguns não disfarçam a idade um pouco avançada de quem se atreve a desfilar nesses bonitos e caros trajes. Pelas dúvidas, muitos espectadores ocultam o rosto com máscaras.



vindouros. Ou do contrário, será, queiram ou não, um capítulo a mais na série de divertimentos que o Carnaval Carioca, bom ou mal, tal como subsiste nestes dias, se proporciona abertamente ao público do país e do estrangeiro.

Não é este o momento mais oportuno de analisar o lado psicológico e, se quiserem, mesmo clínico da questão. O que há é um baile cada vez mais famoso, hoje divulgado pela Imprensa Internacional, à maneira de outros que são também um forte atrativo das maiores capitais européias e mesmo dos Estados Unidos. E esperamos que em 1957 a «festa popular por excelência» proporcione aos foliões, ou aos «mirones», diversão mais sadia.





# ELIZABETH DE ÁUSTRIA

## A IMPERATRIZ REVOLTADA

Novela de ROBERT VERNON

Ilustração de RAMÓN

(CAPÍTULO V)

(Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone)

**S**UBITAMENTE, em 1866, a guerra que de há muito se anunciava iminente, contra a Prússia, explode, e em Sadowa e em Koeniggratz, os exércitos austríacos experimentam sangrentas derrotas. Aproveitam-se disso os húngaros para tentarem a divisão do Império. A situação da Áustria parece ser desesperadora, quando Francisco José afinal se decide a seguir os avisos de Elizabeth.

Aceita, assim, as condições de paz dos prussianos e concede ao povo húngaro todas as satisfações que ele exigia. Graças ao tino político de Elizabeth, o Império Austro-Húngaro é preservado, até que a Grande Guerra de 1914-1918 viesse dar cabo dele.

O interesse que Elizabeth denota para com os húngaros não deixará porém de ser-lhe profundamente incômodo, mais tarde. Certamente, sua grande generosidade faz com que ame os oprimidos e os infelizes, nos quais reencontra o eco de seus próprios sofrimentos; porém, no caso presente, intervém um sentimento que bem poderia ser amor. Elizabeth, com efeito, unira-se em amizade com o conde Julio Andressy, o «Belo Enforcado», condenado à morte à revelia, em seguida à malograda Revolução Húngara de 1848, e enforcado, em effigie, em Budapest, durante a sua estada em Paris, onde a sociedade local lhe dera aquela curiosa denominação. Era o conde, verdadeiramente, um esplêndido exemplar da raça orgulhosa e forte dos Magiares. Possuía uma grande cultura, e o senso inato da política, que faz os grandes estadistas. Os encontros secretos que teve com Elizabeth foram logo divulgados, graças ao bando de espiões assalariados por Sofia, a qual mandou imediatamente a seus lacaios e servidores que espalhassem a nova de que a Imperatriz da Áustria amava o belo húngaro. Elizabeth defendeu-se galhardamente. Na verdade, uma correspondência contínua se estabelecerá entre ambos, por intermédio de Ida Ferenczi, e Elizabeth, tão isolada e incompreendida, experimentou, sem dúvida, para com o conde, um sentimento que ultrapassava um pouco os limites da simples amizade. Sua correspondência clandestina, antes de se tornar oficial, contém uma sutileza de expressão, um calor dissimulado, que deixa supor laços estreitos, embora respeitosos. Elizabeth, que, para si mesma, era um juiz severo, se deixou enredar em sentimentos pessoais, porém não agia sob um impulso egoísta, em suas relações com o conde. Esse fôra o primeiro amigo leal, com o qual pudera ela contar, mas, ao mesmo tempo, era também o símbolo de um povo que, nas reações contra os opressores, sempre aparecera a Elizabeth como a personificação de seus próprios sentimentos. No caminho aciden-

tado da vida, nos dias trágicos de Hofburg e de Luxemburgo, é junto ao conde que Elizabeth encontrará um pouco de paz e de esperança.

Elizabeth está com trinta anos. Está no pleno domínio de sua beleza. A estranha força magnética que dela emana, e que age sem que ela o deseje, lança ante seus pés todos os homens. Em sua beleza, nada há de sensual: parece mais uma deusa inacessível, da qual ninguém ousa nada pedir, mas pela qual todos morreriam de bom grado.

Está longe de ser provocante, parece sempre distante, quando não fria, não pela arrogância, mas por uma singular timidez, uma espécie de apêlo da solidão, que faz com que ela se entregue antes à solidão dos campos, que ao amor dos homens. Várias vezes a compararam a um pássaro, prestes sempre a alçar vôo. Em seu rosto imóvel, quase inexpressivo, seus olhos denotam uma vida interior intensíssima; e seus cabelos tombam como uma cascata espanada pela tempestade. Leva uma vida absolutamente isenta de excessos, seu único delito sendo o recusar-se sistematicamente a dobrar-se ante os imbecis regulamentos que se estabeleceram para matar o tempo de uma Imperatriz da Áustria. Dêsse crime, porém, seus inimigos saberão fazer, contra ela, um terrível látigo. Elizabeth odeia os bailes e as recepções; adora viajar, como se acaso pudesse ser livre e ir até onde bem desejasse; pensa ainda ser a menina um pouco abandonada da infância, e toda vez que, após grandes tramas, consegue burlar a vigilância severa de seus inimigos e transgredir o protocolo, experimenta uma alegria quase infantil.

O outrora fugindo à vigilância materna, passava dias inteiros escondida em fazendas, nas cercanias do castelo paterno, a beber leite que ela mesma tirava das vacas, a alimentar as galinhas. Ensinava os filhos dos camponeses a ler, partilhar seu pão negro, que ela prefere aos suntuosos banquetes da corte paterna; malgrado todo seu liberalismo, seu pai lhe parece rude e orgulhoso. Desde então, passaram-se os anos, a pompa que a envolve mudou, porém Elizabeth continuou a mesma; assim que pode, foge a todo e qualquer formalismo, e, para escapar a ele, não cessa nunca de movimentar-se: de Luxembourg vai a Viena, de Viena se dirige para Budapest visita os pais na Baviera, e novamente volta da Baviera a Viena. Passeia, preferentemente sem nenhum acompanhamento, e dirige a palavra às pessoas de mais modesta condição. Por toda a parte em que passa, os corações se abrem para recebê-la, e as almas se escravizam à sua para a eternidade.

O veneno dêsse rosto encantador, são as mentiras e intrigas sem fundamento, quase sempre, que o acompanham a toda parte. Sofia, muito embora Elizabeth tenha afinal conseguido criar uma corte de fiéis, ainda não se deu por venci-

da, e organizou uma nova turma de espiões, destinados a lhe contar todos os passos da Imperatriz, dando-lhes ela a interpretação que melhor conviesse a seus designios maléficos. Sem descanso, as ações e gestos de Elizabeth são observadas e desfavoravelmente interpretadas.

### TRÁGICOS AMORES

As freqüentes excursões que Elizabeth fazia à casa de seus pais, na Baviera, muitas vezes lhe permitiam encontrar-se com seu primo, o rei Luís II. Esse jovem soberano, exuberante e exaltado, jamais escondera os sentimentos de amor que nutria pela prima. Sempre que podia, não deixava de vê-la, muito embora fôsse noivo da irmã de Elizabeth.

— «Tu não podes imaginar, querida prima, (escreveu-lhe ele um dia) como me tornaste feliz. Conto entre minhas horas mais belas, as que contigo passei, faz pouco. Permitirás que

● RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Elizabeth, filha de um duque bávaro, foi criada em um ambiente liberal, peculiar à pequenina corte de seu boêmio pai. Com quinze anos, desperta o amor do jovem imperador austríaco, Francisco José, e com ele se casa. Começa então, para ela, uma fase de sofrimentos, de vez que a sogra, a Imperatriz-Mãe Sofia, não a suporta, e seu marido carece totalmente de sensibilidade e de delicadeza capazes de entender o caráter peculiar da jovem imperatriz. Elizabeth passa então a viajar constantemente, pois ama ver países e povos estranhos. Contudo, Sofia, até onde vá a jovem, envia espiões, que mandam contar, detalhadamente, todos os seus passos e atitudes, que são alterados pela malévola Imperatriz, e assim apresentados ao Imperador. Busca assim Sofia criar um clima de mau estar para Elizabeth, o que, de fato, consegue com a maior facilidade.





eu vá ver-te em Isch. E se verdadeiramente está próximo o momento de eu te rever, sou o mais afortunado dos homens. O sentimento de afeição sincera, de respeito e de fiel servidão que, desde a mais tenra mocidade, eu conservava por ti no mais fundo de meu coração, fazem-me acreditar no céu, ainda na própria terra; e não se hão de extinguir senão com a morte. Peço-te que perdoes de coração o conteúdo dessas linhas, mas eu não mais podia dominar-me».

Elizabeth, de modo severo, mas delicado, repele essa ardente afeição, tentando encaminhá-la à figura de sua irmã, esposa de Luís. Seus esforços, porém, não conseguem fazer estancar os comentários maliciosos que já se fazem ouvir em toda parte. As cartas e documentos secretos dos diplomatas acreditados junto a Corte de Baviera lançam, sem hesitação, sobre Elizabeth, a responsabilidade do desequilíbrio do jovem rei, que a cada dia mais se acentua. É verdade

que Luís II é uma personalidade estranhíssima. Nunca se detém em sua capital, procura insistentemente a solidão, erra a cavalo através de montanhas, de florestas, à luz da lua e contemplando o céu, durante horas e horas. Frequentemente protela o seu casamento. Durante semanas inteiras, ninguém o encontra. Depois, reaparece, apresenta-se à jovem noiva, chora e explode em lamentações de remorso e em juras de fidelidade, reafirmando sua devoção e seu amor. Afinal, em duas simples linhas, rompe seu noivado. E, embora inúmeras tenham sido as intervenções, embora já o dia do matrimônio estivesse marcado e bem próximo, com os convites expedidos e o cortejo preparado, mantém-se inabalável em sua resolução. Um castelo fora construído para habitação da futura Rainha, e os pobres, seguindo o costume, haviam se encostado às paredes, para receber do alto das muralhas as esmolas. Luís, contudo, erra de castelo em castelo, e torna-se invisível

a seus ministros, que lhe desejam falar sobre os negócios do Estado bávaro.

Porém, quando alguns meses mais tarde Elizabeth, após uma viagem à Hungria e a Roma, reaparece em casa, o Rei, que não se pensava mais pudesse reaparecer no Castelo, imediatamente ali se apresenta. É necessário recebê-lo, muito embora os sentimentos íntimos de cada, e, frente a frente com seu ídolo, Luís não tem palavras com que exprimir seus pensamentos. Elizabeth, embora sabendo a que maledicências se expõe, não tem coragem de repelir a adoração fervorosa que lhe devota um parente, uma criança de cérebro fraco.

É esse mesmo sentimento de piedade que levou Elizabeth a responder às missivas de um jovem padre ortodoxo, Olteanu. Esse havia estudado no seminário de Viena, onde, sem dúvida, tivera ocasião de, certa vez, ver Elizabeth.

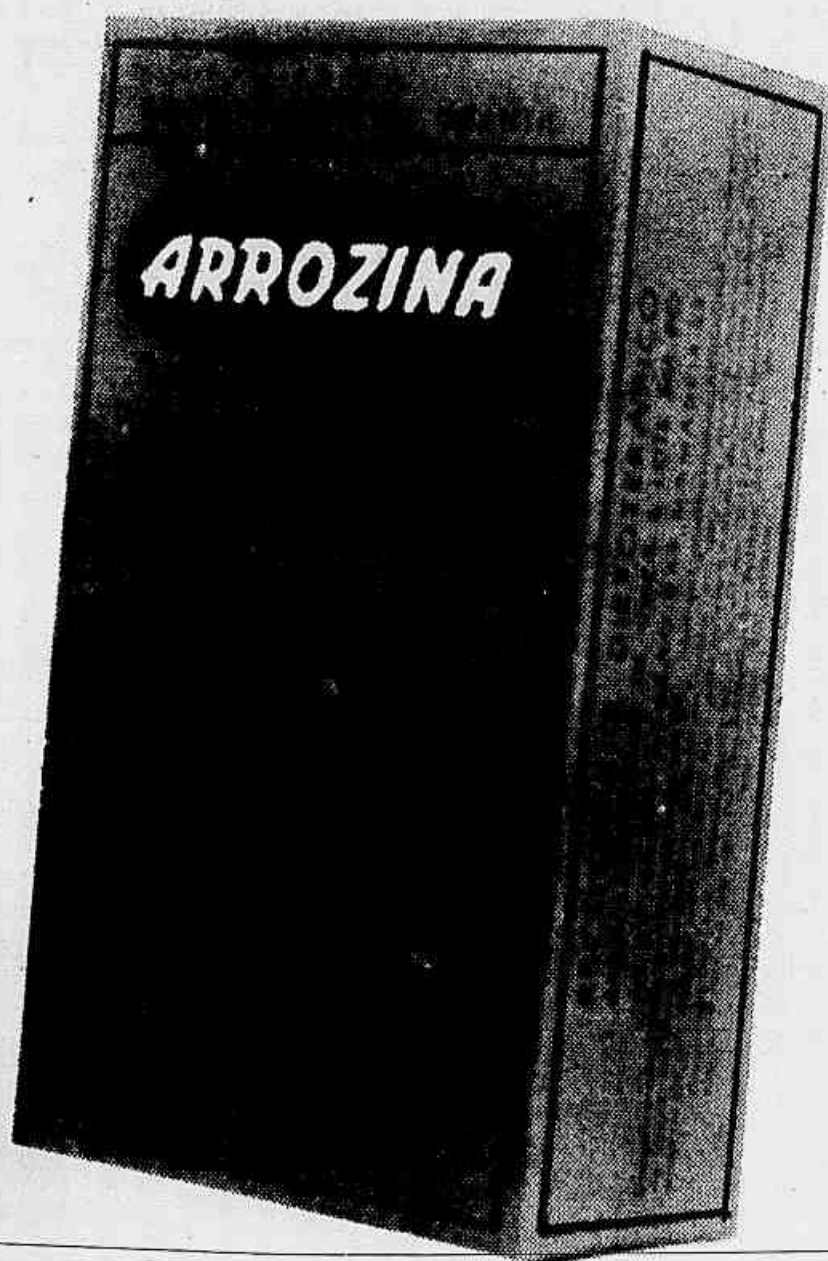
(Cont. na página 54)



# É hora do "RANCHO"



seu filho  
cresce com



O alimento  
que levanta  
o peso  
do bebê

A venda em  
armazéns,  
mercearias  
e  
farmácias

*Experimente Arrozina em  
mingaus, cremes, recheios e bolos*

UM PRODUTO



**Instituto Dietético  
Infantil S.L.**

CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País

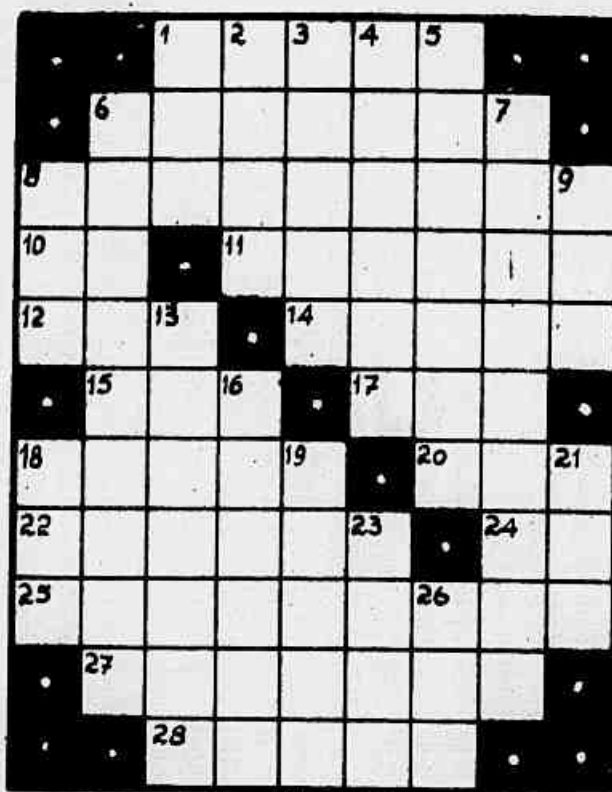
## Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 109

PARA VETERANOS

**HORIZONTAIS:** — 1. Esconde debaixo de alguma coisa — 6. Pequeno discurso — 8. Inclinação amorosa — 10. Sufixo indicativo de serventia — 11. Esquecer — 12. "Descance em paz" (abr. em latim) — 14. Choupana de índios do Brasil — 15. Nome de mulher — 17. Pequena moeda sueca — 18. Limite — 20. Espécie de baiacu — 22. Impulsionam — 24. Árvore do Senegal — 25. Inutilizas o cavalo tornando suas mãos defeituosas — 27. Remediar — 28. Desdouros.

**VERTICAIS:** — 1. Nome de homem — 2. Bambo — 3. Cisco — 4. Ponta aguda — 5. Estofado precioso com que se cobria a sela — 6. Festa que as damas grávidas, na antiga Roma, celebravam, para ter parto feliz — 7. Teriam propensão — 8. Preposição — 9. Comêço de uma nova ordem social — 13. Esporear — 16. Estrangeiro — 18. 26ª letra do alfabeto turco — 19. Canoa que tem as extremidades achatadas em forma de bico de pato (pl.) — 21. Cidade da França — 23. Resina das árvores — 26. Caminhavas.

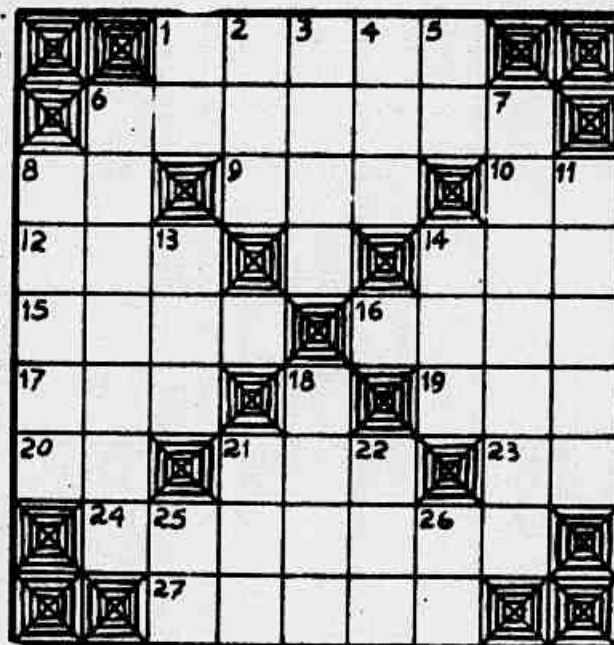


Ataner - Rio

PARA NOVATOS

**HORIZONTAIS:** — 1. Um par — 6. Mau cheiro do mar na vassante da maré — 8. Aqui — 9. Liga — 10. Pedra de Moinho — 12. Mau cheiro — 14. Colocar — 15. Nome de homem — 16. Estado do Brasil — 17. Fileira — 19. Grande porção — 20. Símbolo do rádio — 21. Quer bem — 23. Sadia — 24. Que é da natureza do sebo — 27. Sugou.

**VERTICAIS:** — 1. Neste lugar — 2. Pedra do altar — 3. Flecha — 4. Membro empenado das aves — 5. Cinquenta e um romanos — 6. Manchas — 7. Carinhoso — 8. Emudecer — 11. Rezara — 13. Camareira — 14. Pareina — 18. Assim seja — 21. Rebordo de chapéu — 22. 365 dias — 25. Preposição — 26. Pronome pessoal, 2ª pessoa do singular.



## SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 108

PARA VETERANOS

**HORIZONTAIS:** pálidas — laxar — Ilex — imos — repassado — oró — zoa — eco — ber — cie — nim — safardana — asas — oras — locai — bororós.

**VERTICAIS:** — alepocéfalo — laxa — IX — dais — armazenário — diro — psoa — leréias — odorina — só — csar — ir — masa — asor — doar — co.

PARA NOVATOS

**HORIZONTAIS:** cabalar — rasos — má — usa — A.C. — ira — ama — maragatos — aca — ala — Ra — Ari — al — abate — alarara.

**VERTICAIS:** ar — baú — assegurar — loa — as — amimara — acasala — araca — amola — ara — ata — aba — Ita — Al — er.



# ALENTEJO CELEIRO DA NAÇÃO

JOSÉ MARIA RODRIGUES



Uma vista da pitoresca cidade de Marvão.

AS landes alentejanas, searas sem fim batidas pelo vento, **montados** e terrenos pedregosos, terra mosqueada de chaparros e azinheiras com pouca água e muito sol, marcam contrastes flagrantes com todo o resto de Portugal. O que no norte é economia apertada e intensidade cultural, no Alentejo ganha em extensão. Com a chegada das primeiras águas e dos frios que fazem doer, o alentejano mete o arado à terra e começa a grande faina. Levanta-se e deita-se com as galinhas, como se usa dizer nessas paragens. Manhãs ainda sem sol, com caramelo nas poças de água e geada cortante, o alentejano inicia a labuta, riscando na terra com o ferro do arado, puxado por uma **parelha** de bêstas.

Semanas depois, de saco ao ombro, lança a semente na terra, o trigo que dará mais trigo. Nascido o cereal é acariciado pela **grade** que desfaz os torrões para que a semente se desenvolva.

Também a cultura do pão tem o seu calendário: Janeiro: — Da flor de janeiro, ninguém enche o celeiro. Janeiro molhado, se não é bom para o pão, não é mau para o gado. Quando não chove em fevereiro, não há bom pão nem bom centeio.

Além do trigo, o alentejano se preocupa, com o varejo e a apanha da azeitona. Vestindo samarras e saões, de varas nos ombros partem, manhã cedo, em debandada pelos campos, ranchos alegres de moços e moças comandados

pelo manajeiro. Os homens batem às árvores e as mulheres, ajeitando as saias à maneira de calças, apanham a azeitona. Outras cirandam o fruto, isto é, limpam-no das folhas velhas e impurezas. As crianças dedicam-se ao **rabisco**, apanhando o que sobra para venderem à noite.

Os grupos de manhã, com rumo ao trabalho, seguem em silêncio. À tarde porém, a alegria é grande e as canções fazem eco por montes distantes:

A sombra da oliveira  
Amor é que é o falar  
Tem a folha miúdinha  
Não entra lá o luar.

A outros trabalhos pesados se dedica o alentejano como por exemplo a carvoaria e tiragem de cortiça. Por altura das ceitas as aldeias só ficam povoadas por velhos e crianças. Todos os outros abalam para os montes, casinhas brancas perdidas longe, e onde passam a viver durante o tempo da ceifa. Além dos habitantes da aldeia, outros homens aparecem nesta quadra de trabalho, oferecendo os seus serviços para **ganhões** ou **almocreves**, homens que andam de terra em terra, de monte em monte para que os manageiros os contratem. Esses bandos migratórios trazem ao Alentejo gente de todo o país. Da aldeia carregam os lavradores com chouriço, toucinho, lingüiça, azeitonas, muito pão, lombo de porco para alimentação de todo o pessoal.

No verão comem normalmente gaspachos, preparados em grandes tijelas. É uma espécie de salada de tomate, pepino e cebola, misturada com pão migado, água e muito azeite. Os víveres são transportados em carros de **parelha** e burros.

O alentejano não é de temperamento econômico. Tudo o que tem gasta. Veste bem e come melhor, muito ao contrário do algarvio ou beirão.

Durante a ceifa eles protegem os dedos com canudos de cana. A sede é abrasadora durante o período da ceifa que coincide com o tempo quente. Silêncio e calma pelos campos onde só o cortar da foice se faz ouvir.

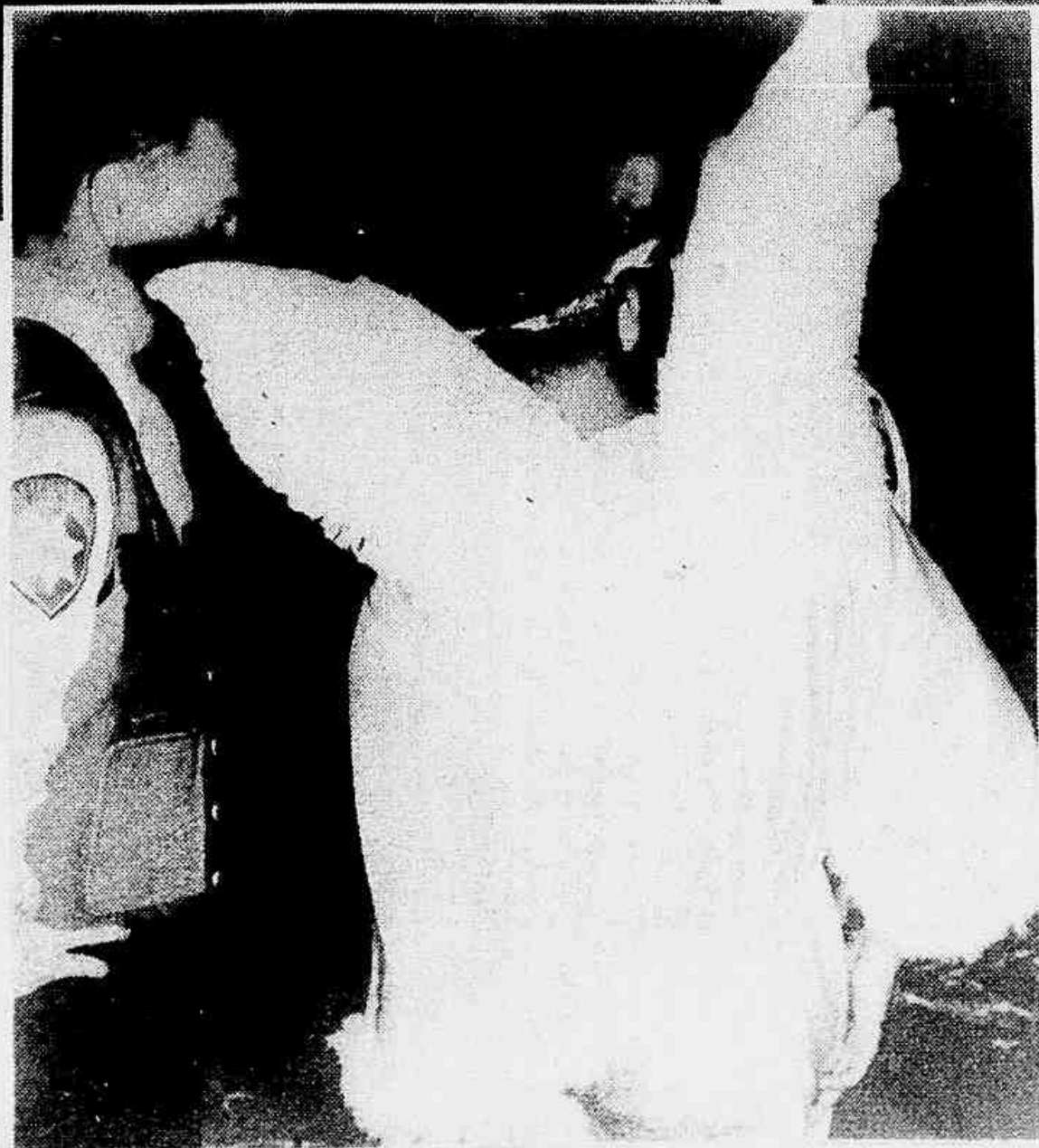
Depois de ceifado, os atadores arranjam molhos de trigo. Passam muitas horas dobrados enquanto cortam a ceira, posição incômoda mas a que há muito se habituaram. Surge finalmente a hora do rancho. Vem depois a sesta, o repouso à sombra de qualquer chaparro.

Duas horas depois recomeçam o trabalho.

É assim todos os anos. Fustigados pelas mós-cas das mulas, picados pelo sol, alagados em suor, eles arrancam da terra o alimento esperado pela nação portuguesa.

Sem lamentação, sem revoltas sempre com um interesse crescente pelo trabalho, de pais para filhos, gerações sobre gerações. O alentejano construiu o celeiro do país, moirejando de sol a sol sem pensar no **pé de meia**.

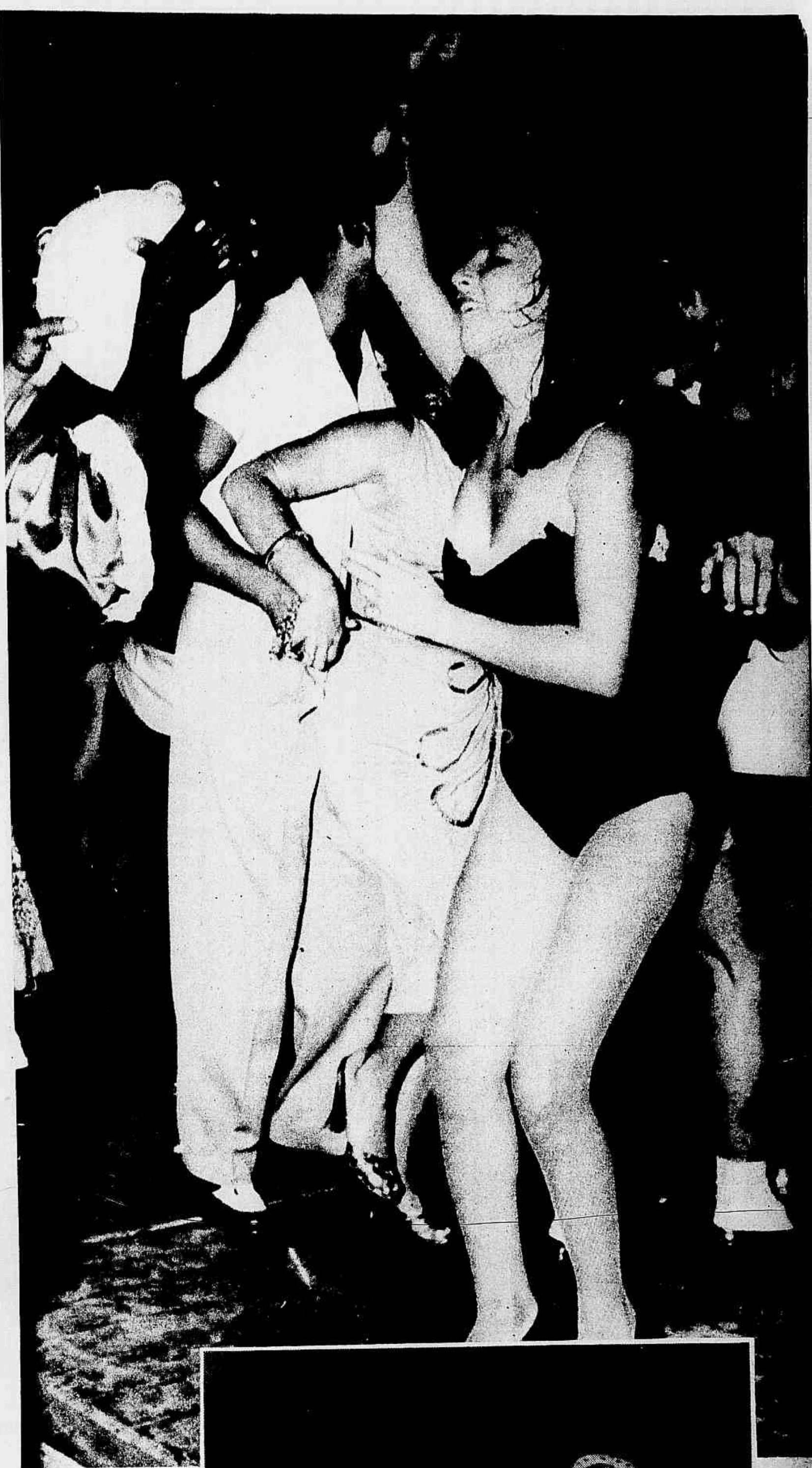




O BAILE DA ESPORA, COMO SEMPRE ACONTECE, ATRAIU AOS SALÕES

# CARNAVAL NA HÍPICA





#### DA HÍPICA UMA BOA QUANTIDADE DE BROTOS E TIPOS IMPAGÁVEIS.

Já faz parte do programa pré-carnavalesco de todo folião digno de tal nome, e que preze, acima de tudo, a sua condição de adepto incondicional de Sua Majestade Rei Momo Primeiro e Único, o comparecimento ao Baile da Espora, realizado nos salões da Sociedade Hípica Brasileira, todos os anos, na semana que precede imediatamente a do carnaval. Esse ano, ou porque o tempo já estivesse quente, ou fôsse lá por que motivo fôsse, as coisas andaram ótimas pelas bandas do aristocrático clube da Gávea. O pessoal da orquestra não economizou energias no sentido de fazer a turminha de Momo cair em plena pândega, em meio às músicas de maior aceitação do momento. Jovens fantasiados, e marmanjos desajeitados em seus disfarces grotescos — haja vista o anjo barbado que desconsoladamente leva as mãos até aonde as costas perdem seu nome declinável, ante o olhar severo do «Sheriff» americano — contribuem imensamente para o êxito anual do Baile da Espora, sem favor, um dos melhores do carnaval. (Fotos A. FERREIRA).





**TEM "SHERIFF" NO SAMBA**

■ O PONTO alto do Baile das Esporas, esse ano, talvez tenha sido a presença de um grupo de «sheriffs» norte-americanos — autênticos, de estrêla ao peito e tudo — sambando entre os foliões, cariocas com desembaraço e graça. Esses três aí de cima, por exemplo, bem poderiam ter nascido em plena Praça Onze, não acham? Bem, os lá de baixo ainda estão um pouco inibidos, e dançam, com seu par, de quando em quando ensaiando uns passinhos de urubu malandro. E o que dizer do raparinho à direita, com a bôlsa de alguma senhora, a olhar, desanimado, os foliões? Por que não faz como seu colega da esquerda, que vai buscar, no «whisky», a inspiração para todos os passos de samba que dentro em breve, sem dúvida alguma, estará ensaiando pelo salão a fora?





# DESBRAVAMENTO DO MARANHÃO

EDUARDO TOURINHO

**C**OM o notável mariante João de Lisboa — "que deu seu nome a um dos rios aquém do Maranhão" — barcos portugueses, ao raiar do século XVII, teriam visitado a orla litorânea do Brasil setentrional. Estevão de Fróis — pelos espanhóis detidos em 1514 na ilha de S. Domingos — é um exemplo. Depois — 1531 — Martim Afonso de Souza envia de Pernambuco, ao norte, em nau tomada aos franceses, Diogo Leite. Tinha a missão de chanfrar padrões nas terras a que aportasse. E foi até a baía de Gurupi. Criadas por D. João III as doze Capitanias, é a do Maranhão — do tupi Maranhã talvez, *mbarã-nã*, ou *paranã*, **rio espesso e grande, como mar** — dada ao ilustre João de Barros, cronista das DECADAS DA AZIA e feitor da Casa da Índia. Nas suas cento e cinquenta léguas, estendia-se da baía da Traição à barra do Mossoró e da Ponta dos Mangues Verdes à angra de Diogo Leite. Integradas na Capitania, mais setenta e cinco léguas concedeu o monarca a Fernão Álvares de Andrade, tesoureiro-mor do Reino. Presos a Portugal por fortes interesses, os Donatários do Maranhão convidaram o hábil navegador Ayres da Cunha para dirigir a colonização da terra. Em alguns navios e com novecentas pessoas, velejou ele para o Brasil. Na empresa, João de Barros estava representado por dois filhos e Fernão Álvares por um preposto.

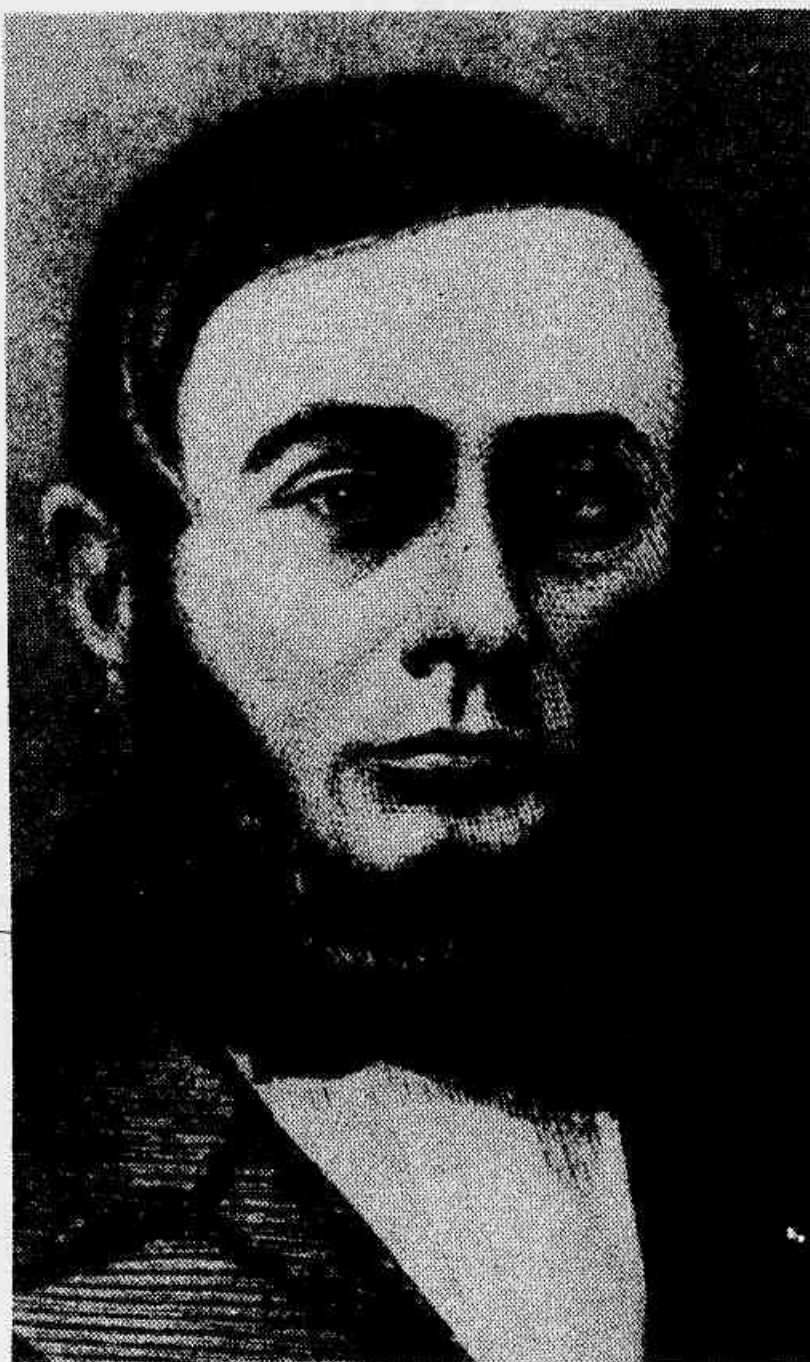
■ Em 1535, chega a frota a Pernambuco. Acolhidos por Duarte Coelho, os navegantes se incorporam aos barcos **guias** que lhes desvendassem com segurança as águas a singrar. Na ida ou na volta, os potiguares do Ceará-Mirim — o rio Boquipe do gentio — hostilizaram os expedicionários nas tentativas de fixação no local. Teria sido em setembro de 35 que as embarcações se despedaçaram contra arrecifes do litoral maranhense. Muitos naufragos alcançaram a ilha da Trindade e a de S. Luís, onde pereceram às mãos do selvagem. Os filhos de João de Barros alcançaram S. Domingos...

Ante o malôgro da expedição, a Capitania reverte à Coroa.

■ Com D. Luís de Melo e Silva, em 1554, registra-se a segunda tentativa de colonizar-se o Maranhão. Obtendo a Capitania, larga-se o fidalgo de Lisboa com três navios e dois caravelões. Com ele vem

João Rodrigues Palha que, na Bahia, fundará mais tarde família e será pai de frei Vicente do Salvador.

Em Atins ou Coroa Grande, naufragam os novos colonizadores. Apenas uma caravela e um escalor onde se comprimiam dezoito pessoas, conseguiram varar as Antilhas e aportar na ilha de S. Domingos. O capitão volta a Portugal e Rodrigues Palha, em condições ignoradas, alcança a Bahia.



JOÃO FRANCISCO LISBOA, o grande historiador maranhense, que gravou em páginas de alta significação a saga primitiva de sua terra natal.

Por mais de trinta anos fica o Maranhão, novamente, esquecido. Dos barcos franceses que visitaram o nordeste brasileiro ao escambo da ibirapitanga, é o de Jacques Riffault que em 1567 — batido por uma tormenta — acerca-se do litoral maranhense. Entra em comércio com Ovirapine — **principal** potiguar — e, dada a excelência da terra, na terra deixa seu companheiro Charles de Vaux que dois anos depois — volta à França com a notícia do quanto observara.

Obtém a ajuda de Henrique IV e, na companhia de Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, volta às plagas maranhenses. Depois e já na Regência de Maria de Médicis, La Ravardière — associado ao almirante Rasily e ao rico Nicolau de Horlay — empreende a conquista do Maranhão.

A 29 de março de 1612, com as naus "Carlota", "Regente" e "Sant'Ana" veleja de Concale. Umass quinhentas pessoas com ele vêm. A 26 de julho fundeia na ilha de Upaon-Mirim — que os navegantes denominaram Sant'Ana — e a 6 de agosto alcança a ilha Grande, que era a Upaon-Açu, mais tarde tornada São Luís.

Nas obras que escreveram, d'Evreux e d'Abeville falam das numerosas aldeias dos Tupinambás achadas na região. Descrevem costumes e crenças dos selvagens tal como, depois, Diogo de Campos Moreno, Berredo, Gayoso. Dêsse Maranhão primitivo, transmitem-nos a história o benemérito João Francisco Lisboa e o clássico Cândido Mendes de Almeida. E a colonização francesa se inicia...

■ Mas em 1614 — numa segunda tentativa — Diogo de Campos Moreno e Jerônimo de Albuquerque vão expulsar os invasores do Maranhão. Em outubro, seus oito barcos passam por Sant'Ana. Depois, em três encontros onde Martim Soares Moreno obra prodígios, são batidos os franceses. Concerta-se um armistício. Uns e outros — atacantes e atacados — deixam a baía de Guaxenduba pela ilha de São Luís. Em 1615, porém, chega a expedição de Alexandre de Moura e o nobre La Ravardière vê-se forçado a capitular. Após três anos de ocupação, os francos abandonam o Maranhão. Mas o nome por eles dado à fortaleza — São Luís — estender-se-á para sempre à ilha que se torna, afinal, a capital maranhense.

Jerônimo de Albuquerque é o primeiro Capitão-Mor da terra, onde cerra os olhos a 11 de fevereiro de 1618, na idade de setenta anos. É quando o povoamento começa a ser feito pelos portugueses. Em 1648 — tão lento era — avaliava-se em pouco menos de quinhentas as famílias brancas estabelecidas no Maranhão. Mas em 1621 — com o Amazonas, o Pará e o Piauí anexados — já é Estado do Maranhão e, de 1624 a 1636, tem Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho como governador.



## Teatro

A TV tem nas apresentações de peças teatrais um dos melhores meios de distração para os espectadores. As novelas transmitidas através do rádio alcançam sempre o maior sucesso e isso leva os produtores de TV a lançar mão de igual iniciativa. No entanto, a televisão tem por obrigação exibir espetáculos mais aperfeiçoados que o rádio e, desse modo, a tarefa torna-se mais difícil pois há necessidade de contratar para viver os papéis, artistas de maior valor.

A TV-Tupi tem encenado em capítulos algumas obras célebres, como agora acontece com a "Moreninha" e também originais de autores novos. Essas novelas, representadas pelo elenco teatral da emissora, aliás bastante bom, têm agradado muito.

Novas iniciativas foram tomadas, essas de maior vulto, com a criação do "Grande Teatro" dirigido por Adolfo Celi e do "Teatro de Comédias". Paulo Autran, Morineau, Tônia Carrero, Magalhães Graça, Graça Melo, têm dado ao público momentos de encantamento e distração, através de magníficas interpretações.

A TV-Rio igualmente vem exibindo bons espetáculos nos quais tomam parte artistas de destaque, como aconteceu durante as apresentações de Nicete Bruno, que alcançou grande sucesso no "Teatro do Rio".

Em ambas as emissoras, fazendo parte do elenco permanente, destacam-se figuras como Lídia Matos, Heloisa Helena, Paulo Porto, Alberto Perez, que aparecem com frequência aos espectadores, encarnando as mais variadas personagens.

Pequenas peças como as do "Teatro Gebara", "Teatrinho TV", "Alô Docura", são levadas com regularidade ao vídeo e, talvez por isso mesmo e por se tratar de representações que devem ser feitas em 15 ou 30 minutos e que portanto necessitam de "scripts" adequados, em geral não são bem cuidadas. Seus autores preocupam-se apenas em entregar os originais no tempo determinado, sem pensar na originalidade do tema e se ele irá ou não agradar ao público. Raramente o telespectador tem oportunidade de assistir a uma dessas encenações que realmente o satisfaça. Isso vem acontecendo com o "Teatrinho TV" onde dois bons artistas como Lídia Matos e Alberto Perez são desperdiçados em peças sem maior interesse, embora procurem eles tirar o máximo dos papéis que lhes são confiados.

Depois de assistir a grandes espetáculos como os do "Teatro de Comédias" e "Grande Teatro", os espectadores não se contentam com apresentações descuidadas e de pouco valor. Por que não dar aos artistas de casa, que têm talento como demonstram cada vez que surge uma oportunidade, originais de interesse? Dêse modo estariam contentados, temos certeza, artistas e espectadores.



Nair Amorim e Alberto Perez são dois elementos de destaque do elenco teatral da TV-Tupi.

## Grau Dez

Para «Viva o Circo», que continua, através da TV-Rio, exibindo as mais variadas atrações, encantando às crianças e emocionando aos adultos com números de trapézio e equilíbrio, por vezes bastante arriscados.

Para o «Teatro de Comédias». Depois da temporada em que apareceram Paulo Autran e Tônia Carrero, os telespectadores continuam tendo um ótimo entretenimento com essas apresentações, durante as quais lhes é dada oportunidade de presenciar magníficos trabalhos de Mme. Morineau, Delorges Caminha, Magalhães Graça e Graça Melo.

Está de parabéns a direção artística da TV-Tupi por contratar elementos de tal destaque para os espetáculos do seu «Teatro de Comédias».

## VAMOS MELHORAR?

● Já há bastante tempo Madeleine Rosay vem mantendo palestra com meninos e meninas de várias idades no seu programa «Nossos filhos



A cantora Claudete Soares ao ser homenageada durante um dos programas de Carlos Frias.

pensam assim.» Elabora previamente uma série de perguntas, tratando dos mais variados assuntos e dirige-as às crianças, procurando saber a sua opinião sobre problemas da atualidade ou indagando a sua atitude diante de uma ou outra situação embaraçosa. Em geral as questões elaboradas são interessantes, mas Madeleine muitas vezes não consegue tirar das respostas que obtém o máximo proveito. Já aconteceu várias vezes que um menino ou menina mais esperto acaba por embaraçá-la com perguntas às quais ela não consegue responder. O programa é dos mais originais porque sempre é oportuno saber a opinião da mocidade a respeito dos problemas atuais e qual a atitude que tomariam para resolvê-los; é necessário porém que as perguntas sejam melhor conduzidas e mais detalhadas a fim de que as crianças exponham plenamente as suas idéias sobre o assunto que está sendo tratado.

● Em um dos últimos programas de variedades animado por Barbosa Júnior, levou êle aos espectadores, como convidado, o cantor Edson Brasil que interpretou dois números carnavalescos. Os espectadores e o próprio Barbosa, bem como os elementos do Conjunto de Chuca Chuca encarregados do acompanhamento, ficaram alarmados com a desafinação e incrível interpretação que Edson deu às músicas; contribuiu para piorar mais ainda a situação o câro de vozes femininas que o acompanhou, tornando-se difi-

cil saber quem desafinava mais: o cantor ou o câro.

É de admirar como após o fracasso do primeiro número, o cantor ainda obteve permissão para interpretar o segundo, fazendo-o de maneira ainda mais infeliz. Por que não deixar a parte musical do programa apenas a cargo dos rapazes do conjunto de Chuca Chuca, que agradam sempre, na execução dos mais diversos ritmos?

● A TV-Rio tem anunciado a estréia do «Trem da Alegria», com os mesmos elementos que por tanto tempo o apresentaram no rádio.

Lamentamos que Heber e Lara levem para a TV um programa tão antigo, já completamente sem interesse para o público. A televisão oferece muitas oportunidades que no rádio não são possíveis e certamente a dupla poderia lançar novas idéias para as suas exibições o que por certo alcançaria muito maior sucesso.

● Os «shows» carnavalescos exibidos pelas TV-Rio e Tupi foram bastante fracos e sem nenhum valor. Escolas de samba desfilavam ante às câmaras durante longo tempo, fazendo evoluções e exibindo passos bastante conhecidos e um ou outro cantor interpretava números do seu repertório. A isso resumiram-se os «shows»; nenhuma atração de destaque, bem como montagem ou fantasias de luxo. Tudo muito pobre e sem nenhum interesse.



# A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 4 de março de 1906

**CHRONICA** Corro ás tontas, sem pensamento que te dirija, alastando os «confetti» que vão cahindo sobre o papel, — penna versatil! Lá fora, e mesmo aquí na redacção, que os carnavalescos invadem, o barulho, a grita, a loucura entontecem! Como catar outro assumpto para a chronica se a unica cousa evidentemente característica destes dias é a grande doidice, em que toda gente está envolvida, estadeando-se sob as fantasias de cores gritantes, metendo em tudo o bedelho, sem medida para as tolices e para as indiscrições? Fallando da artistica fonte monumental com que a firma Adriano Ramos Pinto presenteou a cidade do Rio de Janeiro, o chronista poderia verter algumas gottas de poesia nesta prosa descolorida e ensossa. Mas, nem posso ter o espirito assente para acertar palavras facetas. Demais, eu proprio me sinto fora da linha castiça que sei guardar nos dias normaes. A folia é communicativa. Por mais que um pobre mortal queira conservar a gravidade, não ha como amalhar-se da furia carnavalesca, que apalhaça todas as almas e ás cabeças enche de fantasiosas tentações. Momo é muito antigo e durará até o fim do mundo. Já no deserto, a caminho de Chanaan, o povo de Israel ao seu poder se rendeu. «Tumultuou o povo no deserto contra Moyses, e foi o tumulto de carnaval» — é o padre Vieira, quem nol-o affirma, em um dos seus sermões. E isto que parece tormento, esse inferno de zabumbas e de berros, não é senão um como vibrante cantico da vida!

AGENOR DE CARVOLIVA

## ● O NOVO REI DA DINAMARCA

O novo rei da Dinamarca, Christiano Frederico, que toma o nome de Frederico VIII, nasceu em Copenhague em 1843. Doctorou-se em Direito pela Universidade de Oxford, casou com a Princeza Luiza da Suecia, de cuja união houve oito filhos. O mais velho conta trinta e seis annos e o mais novo dezesseis apenas. O principe real chama-se Christiano Carlos; casou-se, em 1898, com uma princeza de Mecklemburgo. Seu irmão immediato, Carlos, que casou com a princeza Maud, da Inglaterra, subiu recentemente ao throno da Noruega com o nome de Haakon VII. Duas das filhas do novo rei casaram-se uma com o principe de Schaumbourg-Lippe, a outra com o principe da Suecia. Vê-se que a dynastia dinamarquesa continua a contrahir allianças com os diversos paizes monarchicos da Europa. Acrescente-se que Christiano Frederico se havia já, de longa data, associado particularmente aos deveres de representação que incumbiam a seu pai. Foi assim que, ha dous annos, effectuou viagem celebre a Berlim, onde teve ensejo de por em relevo os seus dotes de espirito, altamente cultivados. Frederico VIII, dotado de um character amavel e gosando de geral estima, é apaixonado pelos estudos historicos.

## ● PRESIDENTES DE SOCIEDADES CARNAVALESCAS

Proseguia a REVISTA, cinquentá annos passados, a divulgar as fotografias dos principais presidentes de sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro. Algumas dessas sociedades se chamavam: Republica do Brasil, Filhos da Deusa do Paraíso, Flor da Maritima, Castello de Ouro da Cidade Nova, Amantes do Beija-Flor, Decididos de Botafogo, Filhos do Brasil, Destemidos do Meyer, Teimosos Carnavalescos, Chuveiro de Prata, Chuveiro do Inferno, Vulcanos da Gavea, Infancia do Beija-Flor, Triumpho das Ondas do Mar, Flor da Gavea, Filhos do Beija-Flor, Flor do Conselheiro e Flor das Morenas.

## ● UMA EXPLORADORA

Existe em França uma mulher que conhece o Anti-Libano e o papa de Cachemira e que durante cinco mezes, de motu proprio, percorreu o Thibet, depois o Ladak-Lamasserie de Himis e o Wardvan, dous pontos onde nenhuma europea e nenhum francez penetrou até hoje. Esta mulher é uma franceza, madame Isabel Massien, membro da Sociedade de Geographia de Paris, membro do Conselho de Geographia Commercial, do Comité da Asia franceza, exploradora universalmente conhecida, e que o governo francez vae nomear cavaleiro da Legião de Honra. Desde 1896, madame Isabel Massien era muito considerada no ministerio da instrução publica. Compoz um itinerario, parte do qual (Cochichina, Cambridge, Sião, Birmanian até Bhamo e Mytkina Irravaddi no Mékong pelos Estados Shans) não tinha ainda sido realizado, razão por que o premio Affonse de Montherot foi conferido á exploradora pela Sociedade de Geographia de Paris. A madame Isabel Mossien tem sido já conferidas numerosas condecorações e outras distincções honorificas: a Legião de Honra, pelo facto de ser raras vezes concedida a uma pessoa de sexo feminino, vem consagrar a gloria de uma existencia inteira dedicada a um nobre ideal.

## Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua boa disposição fisica lhes permite ser activas, espartas e bem-humoradas.

E, de facto, uma verdade incontestavel que a intelligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Todas as pessoas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é patrimônio precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperience dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e de qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de appetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★  
**RÁDIOS - NOVIDADES - IMPORTADORES -**

**Mil**

ELETRICIDADE  
FREIOS HIDRÁULICOS  
LIMPADORES PARARRISAS

**Mil** RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144  
- ATENDEMOS ENCOMENDAS POR REEMBOLSO APROPRIADO -  
- A MILIONÁRIA DO CASTELO -

## EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»







**CONFETE E SERPENTINA** foram duas coisas que não faltaram nos bailes do Tijuca, a despeito de estarem desaparecendo do carnaval carioca. Também brotos não faltaram, como esse que olha para cima. Um dos pontos altos das festas foi a excelente decoração do clube, em motivos araciosos.







**BAILE DOS BROTOS**, eis como poderia ser chamado o baile do Tijuca Tênis Clube. A baianinha da esquerda chama-se Sandra, e foi das melhores coisas do carnaval tijucano.

# TIJUCA T. C.

● O GRANDE e tradicional clube da zona Norte é o Tijuca Tênis Clube. Clube aristocrático, possuidor de um patrimônio notável, que a cada dia mais aumenta, graças ao tirocínio de seus dirigentes, o Tijuca é também afamado pela qualidade de seus carnavais. Ainda esse ano, seus salões, decorados com fino gosto, ficaram apinhados de gente moça, que se divertiu, em um clima de alegria e de grande animação, sem nenhum excesso, sem lança-perfume, quase sem álcool, provando, destarte, que ainda pode haver carnaval sem esses ingredientes cada vez mais encontradiços na grande festa popular. Ao som de uma orquestra animadíssima, desfilaram os brotos e os marmanjos da Zona Norte, demonstrando que carnaval é carnaval em qualquer ponto da cidade, e que a turma da Tijuca, em se tratando de folia é também pau para toda obra.

(Fotos de SÉRGIO ANDRADE).







# CLUBE MUNICIPAL

OS BROTOS estiveram a postos, durante todo o carnaval, nos salões do Clube Municipal. A oncinha do canto inferior esquerdo, foi um sucesso. As meias-máscaras imperaram.





● OS FUNCIONÁRIOS municipais celebraram de maneira condigna o carnaval de 1956, levando a efeito, na sede do Clube Municipal, à rua Haddock Lobo, na Tijuca, quatro bailes sensacionais, além do infantil. Nos salões da espaçosa casa, especialmente preparados para a ocasião, e decorados com imaginação e propriedade, sambaram valentemente os servidores da Prefeitura, num ambiente sadio e alegre. A afluência, em todos os bailes, foi muito grande, principalmente de gente moça e bonita, o que muito contribuiu para transformar as festas em reuniões espetaculares de graça e de animação. As duas orquestras executaram todo um grande repertório de sambas e de marchas carnavalescas. Não houve incidentes a lamentar, de vez que o policiamento, rigoroso sem ser excessivo, coibiu abusos e evitou transbordamentos. O carnaval, enfim, no Clube Municipal, correspondeu plenamente à expectativa de seus dirigentes e associados. (Fotos de V. VASCONCELOS)



**POR INSTANTES,** esqueceram-se máquinas de escrever, relatórios mensais, chegadas atrasadas, aumentos negados, licenças-prêmios e férias acumu-



ladas: a turminha da Prefeitura caiu no samba com todo o vigor. Na quarta-feira, depois do meio dia, já estavam todos na repartição. Todos?...

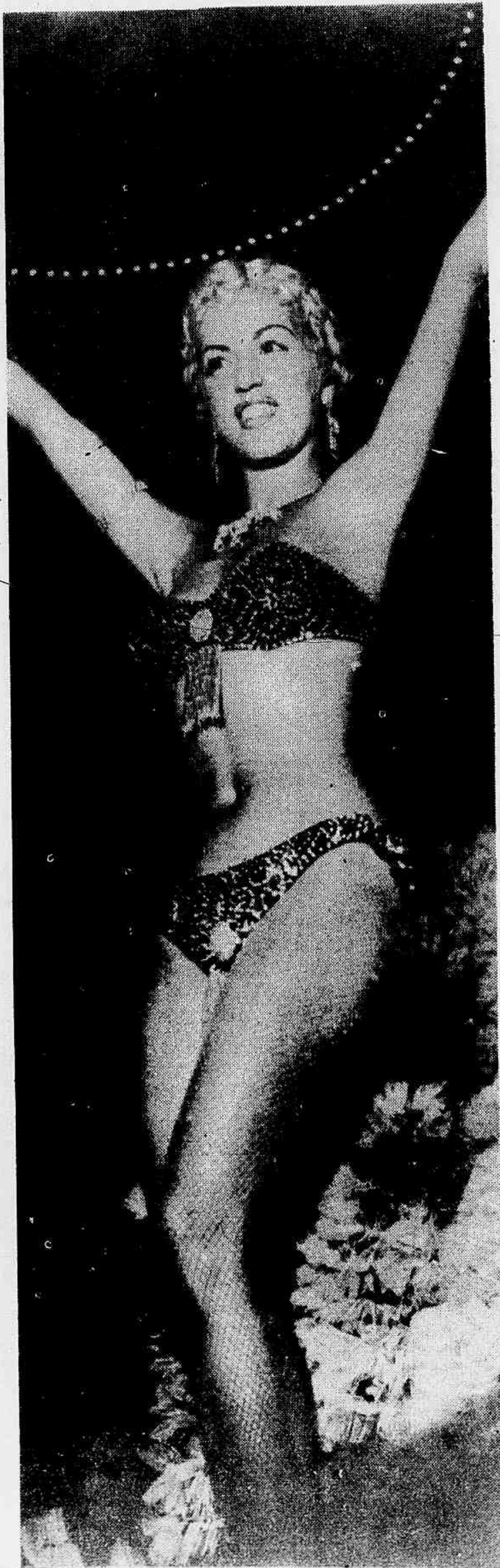






# **CRONISTAS CARNAVALESÇOS**

PERNAS, para que vos quero? No Baile dos Cronistas Carnavalescos houve uma verdadeira epidemia de mulheres bonitas e com pouca roupa. E, como aconteceu nesse Carnaval, muitas meias de malha fizeram sua aparição no meio do salão.







O QUE DEUS me deu, ninguém pode tirar... A morena sambou a noite inteira, e em toda a parte em que aparecia, uma legião de barbados logo se punha em campo... Que a menina tinha qualidades, ninguém pode negar. Que Deus a conserve assim.

● O BAILE dos Cronistas Carnavalescos, todos os anos realizado no João Caetano, congrega, como seu próprio nome está dizendo, os jornalistas e profissionais da imprensa, escrita ou falada, que fazem do Carnaval seu fulcro de atividades. Isso quer dizer que a classe é numerosa, conhece o «métier», e é dotada de sete fôlegos, todos eles utilizados, nos quatro dias tradicionais dedicados a Momô, nos passos arrevesados pelos salões de baile. Acontece, porém, que, esse ano, as coisas não andaram lá muito boas no Baile dos Cronistas Carnavalescos: não que tivesse havido brigas mais que nos anteriores, nem que faltasse bebida ou animação: faltou foi mulher. E como onde falta mulher falta o principal, o baile transcorreu entre altos e baixos, se bem que as orquestras se esforçassem ao máximo, e alguns foliões até debaixo d'água, não ligando para o azar, se divertissem, sòzinhos mesmo, até o romper do dia. (Fotos de NEWTON VIANA).



LÁ PELAS tantas, o chão era pouco para dançar, e a turma subiu nas mesas e cadeiras.



O VELHINHO ficou abafado, mas, mesmo assim, abriu os braços, para ver o que aconteceria.





# UNIVERSIDADE DE LISBOA



«Ainda fui encontrar a Faculdade de Letras e de Direito no velho convento inicial».

**D**EZ horas. O fotógrafo já estava à espera:

— Como é? Esperou muito?

— Cheguei agora, também.

— Então vamos entrar. Você já viu o homem?

E entramos no Copacabana, justamente quando o dr. José Gabriel Pinto Coelho, Reitor da Universidade de Lisboa, descia as escadarias do salão. Feitos os primeiros cumprimentos, procuramos num dos salões do primeiro andar um recanto mais calmo e propício à nossa entrevista. Sentados, o Reitor ainda sugeriu que se fechasse a porta de vidro:

— Sempre vem um vento um pouco forte...

E' de estatura mediana, fino de corpo, os cabelos brancos e muito leves e tem uma simplicidade de «schoolar» nos gestos e na fala mansa.

— Formei-me na Universidade de Coimbra e já em 1910, por concurso, regia a minha cadeira de Direito. Em 1919 vim para Lisboa, para a Universidade, como vice-Reitor quase 30 anos. O Reitor era o dr. Caieiro da Mata que depois foi nosso Ministro dos Estrangeiros, aliás, muito brilhante. Sucedi na Reitoria ao dr. Caieiro da Mata, como lhe disse, e a minha principal preocupação, agora, à frente da Universidade, foi dotá-la dos edifícios necessários às Faculdades que a compõem.

O Reitor Pinto Coelho falava tranquilamente, no tom confiado de quem se entusiasma pela própria obra, demorando-se nos detalhes, com carinho, citando datas:

— Ora deixe-me ver... isto de datas... justamente! Aí, mais ou menos no reinado de D. Maria I, o duque de Lafões fundou a Academia de Ciências e ainda fui encontrar a Faculdade de Letras e de Direito no velho convento inicial sem acomodações apropriadas.

E continuando:

REVISTA DA SEMANA — 52

RECORDAÇÕES DO REITOR JOSÉ GABRIEL PINTO COELHO, NA SUA RÁPIDA VISITA AO NOSSO PAÍS ★ A ACADEMIA DE CIÊNCIAS FUNDADA PELO DUQUE DE LAFÕES ★ PARIS, LONDRES, BRUXELAS, BERLIM E RIO DE JANEIRO ★ O SR. JUSCELINO KUBITSCHKE IMPRESSIONOU BEM NA ACADEMIA DE MEDICINA E NO HOSPITAL DE SANTA MARIA

Reportagem de ANGELO RAIMUNDO

Fotos de VICTOR VASCONCELOS

— Tinha, isso sim, uma bellissima biblioteca, com documentos preciosos. Hoje, faz parte da Universidade de Lisboa, no conjunto de edificios muitos dos quais já estão em construção.

O fotógrafo ia batendo os instantâneos e, de vez em quando, alguém atravessava o salão. Havia uma pausa e o Reitor olhava para fora, para a grande sacada do Copacabana, sobre a praia e a vista do mar:

— Que sol, que maravilha! Esta terra é um encantamento.

— Poderemos, se quiser, ir até lá, continuando a entrevista.

— Pois vamos, que é uma praia maravilhosa. E interessante: a gente chega a Paris, Londres, Bruxelas ou Berlim, mas não sente esta extra-

ordinária fascinação que o Rio tem. Há alguma coisa a mais neste Brasil que nos deixa deslumbrados. Repare — e apontava os morros, os arranha-céus e, num gesto mais largo, toda a paisagem — veja que beleza! Em Nova York os arranha-céus não têm esta paisagem nem esta luz. Aqui até os arranha-céus são bonitos, formando como que um equilíbrio paisagístico com os morros!

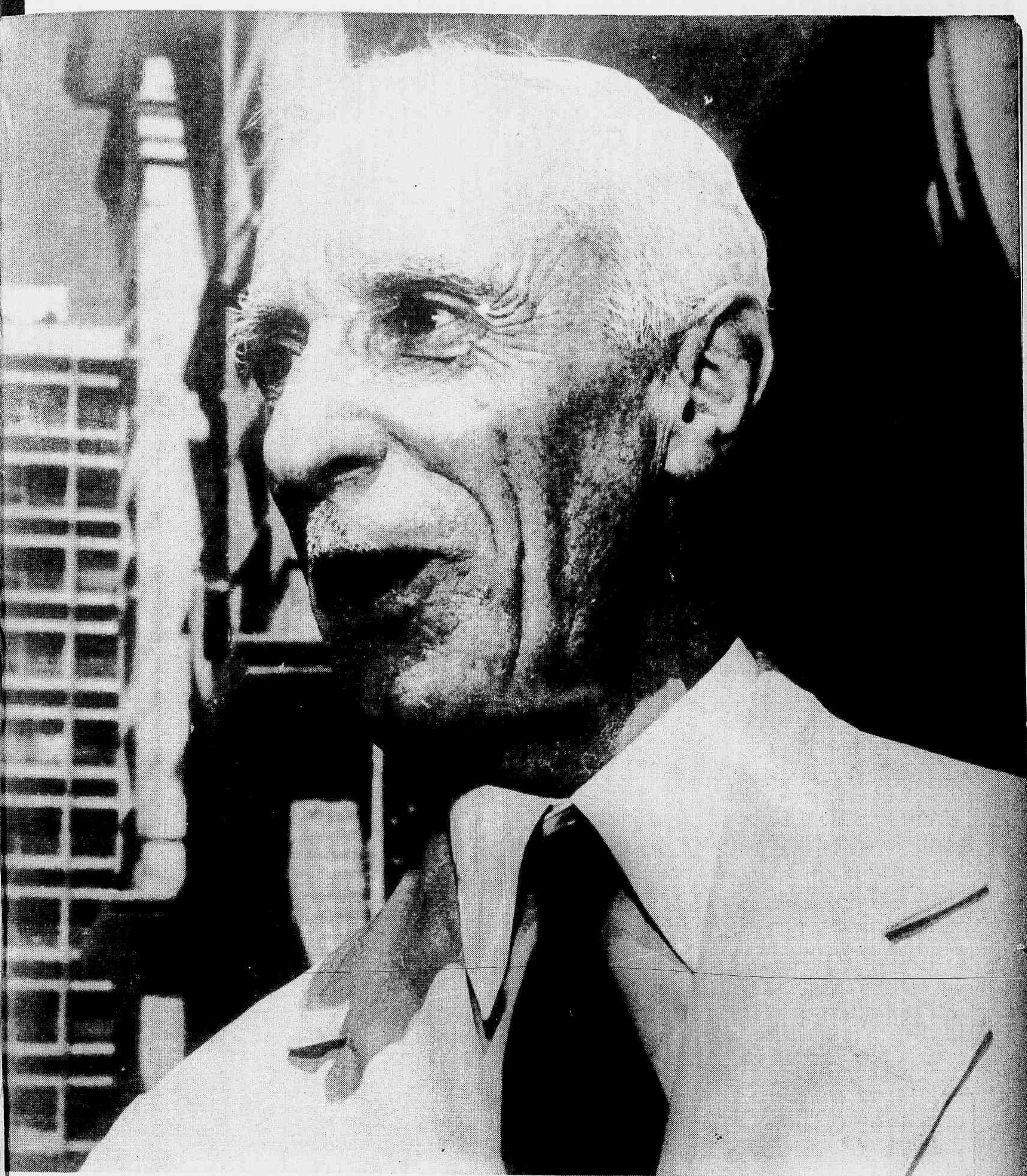
O elogio ultrapassava o lugar comum de todos os visitantes que vêm ao Rio, para ser, quase, o de um compatriota louvando a sua própria terra.

— Mas voltemos ao assunto. Investido na Reitoria, tive, como lhe disse, a preocupação máxima de instalar definitivamente a Universidade. Em Portugal, a Universidade divide-se em



«A Faculdade de Medicina já funciona no mesmo bloco em que está o Hospital de Santa Maria».





Olhando para fora, sobre a praia e a vista do mar: «Que sol, que maravilha! Esta terra é um encantamento».

Estudos Clássicos, abrangendo a Faculdade de Letras, de Direito, Medicina, Ciências e Escola de Farmácia; e a Universidade Técnica, com o Instituto Superior Técnico ou seja, a Escola de Engenharia, o Instituto Técnico de Ciências Económicas e Financeiras, Agronomia e Veterinária. Estou muito satisfeito com os resultados obtidos, sendo que a Faculdade de Medicina já funciona no mesmo bloco em que está o Hospital de Santa Maria, o mais moderno e completo que se poderia obter. Aliás, tive a honra de receber o Presidente Juscelino e mostrar-lhe a Faculdade e o referido Hospital, infelizmente, por poucas horas, pois Sua Excelência tinha

ainda a cumprir um programa muito extenso de visitas e entrevistas.

Contou detalhes da visita, da extraordinária perspicácia do Presidente brasileiro e da ótima impressão que lhe deixara, de «inteligência muito fina e espírito superior». E entrando novamente no curso da entrevista à qual, desde o início, dera o cunho exclusivo:

— A princípio, houve entre administradores e professores da Universidade, um certo desentendimento pelos percalços naturais que antecederam uma situação de equilíbrio que o senhor ministro resolveu com muito tato e conhe-

cimento. Na minha luta, tenho a ressaltar a ação do senhor ministro Aguedo Oliveira, que destinou a primeira verba de 4.000 contos para a construção dos edifícios.

O fotógrafo bateu os últimos flagrantes e voltamos ao salão. Novamente no recanto sossegado, o Reitor da Universidade de Lisboa falou na sua Universidade e do carinho que lhe dedica, dando-nos a impressão de uma inteligência exclusivamente voltada para a sua luta de dotar Portugal, de uma Universidade como ele a sonha, em tudo idêntica ao que de melhor se possa encontrar nos países mais adiantados do mundo.



## BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Vale Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº .....

NOME .....  
RUA ..... Nº .....  
CIDADE .....  
ESTADO .....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

CALÇADO



Máximo conforto  
garantia absoluta

LEIAM

ESPORTE  
ILUSTRADO

★

TÓDAS AS  
QUARTAS-FEIRAS  
PREÇO CR\$ 5,00

LEIAM

## EU SEI TUDO

A MAIS COMPLETA REVISTA EDITADA NO BRASIL —  
LEITURA INSTRUTIVA E VARIADA AO ALCANCE DE  
TODOS — CIÊNCIA, HISTÓRIA, DOIS ROMANCES, CON-  
TOS VARIADOS — INFORMAÇÕES DE UTILIDADE GE-  
RAL, CHARADA, QUEBRA-CABEÇAS, ETC.

TODOS OS MESES A VENDA NOS  
JORNALEIROS — PREÇO CR\$ 10,00

EM QUALQUER PONTO DO  
BRASIL QUE V. S. RESIDA

**O MUNDO**  
PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Tódas as Semanas ao Seu Alcance. Seja  
Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em  
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499  
RIO DE JANEIRO

## A FÚRIA DOS JUSTOS

(Continuação da página 29)

David e Abbe saíram da água, depois de terem nadado alguns minutos, diante da casa de Barney, que olhava para a praia. Ele cobriu-se com um blusão e ela envolveu uma grande toalha no corpo. Depois David aproximou-se de Abbe, abraçando-a. E tudo terminou em um beijo. Abbe parecia contrariar-se.

— Ofendi-a? perguntou ele.

A moça voltou-lhe as costas e começou a enxugar-se com a toalha. Depois disse:

— Eu sei que sua idade era de quatorze anos quando teve sua primeira noiva... e que ela se chamava Marilyn. Eu sei que é um professor de criminologia... E sei muitas outras coisas a seu respeito, mas de sua parte, nada sabe de mim. Nem sequer me perguntou o que fazia antes de conhecê-lo!

Abbe ficou pensativa.

— Não... talvez não...

— Talvez por isso não lhe perguntei nada, respondeu ele acendendo-se mais da moça e tomando-a novamente em seus braços. Dessa vez ela não resistiu e, buscando os lábios de David, deixou-se beijar.

No dia seguinte, pouco antes de anoitecer, Barney telefonou de Nova York dizendo que David deveria ir com urgência, de avião, àquela metrópole, para fazer-lhe companhia em uma assembleia, destinada a recolher dinheiro, no domingo seguinte. David desculpou-se alegando que precisava apresentar-se ao tribunal na segunda-feira cedo para escolher os membros do júri. Contudo, Barney insistiu imperativamente e David não teve outro remédio senão ceder.

Quando o advogado desligou o receptor telefônico, Abbe pediu-lhe que não fosse a Nova York.

— O mal está em que Barney disse que se eu não for, não haverá dinheiro para a defesa de Angel.

— Então defenda-o gratuitamente! Outros advogados já têm assumido a responsabilidade iguais sem cobrar um centavo, disse ela em tom irônico.

— Estou resolvido a fazer todo o possível e até o impossível para salvar a vida de Angel Chavez... mas é preciso que tenhamos fundos para pagar... pagar tantas coisas... E para conseguir esses fundos, é mister que eu vá a Nova York.

— David... rogo-lhe que não vá — insistiu Abbe quase em desespero.

— Dê-me uma razão lógica para não ir... e não iré!

Ela não encontrou uma razão forte e então os dois puseram-se a preparar a bagagem sem demora, para que David embarcasse no primeiro avião.

(Continua no próximo número)

## ELIZABETH DE ÁUSTRIA

(Continuação da pág. 37)

Esse jovem, quase oriental, ousado e apaixonado, ao deixar o Seminário de Viena, fez uma carreira rápida e fabulosamente bem sucedida. Em pouco tempo, tornou-se arcebispo. Muitos anos mais tarde, quando Elizabeth se encontrava em Budapest, Olteanu, grande dignitário da Igreja que era, tomou parte na comissão de recepção. Seus sentimentos até então represados, exaltaram-se à vista daquela imagem resplandecente de beleza. E Olteanu voltou a sentar-se em seu trono episcopal com o coração sangrando. Durante meses e meses, lutou contra seus sentimentos. Não desconhece que tudo o que separa de seu ídolo. Seus sofrimentos são atrozes. Procura dominar-se, mas seus esforços são inúteis. Afinal, levado pela tempestade interna que o sacode, ele ousou escrever, confiando sua tormenta, seus pensamentos, suas esperanças e desesperos, àquela que destruiu o equilíbrio de sua existência. Esses gritos de dor e de paixão chegam a seu destino. Elizabeth, comovida, digna-se responder à missiva. Tem palavras delicadas, para sarar a ferida. Logo, uma correspondência continua se estabelece entre o arcebispo e a rainha. Um dia, a Imperatriz deixa de responder. E em vão que Olteanu suplica algumas linhas. Nada acontece, para partir o silêncio sepulcral. Olteanu ignora que suas cartas estão sendo interceptadas pelos agentes da Imperatriz-mãe. Então, o religioso, esquecendo sua dignidade episcopal, corre a Viena. Deseja rever aquela que tomou conta totalmente de seus pensamentos. Utiliza seu prestígio, tódas suas amizades para obter uma audiência da Imperatriz. Porém, seu nervosismo o trai, e ele é polidamente convidado a não insistir. Uma cerca impenetrável se estabelece entre ele e Elizabeth. De coração partido, Olteanu volta a Budapest. Está desesperado. Sua fé não é suficientemente forte para destruir-lhe a resolução final. Primeiro, busca remédio no álcool, buscando esquecer, através dele, o vulto bem amado da Imperatriz. Depois, mais cansado e de uma vez por tódas desesperando de tudo, esse religioso eleva as mãos contra seu próprio corpo, e se suicida...

(Continua no próximo número)

## A RONDA DA MORTE

(Continuação da pág. 51)

lentamente, ninguém aparecia em seu socorro; todos estavam mortos! Perdia-se mais e mais, até que, subitamente, a terra firme sumiu sob seus pés e ele tombou num fundo poço, cheio de água até à metade. Após um grito de espanto, não escutou mais a sua própria voz, e sentiu que alguma coisa estava para terminar. Assim morreu. E seu último suspiro subiu, transformado em bôlhas, até à superfície que ele não conhecera nunca.

Quando a velha despertou e viu as duas cordas cortadas, começou a rir, de início docemente, porém logo em seguida cada vez mais alto, de modo que o sótão retumbava, bem como toda a pequenina casa, com o casquinar de suas gargalhadas.

— Devo tê-lo feito durante o sonho, pensou.

Depois, contente, desejou descer rapidamente a fim de retomar a posse de seu leito, de seu dinheiro e de seu aprazível lugar diante do átrio, para recomeçar a sua vida antiga.

Porém, quando se encontrava lá em baixo, no meio da sala acanhada, deu de rosto com o espectro da morte que, de pé, fez-lhe um sinal significativo com o dedo ossudo, e ordenou-lhe ríspidamente:

— Tua hora é chegada: vem comigo.

(Continua no próximo número)



# O GALO VERMELHO

## FOI A FANTASIA PREFERIDA



### O «CASAMENTO DO ANO» FOI PASSAR A LUA DE MEL NA BAHIA

**A**SSIM que chegamos à cidade, chegados do aeroporto distante, depois de atravessar um pedaço da doce noite baiana, vimos que a cidade havia sido possuída pelo «Galo Vermelho». Havia galos vermelhos, de penas, em cartazes nas vitrinas, em fantasia e, até mesmo, houve um gaiato que colocou um de verdade dentro de uma gaiola branca e compareceu com ele à festa. E foi muito bem recebido. Quando, há meses, pusemos à disposição dos organizadores deste acontecimento social que marcou o início do turismo interno (a primeira tentativa honesta e planejada que merece ser chamada

turismo), sabíamos que estávamos lutando por uma causa que, cuícas à parte, era quase uma razão de patriotismo. Assim pensando, lutamos, dentro de nossas forças e da ética, para que algumas pessoas dessem preferência à Bahia, no reinado de Momo. Tratava-se de prestigiar uma realização do prefeito de Salvador, sr. Hélio Machado. E estamos satisfeitos com o que acabamos de ver. O brasileiro está dando o primeiro passo, no sentido de conhecer o seu próprio país, depois de ter percorrido a Europa por diversas vezes.

PETER





LINDA BATISTA e Jacinto de Thormes, na mesa do casal Alberto Bianchi, conversam animadamente sobre o maravilhoso baile.



RECÉM-CASADOS (48 horas), o sr. e sra. Hélio Souto vieram passar a lua de mel na Bahia. Aproveitaram para conhecer o Galo Vermelho.



TODOS imperaram, mas ele foi o rei (acima). Já a baiana era carioca da gema: sra. Jaime Teixeira Neto, na foto abaixo com o cronista.



## O GALO VERMELHO

O PRÓLOGO DA FESTA — Quando recebemos as passagens da «Cruzeiro», ganhamos um grande envelope branco, com nosso nome e um pequeno galo vermelho num dos cantos. Dentro, um grande folheto, com capa de Aldemir Martins (especialista em galos) e ilustrações de Caribé. Uma publicação de extraordinária ca-

tegoria. E mais «tickets» que nos davam o direito de ingressar nos clubes principais da cidade, caixinhas de fósforos, roteiros baianos, tudo datado, tudo perfeito. Era bastante ler para ficar minuciosamente informado de todo o programa que nos esperava. Que programa puxado, por sinal!

O GALO VERMELHO foi a senha e o símbolo da festa. Essa menina, por exemplo, meteu-se na pele de um e saiu em frente.





O BAILE DO GALO VERMELHO — Guardas aflitos quebravam a tradicional paz baiana. O trânsito estava completamente coalhado de carros. Havia uma grande mistura de beduínos, galos vermelhos, árabes, galos vermelhos, egípcios, galos vermelhos, palhaços, galos vermelhos, arlequins, idem, idem e idem. Havia uma verdadeira e contagiante amizade afetiva pela emplumada e encarnada ave. Se, naquele dia, deu o galo, os banqueiros devem ter fechado suas portas, se é que se faz «fêzinha»

em Salvador. Mas, o forte foi o rigor. Belos vestidos e decididas «black-ties». O salão, decorado por Caribé e Mário Cravo estava de se tirar o chapéu. A mesma nota poderia ser dada ao «buffet», servido na madrugada. Havia comidas internacionais e baianas. Fizemos as pases com a pimenta: houve galinha de «xin-xin».

A MÚSICA — Nada mais nada menos que tódá a Escola de Samba do Russo do Pandeiro foi trazida para animar a festa. Um «oh!» de

MARLENE (envergando um bonito Galo Vermelho) acompanhada de Luís Delfino, seu marido. Estiveram ambos animadíssimos.



CARIBÉ, o grande artista argentino que a Bahia ganhou, inspira-se em Yemanjá, a que ganhou com muita justiça o prêmio de melhor fantasia.

pesar recebia cada intervalo que era raríssimo e durava pouco. O ambiente foi sempre dos mais alegres. Todos queriam sambar, esquecer os problemas. Viram o sol nascer. No momento que escrevo esta nota rápida para pegar o avião, são quatro horas e meia da madrugada e a coisa continua com tódá pressão do início. Veremos o sol raiar, temos certeza. Houve um concurso de fantasias, escolhido por um júri presidido por Jacinto de Thormes. Por sinal, havia um carnavalesco cidadão que se fantasiou do cronista, com cachimbo, pijama listado e um «willy» de pano. Estava engraçadíssimo.

OS PRESENTES — E, como tódá nota social, terminaremos citando o nome das pessoas das sociedades paulista, carioca e baiana que estiveram presentes: os casais Dalmo da Silva Costa (uma das 10 mais elegantes de 1955), Eduardo Gordilho, Oscar Fontes, Manuel Cintra Monteiro, Carlos Corrêa Ribeiro, Francisco Sá, Fernando Goes, Jorge Correa Ribeiro, Alberto Gordilho, Otávio M. Barreto, Newton Azevedo, Luís Américo Lisboa, Edgar Correa Ribeiro, Jorge Calmon, João Augusto Calmon, Paulo Nogueira, Embaixador da Holanda e senhora Schumann, Roberto Alves de Almeida e Hélio Souto.

O Departamento de Turismo de um modo geral e o prefeito Hélio Machado e João Dória de uma maneira particular recebem o nosso abraço. Foi um belo primeiro movimento. O segundo será melhor ainda.





## ÚLTIMO FLASH

☪ **A RAINHA E AS PRINCESAS** — Aqui está a Rainha das Associações Portuguesas, proclamada através do sensacional certame promovido pela REVISTA DA SEMANA, com a colaboração da «Voz de Portugal» e do programa «Revista de Portugal», de Celestino Silveira, feito pela Rádio Globo. Chama-se Maria Helena de Souza Lapa, foi indicada pelo Orfeão Português, tem dezenove anos e nasceu em Pedras Salgadas (Portugal). Veio para o Brasil há três anos e é funcionária do Banco Comercial de Minas Gerais. Maria Helena é também a primeira, no grupo acima, a partir da esquerda, vendo-se sucessivamente as princesas: Luisa Fernando da Costa, Maria Conceição Queiroz, Sônia Maria Leça e Neide Marlene Portela da Silva. A proclamação fêz-se na Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, na noite de 18 de fevereiro último, depois de um desfile das doze candidatas e de um exame rigoroso ao qual cada uma delas foi submetida. A comissão julgadora era composta dos seguintes nomes: Herbert Moses, sras. Margarida Lopes de Almeida, Ester Leão e Marinha Marques, e srs. Joraci Camargo, Luis Inglêsias, Manoel Barcelos, Antônio Pedro Rodrigues e Leonardo Jorge. — No próximo número, ampla reportagem fotográfica com o desfile de todas as candidatas e poses especiais de cada uma delas, inclusive páginas em cores. (Fotos V. Vasconcelos)



### REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO  
DISTRIBUIÇÃO:  
**AGENCIA POLANO**  
Rua João Bricola, 46

## REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 9 — Rio de Janeiro — 3-3-1956

Propriedade da  
**Companhia Editora Americana**

Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito  
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães  
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais  
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior  
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,  
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDERECO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15  
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:  
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

### ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

|                             |             |
|-----------------------------|-------------|
| Porte simples — Um ano..... | Cr\$ 350,00 |
| Seis meses.....             | Cr\$ 175,00 |
| Registrada — Um ano.....    | Cr\$ 380,00 |
| Seis meses.....             | Cr\$ 190,00 |

### ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

|                          |             |
|--------------------------|-------------|
| Registrada — Um ano..... | Cr\$ 500,00 |
| Seis meses.....          | Cr\$ 250,00 |

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



**A FIGURA  
EM FOCO**



**S. L.**

**Ministro de Diamantina  
(Vê-se logo, está na cara)  
Foi cumprir a sua sina  
No Palácio Guanabara.**



# A RONDA DA MORTE

Novela de STIJN STREUVELS

Ilustração de RAMÓN

(Conclusão)

**Q**UANDO o verão chegou novamente, lhes nasceu uma criança. Isso lhes encheu o coração de alegria, e o nascimento foi festejado durante muitos dias. Porém, depois de uma semana, perceberam que o menino jamais movimentava os olhos.

— Mas como? perguntou Pieternele. A pobrezinha não possui bons olhos!

E afinal compreenderam ambos que a criança nascera cega.

— Pois, se é cega, não possui também necessidade de luz.

E o colocaram no sótão, ao lado de Vovó, e todas as manhãs, e depois à noite, levavam-lhe também um mingau de leite.

Assim, se haviam desembaraçado de um peso morto, e tinham agora tempo mais do que suficiente para se entregarem a todos os folguedos e também ao trabalho. Recolheram naquele verão frutos abundantes. A ocasião chegara, enfim, de poderem gozar a vida de prazeres com a qual vinham sonhando havia tantos anos, porém, notaram ambos que o desejo já lhes havia passado, e que seus melhores dias já se haviam extinguido. Já eram por demais adultos para se divertirem com folguedos, e mal ousavam dizer um ao outro o que pensavam.

O desejo antigo terminara, pela longa espera, por desaparecer, e Pierke e Pieternele haviam tomado gosto pelo trabalho, que, de início, representara para eles apenas um meio para desfrutar das folgas futuras. A vida quotidiana, sem qualquer descanso, sem distrações, tornara-se seu único desejo. Cada dia se matavam no mesmo trabalho, e os únicos votos que formulavam, silenciosamente, é verdade, era que um novo filho lhes nascesse, esse com visão perfeita, e também que a velha, no sótão, morresse logo e os privasse de tantas trabalhadeiras. No fim de contas, ela não os aborrecia mais, porém eles sentiam, por ela, um certo rancor, de vez que Vovó custava muito a morrer, apesar de sua avançada idade. De qualquer modo, era inútil formular tais desejos, e trabalhavam sempre, a cada dia executando as mesmas tarefas do anterior. Nem tiveram outro filho, nem Vovó morreu.

Pelo contrário, até: ela agora, instalada por sobre o fóro, encontrava-se melhor do que nunca; habituada à escuridão, acariciava e fazia dormir a criança, que não poderia jamais entrever a luz do dia. Seus pensamentos, que a velhice terminara por embaralhar, levavam-na a imaginar-se novamente moça, recomeçando a vida, e criando, outra vez, o netinho Pierke. Ensinou a criança a falar, a tomar conhecimento com o mundo a seu redor pelo tato. Partilhavam seu prato escasso de leite, o menino acariciava, com seus dedinhos trêmulos, a pele encarquilhada da anciã, e em seu cérebro novo, uma ternura nascia para com todas aquelas coisas que em sua solidão podia apalpar. O sótão era, para os dois, um mundo inteiro, e fora dele, mais nada existia.

Um dia, porém, Vovó teve uma idéia: refletiu nos males que os dois lhe estavam fazendo, e achou que ainda poderia, querendo, reconquistar os direitos antigos sobre a pequenina casa em que moravam. Com ódio, ela ironizava a felicidade inconsciente da criança, e fazia planos de destruí-la. Procurava então suas melhores

lembranças, e dizia ao menino que, lá fora, e totalmente inacessível a seus olhos, existia todo um mundo de maravilhas, que resplandecia à luz do sol e do céu muito azul.

— Que pena, meu menino, tu aqui não tens nem mesmo um ratinho para brincar!...

E continuava, todos os dias, a explicar-lhe o que existia para além dos estreitos limites do sótão, e tudo aquilo que ele jamais poderia admirar, com seus olhos mortos.

Como a velha lhe contasse, todos os dias, tantas maravilhas do mundo exterior, a criança passou a caminhar, todas as noites, ao longo das paredes, até que um belo dia encontrou uma fresta, pela qual seu corpo miúdo poderia passar facilmente. Mas Vovó o reteve:

— Espere, meu filho, espere um pouco! Ainda não está em tempo.

E a criança passou a aguardar, com paciência, esse tempo que custava tanto a chegar. Entrementes, Vovó lhe contaria histórias mais e mais maravilhosas do mundo cá de fora.

— E quando hei de ver todas essas coisas? perguntou o menino, ansiosamente agarrado às saias da velha.

Um dia, Vovó murmurou docemente ao seu ouvido:

— Teu pai e tua mãe devem morrer, antes. Eles nos mantêm aqui prisioneiros, nesse fóro infecto de minha própria cabana. Assim que eles deixarem de viver, nós seremos livres novamente.

E ela lhe fez tocar a porta de saída, firmemente fechada a cadeado, do sótão.

— Só então, meu menino, teus olhos poderão ver tantas coisas belas e maravilhosas que brilham lá fora... Teus olhos, meu menino, teus olhos!

E ela tomou das mãozinhas miúdas da criança nas suas calejadas e trêmulas, e fez com que tocassem nas pupilas de seus próprios olhos:

— Teus olhos são ainda muito jovens, e não vêm ainda; porém, assim que eu morrer, tu hás de utilizar os meus, e verás muito melhor.

A velha, a bem dizer a verdade, não mais ligava palavra com palavra, e passava o dia a encher de incongruências o cérebro da criança.

Essa, escutava, e em silêncio, mas ardorosamente, desejava a morte de seu pai e de sua mãe, bem como, de uns tempos para cá, também a da avó, que lhe deixaria os olhos. Porém, nada dizia a respeito. Vovó, entretimes, ensimesmada, a dar giros à imaginação, obscuramente dava foros de realidade aos planos mirabolantes de vingança que arquitetava para os usurpadores de sua casa. Durante as longas noites de insônia, quando lá fora a planície brilhava ao clarão da lua, sua ira transbordava:

— Os intrusos estão deitados, tranquilamente em meu leito; roubaram meu lugar, na saleta que dá para o átrio, e esvaziaram minha sacola de dinheiro. Quanto a mim, estou encerrada no fóro de minha casa, sem qualquer conforto e eles ainda desejam minha morte!

Depois, sua risada de velha megera soava lugubramente, e vovó adormecia a sonhar seus terríveis planos de vingança.

x x x

Ela esperou, certo dia, o calmo silêncio do meio-dia, quando Pierke e sua mulher se encon-







travam no campo. Então, pediu à criança que ficasse tranqüila, e lhe disse:

— Agora!

Desceu então mansamente pela fresta, e foi até detrás da casa, onde sabia encontrar-se inúmeras pedras pesadas. Com uma força admirável para gente de sua idade, escolheu as duas maiores e as empurrou, até que, cansada, teve de voltar para o sótão.

Cada dia recomeçou, à mesma hora, esse trabalho, com uma paixão crescente, e uma pertinácia incrível. Por fim, conseguiu colocar as pedras dentro de casa, passar uma corda por baixo delas, e içá-las justamente por cima do leito. Atravessou a corda a uma trave do sótão, e puxando daqui e dali, conseguiu que as duas pedras ficassem suspensas justamente sobre os lugares em que Pierke e Pieternelle costumavam colocar a cabeça, de noite. Depois, amarrou fortemente as extremidades das duas cordas a duas sólidas vigas do teto. Só então, satisfeita, ousou descansar. E esperou pela noite.

— Porque essas pedras estão erguidas sobre nossas cabeças? perguntou Pieternelle, assim que chegou do trabalho campestre.

— Ora, são as que tapavam as aberturas do teto contra o vento, respondeu Pierke.

Estava por demais fatigado para olhar para cima e logo ambos adormeceram profundamente.

Durante esse tempo, Vovó dava instruções ao pequenino Pieterken:

— Escuta, menino: estás ouvindo esse barulho, lá fora? São as árvores... São as grandes, as belas árvores, nas quais o vento sopra, e que resplandecem, sob a claridade dourada do luar, ou do sol, conforme seja de noite ou de dia. Tu hás de vê-las, minha criança. Mais tarde.

— Mas quando? Quando?

— Quando teus pais estiverem mortos. E, aliás, eles não viverão muito tempo mais.

— E como é que a senhora sabe?

— Toca: eu amarrei, nesse sótão, as cordas de suas vidas! quando elas apodrecerem, ou se acaso alguém as cortar, durante a noite, a morte virá! Um pequenino golpe de minha faca, e tudo acontecerá.

A velha feiticeira sorriu, e comprimiu a lâmina de sua faca, bem leve, contra o braço do menino, que recuou, espantado.

Pieterken tocou nas cordas. Nada disse, apenas aguardou. Interiormente, nêle existia o desejo de possuir os olhos da anciã, para com eles poder apreciar as belas árvores sob a luz do luar...

— De quem são essas cordas, vovó?

— São de teu pai e de tua mãe?

— E aquela?

— É a minha, respondeu, rindo-se com as próprias invenções.

Novamente se calou a criança, e esperou. Porém, durante a noite, fez todo o silêncio possível, a fim de que ninguém percebesse que não conseguira dormir, e quando Vovó roncava já a sono sóto, tomou a faca do bolso e procurou, tateando, as cordas.

Começou a cortar a primeira, e depois de um esforço violento, ela cedeu. Qualquer coisa tombou pesadamente lá em baixo, e escutou-se um grito agudo.

— Ótimo, pensou Pieterken.

Mais violentamente ainda cortou a segunda corda, e de novo ouviu-se um estrondo, logo seguido de um grito.

— Muito bem, tornou a pensar Pieterken.

Todavia, ainda não tinha coragem de tirar os olhos da velha, e até estava sentindo um pouco de remorsos por ter sido o causador de sua morte. No excesso da pressa jubilosa, procurou a fresta do sótão, e desceu lentamente, com pés que procuravam os degraus cuidadosamente. Errou quase duas horas seguidas pela casa a fora, até que, finalmente, encontrou a porta de saída.

Lá fora, um frescor desconhecido lhe veio de encontro ao rosto. Porém, a escuridão continuava a mesma de dentro do sótão, e Pieterken não conseguia divisar as árvores e a luz solar de que tanto falara a velha. Teve ímpetos de ir arrancar-lhe os olhos, lá no sótão, porém já não sabia mais o caminho a seguir. Feriu-se nos espinhos, tropeçou nas pedras, magoou-se em todo o corpo. Viu que era necessário alguma coisa, ou alguém, para conduzi-lo através das coisas duras e agressivas que encontrava pelo caminho. Porém, muito embora gritasse insis-

(Cont. na pág. 54)



**(com licença de Manuel Bandeira) APRESENTA**

# O BRASIL E A ANTÁRTICA

Segundo fontes fidedignas, a Argentina, o Chile, a África do Sul, a Austrália, e a Nova Zelândia consideram como suas e estão reivindicando para si as extensões da Antártica que se encontram fronteiras aos seus territórios.

Como uma boa parte do Brasil também fica defronte do chamado Sexto Continente ou Continente Gelado, já se cogita entre nós de fazer valer nossos direitos a uma lambidinha no sorvete antártico.



Flagrante dos membros que serao provavelmente nomeados para integrar a Comissão de Demarcação e Estudos Preliminares do Território Brasileiro da Antártica, cuja criação espera-se para breve.

## Interesse Geral Dos Países

Também o Sr. ... um dos líderes das ciências voadoras, foi convidado pelo C.C.C., e declarou: — É mais um assunto da agenda dos juristas e geólogos é certo, nações que se julgam donas daquele Continente proximidade ou por efeito da exploração. Tendo em visivelmente tecnológico do mundo, a Antártica deve interir os países, não só sob o ponto de vista militar, como sob o ponto de vista científico. A Antártica poderá vir a ser futuro, numa grande nação. Quem sabe? Quanto ao di-

A prova de particular, chamando a atenção do mundo para a Antártica. Isto sugere considerações que naturalmente nos levam, a nós, brasileiros, a reconhecer que não podemos ficar alheios aos interesses que vem despertando o sexto continente. A antiga "terra australis incognita" está sendo disputada por várias nações que atribuem a enorme importância que ela fatalmente será em futuro não muito remoto. Ora, isto não pode ser indiferente. Não.

nora atual. Estão  
 tentos de dois ou  
 elementos, a ser u  
 tística será para  
 leres das nações  
 osar de largos r  
 Os países que a  
 saras daquelas ter  
 de lhes ficaram fre  
 a Argentina e o Chi  
 ativo, como os Es  
 de desbarbar, como  
 Em 1820, o inglês  
 mar e o russo Belling  
 mesmo tempo das pr  
 avançada da Antártica  
 Única que põe o pé em  
 invoca aquele direito  
 mento que ninguém p  
 tística sem o seu assen  
 de uma imprudência d

**Suscitada a Questão de um Artigo de Omissão Pronunciam-se as Autorizadas Perdas — Superada a Objeção da ONU no Caso da Demarcação Das Terras, Serão Distribuídas**

# Antártica

## A Grande Maioria Col

**D**ISCUTE-SE a denomina-  
ção da Antártica ou Antártida  
de ser exposta com fe-  
zendo, ninguém, com a  
ento de dar um nome defi-  
nido ao continente, contra as  
aqueles variedades locais  
das austrais", ou, já um po-  
do "austral". No entanto, do-  
se sobre as terras austrais  
e o Instituto "Descrições  
Agallônicas", Imprensa em M.

Só em 1993 aparece autorizada-mente a denominação de Antártica, usou-se primeiro a substituir de modo próprio aquelas obras evidentemente vagas de "Regiões Antárticas", "Terres Antarctiques", "South Polar Regions", "New South-Isle Land", "Terre Polair" etc. Efetivamente, naquele ano, como se vê na completa "Bibliografia do Antártico", organizada e publicada pela Repartição de

parte  
rim  
União  
lume  
Geogr  
Antár  
Physi  
of Ant  
ano seguinte, isto é,  
em 1894, era divulga-  
do, também na Ingla-  
terra, um estudo de  
A. W. Greeley, intí-  
tulado "On Antareti-  
cs" e, em 1897, o de  
H. O. Forbes, "An-  
tarctica - A Van-  
ished Austral Land",  
publicado pela "Fort-  
nightly Review. Um  
ano depois, imprí-  
ma-se, em Halle -

**"Neue Südliche Land" "Terre Polari" etc.**

partamento da Marinha dos Estados Unidos, foi dada a lume em Londres "A Geografia Física da Antártica" ("The Physical Geography of Antarctica"). No ano seguinte, isto é, em 1894, era divulgado, também no Inglês,

ma-se, em  
trabalho "A  
do alemão  
Nos Estados  
a denomina  
Antártica  
empregada p  
meira vez  
estudiosos esp  
do, em 1902,  
de E. S. B  
titulada pre  
te "Antar  
editada em  
fia. Em 190  
de ter

**TRATANDO,** ... da posse das terras que o Brasil não deve ficar alheio aos mam em torno do sexto Continente. Se África do Sul, Austrália e a Nova Zelândia...

Antarctica, porque os seus  
contestáveis que o Brasil  
uma boa porção do nosso p  
a gelado. A respeito, pre  
mos abaixo o que elas n  
jurisconsulto Levi Carn  
estão que merece ser a  
que de interesses outros.  
no. Sobretudo, o interê  
não foi manifestado pelo  
pronunciar-me-ei pelo O

# ANTÁRT

**nciam-se a Respeit  
izadas Personalidade  
Sugerida a Med  
ONU no Caso  
ção Das Áreas  
Distribuídas (6.ª**

terras da Antártica  
pelos seus interesses q  
to. Se a Argentina  
na Zelândia têm di  
de seus territórios  
qual pode igual.  
nessa pais fica tan  
os procuramos ouv  
nos nos disseram  
Carneiro, que c  
estudada at  
nos. Sem exami  
teresse ou o dire  
pelo Governo C  
to

steatite, sem entrar

fronta com a Argentina, território. Ache quantidade de petróleo em terras tão ricas.

...se pronun-  
...essa da  
...parém, e  
...deverie  
...ONU, pois há i-

Tudo o que os americanos fazem para o Brasil é bom — como a ONU, o dia do Arroz e as escolas que se fundam, atualmente se trata de C. Como se vê por outras con-

paralógicas, o  
direito "de  
a questão s  
olicitado pelo  
r o problema



M CONFORMIDADE com o Relatório

apre-  
a-8  
a a  
ia  
lier  
ern  
o do  
ados  
res  
ar  
uzi  
si  
08  
01,  
A  
ou  
am  
35  
risi  
do  
Do  
str  
res  
eu  
por  
das

BF

da  
d  
a  
a  
a  
o.  
i  
na  
um

saído apreciável em caixa.

compromissos de ordem financeira,  
nacionais, que  
ritos rigorosi  
Além disto,  
o pagamer  
dos empre  
te para que  
cento de que c  
us

NOVAÇÃO D.  
M

conjunto da  
acentuar os  
s a Estrada  
Em 1953, esse  
da Cia. Vale  
locomotivas l  
essa aquisição  
a as possibilid  
rio de ferro  
o do Vale do

terindo-se a este processo da E. F.  
ia a Minas, assim se expressa o Re-  
o

dqi  
etê  
rm  
va  
as;  
de  
i-se  
icic  
a i  
etri  
te  
pa  
fot  
ito  
de  
ur  
me  
os,  
do.  
o i  
ali  
us  
aba  
de  
r-s  
s

ju:

stanento que ai está por fa-

"A pequena capacidade de transporte  
das a vapor em serviço na  
nas — 450 tone!  
eração. Diante  
is da tração  
ção já fo.  
na, a (sua Est  
redução  
nprêg  
m, o  
sarà a  
500 tor  
mpôst  
esel-el  
tonel  
e 1.125  
arão,  
r, qu  
uinte  
(tra  
total

as nã  
r de  
am f  
ra re  
nentô  
con:  
arado  
em t  
o empe  
P. Vitor  
etros de  
nelhore  
o, dimi  
antes  
(2.07

Por outro lado, ainda ressaltam novos  
melhoramentos introduzidos na estrada

anos, sendo bastante expressivos os al-  
garismos seguintes: Em 1951 o total ex-  
táculos que muitas vezes se i-  
lidariedade das classes conse

de  
des  
tra  
isfri  
sseg

tos  
"L  
da  
que  
terr  
ever  
curs  
cum  
sség  
e e  
elha  
nen  
teri  
iga  
Br

vasta rede de armazem  
tribuição de combustív

inco anos  
eiros em  
amente i

ao Brasil  
Presidente  
Chefe do Gal  
Relações Ex  
la Câmara d  
eronáutica. B  
Dumont receb  
visita se da  
scentando q  
da Iareia C  
ue, a chega  
ção em públi  
panhia do C  
cio e Nacion

resta o Exé-  
País, empreg  
de estradas  
a interesses na  
oficiais e pra

missão com projetos de engenh  
Tal serviço importa muito, po  
tinuo, porque não depende de ver  
ao plano rodoviário; segundo, nã  
das se constroem pelo preço do  
ligação íntima com as regiões o  
terra, a topografia etc.

A abertura de estradas de  
Exército, tem sido da maior impo  
trabalho, que atende a vários fi  
a contento, nenhuma jus

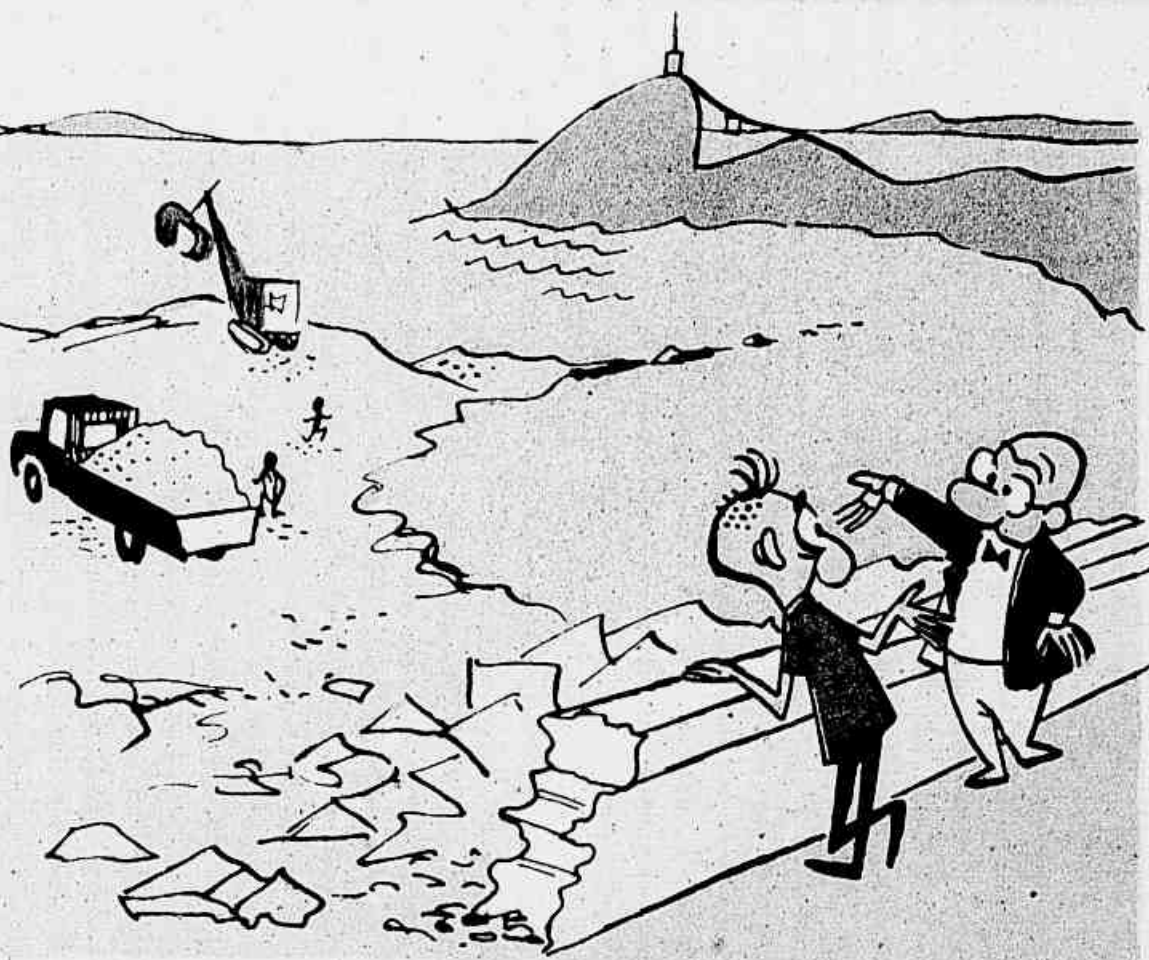
de qu  
cia pú  
res nã  
o estr  
retirar  
so em  
interesse  
executi  
ordiná  
ito? E e  
rvice Na  
ros milit  
is politici  
teitas q  
por técnic  
olíticos a  
interesses  
caber com  
ciências té  
ara tal fim  
nesse caso  
os por "ex  
Presidente  
om sorriso  
nicipativa do

rtância para o  
ns, vem sendo feito com vanta-  
tificativa há para que elementos  
político, se esforcem por extin-  
im assim procede: a abertura de  
lica, ou pelo S. N. E. R., ofere-  
ção. Nenhuma margem há para  
das pelo Exército, e daí o enipe-

SEJA DOS PRIMEIROS  
A ADQUIRIR UM LOTE!  
VENDAS  
NA PLANTA  
A LONGO PRAZO  
PARA BREVE ENTREGA  
IMOBILIARIA  
ANTART



— Mas não fica muito longe?  
— Qual o que! É logo ali, defronte da Avenida  
Beira-Mar.



— Afinal, iremos mesmo à Antártica?  
— É só questão de tempo: eles vão aterrando, vão ater-  
rando, quando a gente espantar, está lá.

uo plano de proporcionar aos emprega-  
dos moradia adequada; contribuição  
para organizações sociais constituídas  
na função

A ANTÁRTICA É NOSSA!



— Era só o que faltava; agora vamos  
ter a nossa Sibéria também.

acompanhando o ritmo da produção  
de minério de ferro, as exportações da  
resença.

de riqueza, semelhantes às de São  
m em outros rincões da terra bra-

amente ainda não nos foi possível,  
de afazeres, atender aos honro  
que nos fizeram os Governos de  
ulista. T

dar por  
dos oit  
nos tem  
tos e est  
s homens  
Estados  
presentan  
ado e a  
nada  
parlam  
istas  
sodim  
presid  
reu  
ura o  
esse  
Est  
nos  
ssado  
cret  
nos t  
amen  
soes  
gresso  
pora  
por  
kars,  
erç  
oan  
la não  
n os  
os índices  
estatísticos  
peridade  
hoje con  
a uma  
população  
paulista.

la, em boa hora compreendemos que  
adstrito apenas o campo estritamen  
t. Cumpria-lhe, ao contrário, em-  
colaboração decisiva à agricultura,  
e comu. Não nos deteremos nas  
propostas de fundo agro-pastoril, cuja interli-  
gação com a agricultura e a pecuária é uma  
indivisível unidade de desenvolvimento.

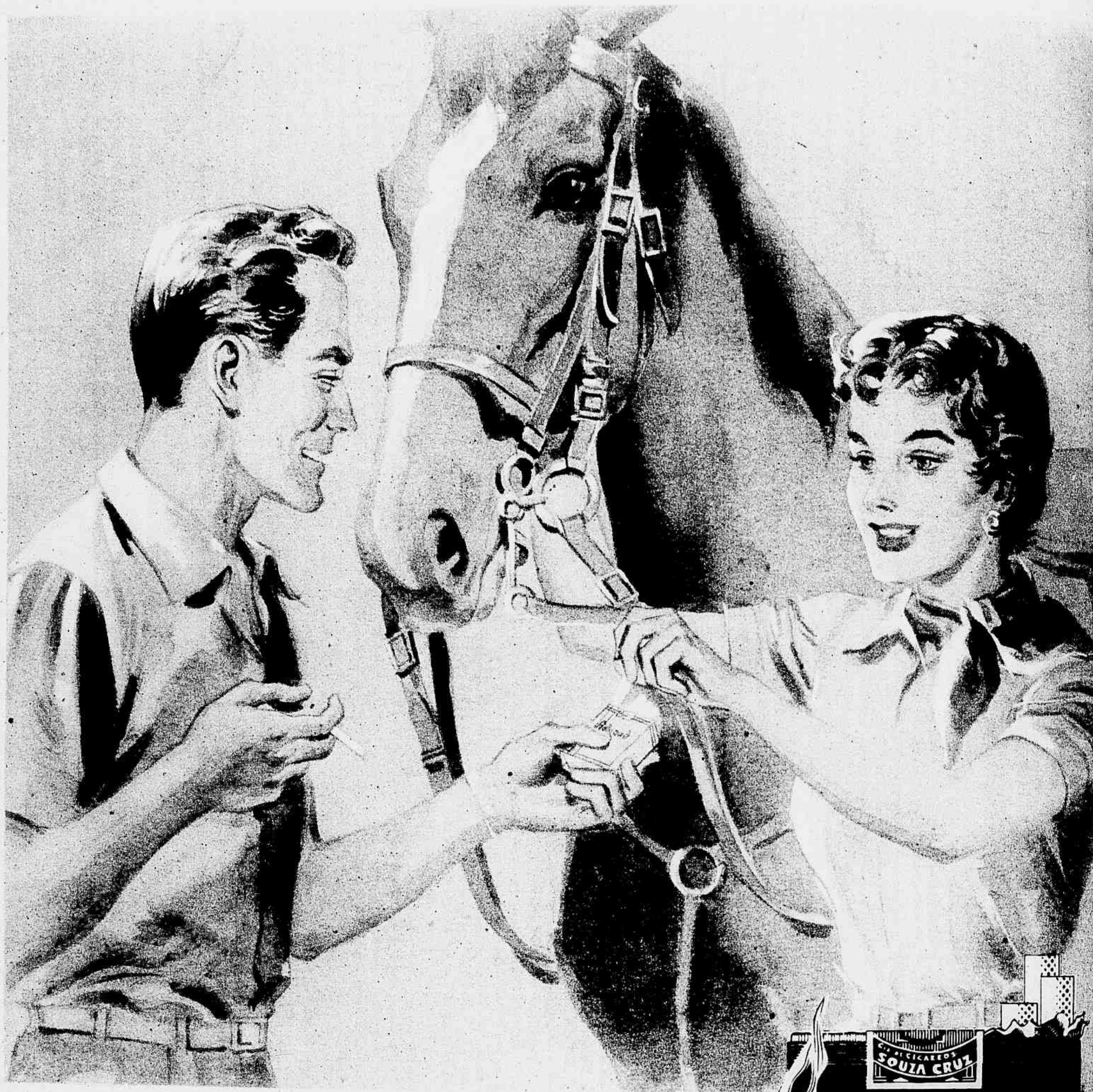
ÚLTIMA HORA!

Ao encerrarmos esta edição, chega-  
nos a notícia de que os países não  
fronteiriços com a Antártica, mas de-  
sejosos igualmente de ampliar seus  
domínios, estão desde já reservando  
seus territórios na Atlântida, assim  
que a mesma vier à tona.

— Foi aprovada com unanimidade a seguinte emenda  
ao decreto-lei que estabelece a mudança da Capital: onde  
se lia Goiânia, leia-se Antártica.

ocorreu em dezembro último, e foi o  
primeiro até agora realizado com o con-





*Agora, encontrei o meu cigarro...*

# hollywood

*uma tradição de bom gosto*

Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

